

**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

ALESSANDRA BABLER GUSMÃO

**AS REALIZAÇÕES DA VIBRANTE NA VARIEDADE
LINGÜÍSTICA RURAL DO PARANÁ:
UMA ABORDAGEM GEOVARIACIONISTA**

Londrina
2004

Alessandra Babler Gusmão

**As realizações da vibrante na variedade
lingüística rural do Paraná:
uma abordagem geovariacionista**

Dissertação apresentada ao programa pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina
2004

ALESSANDRA BABLER GUSMÃO

**AS REALIZAÇÕES DA VIBRANTE NA VARIEDADE
LINGÜÍSTICA RURAL DO PARANÁ:
UMA ABORDAGEM GEOVARIACIONISTA**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina
(Orientadora)

Profa. Dra. Sônia Maria Lazzarini Cyrino
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini
Pontifícia Universidade Católica - RS

Londrina, 01 de março de 2004.

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo, Jovano.

Aos meus garotinhos Arthur e Guilherme,
que abdicaram tanto de meu tempo e
dedicação.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, orientadora dessa dissertação e transmissora constante de entusiasmo, energia e amor ao trabalho lingüístico sobre o Paraná.

À Professora Doutora Sônia Maria Lazzarini Cyrino, pelo incentivo, espontaneidade e competência demonstrados na coordenação desse mestrado.

Ao Professor Dr. Ismael Pontes, minha gratidão pela ajuda no uso do programa computacional e pelas sugestões relativas à análise de dados.

Aos demais mestres de toda a vida, desde a professora do curso primário, Dona Peta, e tantos outros professores que ao longo de minha vida escolar fizeram brotar em mim a paixão pelo conhecimento.

GUSMÃO, Alessandra Babler. **As realizações da vibrante na variedade lingüística rural do Paraná**: uma abordagem geovariacionista. 2004. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. 2004.

RESUMO

O objeto de estudo deste trabalho é o fonema /r/ na variedade lingüística rural falada no Paraná. Para tanto, analisa 5.633 realizações desse fonema obtidas na pesquisa de campo do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR – (Aguilera, 1994 e Arquivo Sonoro Inédito). Desses *corpora* selecionaram-se os registros de setenta e dois informantes³, de ambos os sexos, distribuídos em trinta e oito pontos de modo a representar o território paranaense. Em três contextos de ocorrência, isto é, intervocálico, início de palavra e trava silábica, busca-se descrever contextos fônicos favoráveis ao uso de determinada(s) variante(s) da vibrante, detectar influências sociais, bem como estabelecer áreas geográficas de predomínio de determinadas articulações das variantes.

Palavras-chave: Variedade Lingüística Rural Falada no Paraná. A Vibrante. Estudo Geovariacionista.

³ Há 72 informantes porque nos pontos lingüísticos 7, 41, 50 e 52 temos dados de apenas um informante, conforme justificativas apresentadas na página 68 (Metodologia)

GUSMÃO, Alessandra Babler. **As realizações da vibrante na variedade lingüística rural do Paraná**: uma abordagem geovariacionista. 2004. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. 2004.

ABSTRACT

The object of study of this work is the phoneme /r/ in the linguistic variety spoken in Paraná. So, it analyzes 5.633 accomplishments of that phoneme obtained of seventy two informers, of both sexes, distributed in 38 points to represent the “paranaense” territory, inquired in the research of field of the “Atlas Lingüístico do Paraná” - ALPR - (Aguilera, 1994 and Unpublished Resonant File). In three different occurrence contexts, that is, intervocalic, word beginning and syllabic restraint, it's the aim of this work to describe contexts favorable to the occurrence of such variants (s) of the vibrant, to determine social influences, as well as to establish geographical areas of prevalence of certain articulations of the variants.

Keywords: Rural Linguistic Variety Spoken in “Paraná”. The Vibrant. Geovariacionista Study.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Relação das entrevistas e sua qualidade sonora	56
Quadro 2 -	Informantes, pontos lingüísticos, escolaridade e faixa etária	58
Quadro 3 -	Distribuição dos informantes por escolaridade e gênero	59
Quadro 4 -	Distribuição dos informantes por faixa etária e gênero	59
Quadro 5 -	Distribuição dos informantes por faixa etária e escolaridade	59
Quadro 6 -	Distribuição dos informantes através dos pontos, considerando a escolaridade, a faixa etária e o gênero	77
Quadro 7 -	Comparação das diferenças de uso do [h] entre a posição intervocálica e inicial	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pontos lingüísticos em que ocorrem vibrante retroflexa médio-palatal sonora	50
Figura 2 - Mapa do Paraná e os 65 pontos lingüísticos	53
Figura 3 - Os 38 pontos selecionados para a pesquisa	54
Figura 4 - /r/ fraco intervocálico – pontos em que o tepe retroflexo não ocorre ...	75
Figura 5 - /r/ fraco intervocálico – pontos de variação entre [P] e [ʀ]	76
Figura 6 - /r/ forte intervocálico – área em que ocorre categoricamente a variante [h] ou a variante [r]	86
Figura 7 - /r/ forte intervocálico – área de disputa entre as variantes [h] e [r]	87
Figura 8 - /r/ em início de palavra – pontos em que as variantes [h] e [r] ocorrem categoricamente	92
Figura 9 - /r/ inicial – pontos em que há variação entre [h] e [r]	93
Figura 10 - O tepe alveolar em posição intervocálica	96
Figura 11 - Tepe alveolar em início de palavra	97
Figura 12 - /r/ em trava silábica – ocorrência categórica das retroflexas	102
Figura 13 - /r/ em trava silábica – área de variação entre [ʀ] e [P]	103
Figura 14 - Uso do [ʀ] e do [P] – área categórica da retroflexa e área de variação entre as duas variantes	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Número total de ocorrências de [P], [♦] e [©]	47
Tabela 2 -	Número de ocorrências de [P], [♦] e [©] conforme o item lexical	48
Tabela 3 -	Realizações de [P], [♦] e [©] conforme a tonicidade da sílaba	48
Tabela 4 -	Realização de [P], [♦] e [©] conforme a tonicidade da sílaba e o contextolingüístico precedente	49
Tabela 5 -	Número de ocorrências das variantes da vibrante no corpus em geral	68
Tabela 6 -	Número de realizações da vibrante conforme o contexto	69
Tabela 7 -	Número de ocorrências das variantes da vibrante em posição intervocálica	70
Tabela 8 -	Distribuição de dados da variante [}] entre as variáveis escolaridade e faixa etária (sem amálgamas)	72
Tabela 9 -	Distribuição de dados da variante [}] entre as variáveis escolaridade e faixa etária (após amálgamas)	73
Tabela 10 -	/r/ fraco intervocálico – Uso das variantes [}] e [P] e a faixa etária	78
Tabela 11 -	Uso variável de [}] e [P] e o gênero do informante	79
Tabela 12 -	Uso variável de [}] e [P] e a variável social escolaridade	80
Tabela 13 -	Uso variável de [}] e [P] e a tonicidade da sílaba	81
Tabela 14 -	Uso variável de [}] e [P] e o contexto lingüístico precedente	81
Tabela 15 -	/r/ forte intervocálico – variantes amalgamadas	84
Tabela 16 -	/r/ forte intervocálico – variantes [h] e [r] e o gênero do informante ...	88
Tabela 17 -	Uso variável das variantes [h] e [r] e a faixa etária	88
Tabela 18 -	Uso variável das variantes [h] e [r] e a escolaridade do informante ...	89
Tabela 19 -	Tonicidade e o uso das variantes [h] e [r]	89
Tabela 20 -	Número de sílabas e as variantes [h] e [r]	89
Tabela 21 -	Número de ocorrências das variantes em início de palavra	91
Tabela 22 -	Número de ocorrências das variantes em início de palavras (após amalgamações)	91
Tabela 23 -	Tonicidade e o uso das variantes [h] e [r] em início de palavra	95

Tabela 24 -	Uso do [P] em oposição às variantes [r] e [h] em contexto intervocálico (/r/ forte)	98
Tabela 25 -	Uso do [P] em oposição às variantes [r] e [h] em posição inicial	98
Tabela 26 -	Contexto lingüístico precedente e sua influência no uso do [P] em oposição [♦] e [P] no contexto /r/ forte intervocálico	99
Tabela 27 -	Número de ocorrências de cada variante em trava silábica	100
Tabela 28 -	Cruzamento entre as variáveis modo de articulação da consoante seguinte e ponto de articulação da consoante seguinte – distribuição de ocorrências na variante [♦]	101
Tabela 29 -	Escolaridade e as variantes [♦] e [P] em trava de sílaba	106
Tabela 30 -	Gênero e as variantes [♦] e [P] em trava de sílaba	106
Tabela 31 -	Uso das variantes [♦] e [P] em trava silábica e faixa etária	107
Tabela 32 -	As variantes [♦] e [P] em trava silábica e a sonoridade da consoante seguinte	108
Tabela 33 -	As variantes [♦] e [P] e o ponto de articulação da consoante seguinte	108
Tabela 34 -	As variantes [♦] e [P] em trava de sílaba e o modo de articulação da consoante seguinte	109
Tabela 35 -	As variantes [♦] e [P] em trava de sílaba e a tonicidade da sílaba em que se apresenta	109
Tabela 36 -	Contexto lingüístico precedente e sua influência no uso de [♦] e [P]..	109

LISTA DE SÍMBOLOS USADOS NA TRANSCRIÇÃO FONÉTICA⁴

[:] – Marca da sílaba tônica

[P] – tepe ou flepe alveolar sonoro

[}] – tepe ou flepe retroflexa sonora

[r] – vibrante alveolar sonora

[♦] – aproximante alveolar sonora

[©] – aproximante retroflexa sonora

[h] – fricativa glotal surda

[⊗] – fricativa velar sonora

[Ⓜ] – fricativa uvular sonora

[O] – zero fonético

[a] – vogal central baixa

[↔] – vogal central média-baixa

[e] – vogal anterior média alta não-arredondada

[E] – vogal anterior média baixa não-arredondada

[i] – vogal anterior alta não-arredondada

[o] – vogal posterior média alta arredondada

[□] – vogal posterior média baixa arredondada

[u] – vogal posterior alta arredondada

[a)] – vogal central baixa nasal

[e)] – vogal anterior média não-arredondada nasal

[i)] – vogal anterior alta não-arredondada nasal

[o)] – vogal posterior média arredondada nasal

[u)] – vogal posterior alta arredondada nasal

[Y] – vogal posterior alta arredondada (pós tônica)

⁴ A descrição dos fonemas é baseada em SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2001

[I] – vogal anterior alta não-arredondada (pós tônica ou semivogal)

[w] – uau, valor de u assilábico

[b] – oclusiva bilabial sonora

[p] – oclusiva bilabial surda

[g] – oclusiva velar sonora

[k] – oclusiva velar surda

[t] – oclusiva alveolar surda

[d] – oclusiva alveolar sonora

[m] – nasal bilabial sonora

[n] – nasal alveolar dental sonora

[ɲ] – nasal palatal sonora

[tʃ] – africada alveopalatal surda

[dʒ] – africada alveopalatal sonora

[l] – lateral alveolar sonora

[ɫ] – lateral alveolar sonora velarizada

[ʎ] – lateral palatal sonora

[lʎ] – lateral alveolar (ou dental) palatalizada

[s] – fricativa alveolar surda

[z] – fricativa alveolar sonora

[ʃ] – fricativa alveopalatal surda

[ʒ] – fricativa alveopalatal sonora

[f] – fricativa labiodental surda

[v] – fricativa labiodental sonora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 BUSCA DAS ORIGENS DO /r/	17
3 ESTUDOS SOBRE AS VIBRANTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	21
4 A VIBRANTE NO PARANÁ: O QUE JÁ SABEMOS	41
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
5.1 OS PONTOS LINGÜÍSTICOS	52
5.2 A EDIÇÃO DO <i>CORPUS</i> SONORO	55
5.3 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS FITAS K7	55
5.4 AS VARIANTES	56
5.5 OS INFORMANTES	58
5.6 AS TRANSCRIÇÕES	59
5.7 CODIFICAÇÃO, DIGITAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS	60
6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	68
6.1 A VIBRANTE EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA	70
6.1.1 A vibrante em posição intervocálica: /r/ fraco	71
6.1.2 A vibrante em posição intervocálica: /r/ forte	83
6.1.2.1 /r/ forte intervocálico: as variantes [h] e [r]	85
6.2 A VIBRANTE EM POSIÇÃO DE INÍCIO DE PALAVRA	91
6.2.1 /r/ inicial: as variantes [r] e [h]	92
6.3 O TEPE ALVEOLAR EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA (/R/ FORTE) E EM INÍCIO DE PALAVRA	96
6.3.1 Uso do tepe e colonização	99
6.4 A VIBRANTE EM CONTEXTO DE TRAVA SILÁBICA	100

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	119
ANEXO A: Nome dos Pontos Lingüísticos em Ordem Numérica dos Pontos	120
ANEXO B: Nome dos Pontos Lingüísticos em Ordem Alfabética.....	122
ANEXO C: Tema da Pergunta do Questionário do ALPR	124
ANEXO D: O Paraná e Suas Mesorregiões	127
ANEXO E: Distribuição dos informantes entre a área categórica e a área de variação, considerando-se a faixa etária	128
ANEXO F: Fotocópia da Carta 132 do ALPR – Redemoinho	129
ANEXO G: Fotocópia da Carta 186 do ALPR – Isófonas do -/R/- em VERRUGA	130
ANEXO H: Fotocópia da Carta 187 do ALPR – Isófonas do -/r/-, em travamento silábico em parteira	131
ANEXO I: Fotocópia da Carta 21 da tese de livre docência de José Luiz da Veiga Mercer “Áreas fonéticas do Paraná”	132

1 INTRODUÇÃO

As vibrantes constituem um grupo de consoantes complexo tanto no que se refere às realizações fonéticas quanto à sua definição no quadro fonológico da língua portuguesa, e, embora muitos estudiosos tenham se dedicado à análise dessas consoantes, questões importantes ainda não foram elucidadas satisfatoriamente. A primeira questão que se levanta diz respeito ao seu *status* fonológico: trata-se de um ou dois fonemas? Câmara Jr., na obra *Para o estudo da fonêmica portuguesa* (1953), primeira edição, afirma a existência de um único fonema vibrante, o /r/ forte. Todavia, na segunda edição da mesma obra (1977), o autor revê essa posição e passa a defender a existência de dois fonemas: um /r/ fraco ao lado de um /r/ forte. Em pleno acordo com Câmara Jr., Miranda (1998), analisando dados sobre a aquisição da linguagem, evidencia e defende que no português do Brasil há dois fonemas róticos. Monaretto (1994), por sua vez, argumenta em prol da tese de que há apenas a vibrante simples, ou /r/ fraco, no sistema fonológico do português, e que sua realização na posição de contraste (entre vogais) seria a ocorrência de uma vibrante simples *versus* duas vibrantes, ou geminadas. Seus argumentos baseiam-se no fato de que ocorre só a vibrante simples em posição final de palavra, em grupos consonantais, e em zonas de colonização européia (alemã e italiana), os falantes não diferenciam vibrante forte e fraca. A segunda questão é que, seja um ou dois fonemas, as vibrantes apresentam várias articulações, havendo na sua classificação, às vezes, divergência entre os foneticistas. É ainda preciso ressaltar que as diversas realizações fonéticas das vibrantes marcam variedades lingüísticas regionais (por exemplo, /r/ do carioca) e socioculturais (por exemplo, /r/ caipira).

Nesta pesquisa tratamos do fonema /r/ no português falado e rural do Paraná e desenvolvemos um estudo geovariacionista sobre o uso das vibrantes no falar rural paranaense. Nosso interesse maior é esclarecer a relação existente entre as diversas formas de realizações do fonema /r/ e determinados fatores lingüísticos e extralingüísticos. A partir de uma análise quantitativa de dados referentes a setenta e dois informantes, de ambos os sexos, distribuídos de modo a representar o território paranaense, inquiridos na pesquisa de campo do Atlas

Lingüístico do Paraná – ALPR – (Aguilera, 1994 e Arquivo Sonoro Inédito), buscamos descrever contextos fônicos favoráveis a determinadas articulações da vibrante, bem como estabelecer áreas geográficas de predomínio das variantes.

O presente trabalho compõe-se de seis capítulos e subcapítulos. Sumariando os capítulos, temos que o primeiro, segundo e terceiro apresentam a literatura existente sobre o fonema /r/. No capítulo primeiro, apresentamos sua descrição no latim, sua adaptação à língua portuguesa, levantando alguns aspectos articulatorios, mencionando inclusive alguns problemas na escrita que surgiram no decorrer de sua passagem do latim ao português. Em seguida, no capítulo segundo, apresentamos vários estudos sobre as diversas realizações desse fonema no português brasileiro em algumas partes do país, principalmente aqueles que seguiram os pressupostos teóricos da Teoria da Variação, a qual também adotamos nesta pesquisa. Na seqüência, no capítulo terceiro, mostramos os trabalhos que tratam do fonema no Paraná, especificamente. A metodologia é explicitada no quarto capítulo, cujos subcapítulos relatam todas as etapas do desenvolvimento desta pesquisa, desde a escolha dos pontos lingüísticos, a edição do *corpus* sonoro, as transcrições, a codificação e a quantificação dos dados, entre outras etapas. Enfim, mencionamos todos os procedimentos necessários a uma análise quantitativa. Por último, no capítulo quinto e respectivos subcapítulos, refletimos sobre os dados e discutimos os resultados à luz dos pressupostos teóricos adotados neste estudo, levando em consideração três diferentes contextos em que a vibrante pode aparecer, isto é, posição intervocálica (/r/ fraco, como em *caro* e /r/ forte, como em *carro*), início de palavra (como em *redemoinho*) e travando sílaba no meio da palavra (como em *verde* e *percevejo*).

2 BUSCA DAS ORIGENS DO /r/

É possível resgatar a história dos sons como se fez com a escrita. Sabemos pelos registros, por exemplo, muito sobre as mudanças ocorridas na língua do latim ao português arcaico e desse ao português moderno. Podemos saber, por exemplo, pelas notações escritas, como eram pronunciados há séculos atrás muitos dos fonemas do francês, do português, etc., ainda que as técnicas de gravação e reprodução acústicas só tenham se desenvolvido no século XX, resultando numa série de aparelhos domésticos para armazenar os sons. O primeiro protótipo do fonógrafo foi obtido pelo francês Léon Scott em 1857, quando estudava as características do som. Somente vinte anos depois, no entanto, graças a uma máquina inventada por Thomas Edison, foi possível ouvir a reprodução de uma gravação. Assim, o que sabemos sobre a pronúncia dos fonemas antes dessa invenção é resgatado nas descrições escritas deixadas pelos lingüistas, já que até então não havia possibilidade de registrar a pronúncia de nossos antepassados.

Sobre os fonemas do português do Brasil, ressalta-se como fonte de conhecimento a análise estrutural de Câmara Jr. Em *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, primeira edição, o autor afirma a existência de um único fonema vibrante, o /r/ forte:

“A líquida vibrante, assim considerada um só fonema, na base da sua articulação forte, apresenta, além do alofone posicional que é o /r/ brando, uma variação velar, que facultativamente, no sistema da língua, substitui a sua vibração anterior múltipla”. (CÂMARA JR., 1953, p. 110)

Todavia, na segunda edição da mesma obra (1977), o autor revê essa posição e passa a defender a existência de dois fonemas no português: um /r/ fraco ao lado de um /r/ forte. Mas, o desafio que permanece é descobrir de onde surgiram esses fonemas, se é que se pode falar em dois.

Não resta dúvida de que no latim clássico, em posição intervocálica, todas as consoantes, inclusive o /r/, podiam ocorrer como geminadas. Contudo, Câmara Jr. (1985) afirma que, na passagem das consoantes latinas para o

português, as geminadas desapareceram, restando apenas **rr**, que, mesmo não tendo mais a articulação geminada, manteve-se diferente do **r** simples intervocálico. Surgiram, então, dois tipos de vibrantes, o chamado /r/ brando e /r/ não intervocálico com sua articulação forte, caracterizado pela vibração múltipla.

Silva (1996) também afirma que no latim clássico, em posição intervocálica, todas as consoantes podiam ocorrer como geminadas, entretanto na passagem para o português se simplificaram, se lenizaram. A autora distingue dois /r/: a vibrante simples, que ela representa como /r/; e usa o símbolo /R/ para aquilo que se opõe à vibrante simples e pode ser representado por vibrante alveolar múltipla /r<=/, consoante posterior constrictiva [x] ou aspirada [h]⁵. Questionamos: havia então um único fonema /r/ no latim que, em posição intervocálica, podia ser geminado, distinguindo palavras, como nos atestam os exemplos de Câmara Jr. (1953, p.106) *ferum-ferrum*, gerando na escrita *r* e *rr* e nas demais posições qual realização ocorria, vibrante simples ou múltipla?

Malmberg (1954), por sua vez, descreve dois tipos de fonemas vibrantes, um denominado apical e outro uvular ou posterior:

“O primeiro (apical) é pronunciado de tal forma que a ponta da língua, tocando os alvéolos, é empurrada para a frente pela corrente de ar. Graças à sua elasticidade, a língua regressa à primeira posição e, o mesmo movimento vai-se repetindo quatro ou cinco vezes seguidas num r múltiplo. É a este r que freqüentemente se chama ‘rolado’. O r apical vibrante é, por assim dizer, a forma primitiva deste fonema, na Europa e noutros lugares. Deve ter sido o r do latim e do grego e, provavelmente, também o r indo-europeu primitivo. Este r rolado conserva-se em muitas regiões francesas, tanto na pronúncia das classes cultas como (e sobretudo) em dialectos. Mas, quer na França quer nalguns outros países, o r apical foi substituído modernamente por uma pronúncia uvular do fonema. Já não é a ponta da língua mas a úvula que vibra e produz os contactos repetidos com a parte posterior do dorso da língua.” (MALMBERG, 1954, p.82-83)

Além da descrição dos dois fonemas vibrantes, o que mais nos interessa na transcrição é a informação de que o /r/ apical parece ter sido a fase primitiva desse fonema. Ainda, levando em consideração que podia ser simples ou

⁵ Os símbolos usados pela autora divergem daqueles usados neste trabalho: a vibrante simples representamos por [P] e a vibrante múltipla alveolar por [r].

múltipla, e que, no latim, a distinção entre a consoante simples se opunha à geminada pela duração, aquela curta e esta longa, provavelmente o fonema base era a vibrante simples que evoluiu para os outros fones em quase todas as posições, exceto quando intervocálico forte, que deve ter surgido do /r/ geminado em oposição ao /r/ intervocálico fraco, que adveio do /r/ latino simples.

Coutinho (1971, p. 75) aponta que o reflexo da geminação latina pode ser visto no português arcaico, no qual palavras como *rainha* se grafava *rrainha*, *honrado* como *omrrado*. Isso se fazia para que no início e no meio da palavra não se confundisse com o /r/ brando (traçado com um r só), pois tinham valores diferentes. Ainda sobre as geminadas, Coutinho (1971, p. 121), falando da simplificação dessas consoantes no interior de palavras, categoriza que não se simplificaram -rr- e -ss-, porque têm valores diferentes. Que valores são esses? Provavelmente, o fato de distinguir vocábulos, como ocorre hoje no português.

Said Ali (1964, p. 42) confirma que no português arcaico *r* e *rr*, *s* e *ss*, no interior de vocábulos, eram sons diferentes. Como o alfabeto só dispunha de um único símbolo para representar *r lene* e *r rolado*, o melhor expediente foi a duplicação da letra, o que possibilitava diferenciar *caro* de *carro* e *fero* de *ferro*. Todavia, também geminavam o /r/ nos casos em que era sempre rolado (princípio de vocábulo, após consoante ou vogal nasal), como por exemplo: *rreyno*, *rrico*, *rreligião*, *onrra*, *hõrra*.

Williams (1973, p. 39) afirma que, embora se encontrassem no português arcaico todas as consoantes duplas que existiam no latim vulgar, essas consoantes não representavam sons diferentes das respectivas simples, apenas -ss- e -rr- distinguiam-se de -s- e -r-. E como as letras *r* e *rr* representavam sons diferentes, costumava-se marcar o som mais vibrante do /r/ com dois segmentos (rr) em início de palavra (*rreter* por *reter*), antes de *l* (*Carrlos* por *Carlos*) ou depois de *n* (*honrra* por *honra*).

Das informações apresentadas acima, podemos tirar as seguintes conclusões: a) no latim clássico todas as consoantes podiam ser geminadas em posição intervocálica; b) no português arcaico, ao contrário, embora algumas consoantes pudessem aparecer geminadas na escrita, perderam a função de distinguir vocábulos, apenas -ss- e -rr- continuaram a ter essa função. Inclusive, havia confusão na ortografia em relação a esses fonemas, como atesta Williams:

“Quando o copista usava ss intervocálicos por s, e.g., *ussar* por *usar*, s intervocálico por ss, e.g., *dise* por *disse*, e r intervocálico por rr, e.g., *corer* por *correr*, não fazia mais do que falhar no reconhecimento da diferença de sons. Tais grafias podem ter decorrido da imitação do uso indiscriminado de outras consoantes simples e duplas intervocálicas, indiscriminação que não acarretava diferença de pronúncia, e.g., *pallavra* por *palavra*; *cavallo* por *cavalo*.” (WILLIAMS, 1973, p.39)

Parece claro que de um único /r/ latino surgiram dois tipos de /r/: o *r* simples e o *rr* duplo que serviam, na escrita, para marcar sons diferentes em posição intervocálica. O mesmo ocorre no português atual. Outra resposta que podemos deduzir das informações acima é que no latim o /r/ realiza-se como vibrante anterior. No português arcaico, a despeito da variante, parece que em posição inicial, em posição pós-consonantal, sempre ocorriam variantes do /r/ forte, tal como apontaram Said Ali (1964) e Williams (1973)⁶.

A questão de se tratar de um ou dois fonemas no português contemporâneo é complexa e vai além dos objetivos do presente estudo. Neste trabalho adotamos, conforme Câmara Jr.(1977), a existência de dois fonemas que, em língua portuguesa, só se opõem em posição intervocálica.

⁶ Os autores de Gramática Histórica auxiliam no esclarecimento sobre a origem do /r/ e sua passagem do latim ao Português Arcaico e deste ao Português Moderno; contudo, em muitos trechos não fica claro se estão se referindo ao fonema /r/ ou às letras **r** e **rr**.

3 ESTUDOS SOBRE AS VIBRANTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O fonema /r/, tema desta pesquisa, já foi objeto de estudo de alguns lingüistas em teses, dissertações ou em artigos diversos. Neste capítulo, apresentamos, em ordem cronológica das datas de publicação, algumas pesquisas que abordam a vibrante. A maior parte dos pesquisadores adota a perspectiva da Teoria da Variação, como Head (1973), Votre (1979), Brandão (1995). Ressaltamos, porém, que não incluímos os trabalhos que versam sobre o Paraná porque integrarão o capítulo seguinte.

Antes, porém, de expormos os trabalhos que tratam da vibrante, fazem-se necessários alguns esclarecimentos sobre a Teoria da Variação, cujo método permite, através da quantificação e análise de dados da fala, avaliar a influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos sobre um fenômeno em variação. Trata-se de um modelo teórico-metodológico que procura estabelecer as conexões entre língua, indivíduo e sociedade, visando a preencher lacunas de modelos teóricos anteriores (Estruturalismo e o Gerativismo). Essa teoria foi formulada por Labov, durante seus estudos, tais como o desenvolvido em Martha's Vineyard, em que investiga a pronúncia do ditongo /ay/ (right) e /aw/ (house) na população dessa ilha situada junto à costa de Massachusetts. Por meio desse trabalho procura explicações para a problemática fonética da centralização da vogal, que contrariava a tendência revelada através da história da língua inglesa, e chega a resultados positivos através da história sócio-econômica de seus habitantes. A sua teoria aprimora-se durante os trabalhos seguintes, como, por exemplo, quando estuda a estratificação do /r/ nas grandes lojas nova-iorquinas e, desse modo, define ao mesmo tempo sua metodologia e sua teoria sobre estratificação lingüística e estratificação social. Muito importante também para o desenvolvimento da teoria é a pesquisa que Labov levou a cabo sobre o falar dos jovens negros do Harlem, com vista a esclarecer as causas do fracasso desse grupo social na escola. Descobre nessa análise que o que é chamado de "vernáculo negro-americano" possui suas próprias regras e apresenta tão grande número de formas "não-padrão", que é inútil tentar descrevê-los em termos de desvios da norma (TARALO, 1986). Por meio

desses e outros estudos, Labov deu consistência à Teoria da Variação, hoje muito utilizada não só em fonética como também para análises morfológicas e sintáticas.

Embasando-se na Teoria da Variação desenvolvida por Labov, Head (1973) é o primeiro a investigar o fonema no Brasil, esboçando um estudo sobre o “r-caipira”, no qual considera classes sócio-econômicas, faixas etárias e diferentes estilos de fala dos habitantes da cidade de Franca (SP), localizada próxima à fronteira com o Estado de Minas Gerais. O autor frisa dois aspectos – a descrição fonética e estrutural e a relação entre freqüência de ocorrência e fatores sociais.

Quanto à fonética, Head (1973) salienta que o /r/ retroflexo apresenta como correlato acústico o que se classifica como *rebaixado* ou *bemolizado*, e esse efeito acústico não é conseguido apenas por meio dos movimentos da língua tais como descrito em Amaral (1920), mas também através de muitas outras articulações, entre as quais, exemplifica, o levantamento do dorso da língua e acrescenta:

“Por esta razão, consideramos que o termo “r-caipira” deverá ser empregado para indicar qualquer líquida não nasal, não lateral, cujo efeito acústico é semelhante ao do *r* retroflexo, seja retroflexa a articulação, ou seja de outra forma, mas com a característica acústica de rebaixada ou bemolizada.” (HEAD, 1973, p. 646)

Para Head (1973), portanto, som retroflexo não é aquele que se articula de tal modo, mas aquele que possui determinadas características acústicas. O autor também contradiz Amaral no que tange ao contexto fonológico. Enquanto Amaral afirmou a existência de /r/ retroflexo inter e pós-vocálico, Head afirma ter encontrado nos dados apenas na posição pós-vocálica (final de sílaba), não em posição intervocálica. Nossos dados, contudo, mostram que no Paraná aparece também a retroflexa em contexto intervocálico, num total de 116 ocorrências (Ver tabela 7).

Na pesquisa de Head (1973), os fatores sociais apontam para os seguintes aspectos: o “r-caipira” é mais freqüente entre informantes mais velhos e entre membros da classe popular; maior grau de reflexão na atividade verbal resulta

numa menor freqüência da ocorrência do “r-caipira”. Por fim, finaliza, destacando que seu trabalho é limitado, visto que se restringe apenas a uma cidade.

Head prossegue em sua investigação sobre o /r/ e, em 1978, apresenta, no artigo *Subsídios do Atlas Prévio dos Falares Baianos: para o estudo de uma variante dialetal controvertida*, novas informações sobre o fonema. De início, aponta opiniões de alguns estudiosos da língua e suas divergências quanto à existência ou não do denominado dialeto caipira. Alguns defendem a permanência de uma forma típica de falar, denominada de caipira, a qual Amadeu Amaral julgava fadado ao desaparecimento e cuja característica própria é a pronúncia de um /r/ retroflexo. Cita, entre esses, Serafim da Silva Neto (1963), Silveira Bueno (1958) e Gladstone Chaves de Melo (1971). Outros o consideram extinto: Wilton Cardoso e Celso Cunha (1970). Frente a discordantes juízos sobre a resistência do dialeto caipira e, por conseguinte, a vitalidade e a extensão geográfica do /r/ retroflexo, Head (1978) propõe o exame de dados dos estudos dialetológicos que registram a existência dessa discutida variante. Esse exame se fará comparando-se os falares baianos, por meio do Atlas Prévio dos Falares Baianos, e São Paulo.

Primeiramente, o autor chama a atenção para o baixo índice de realização do segmento na Bahia – tanto em proporção de informantes quanto em itens lexicais – em relação à elevada freqüência mostrada nos trabalhos dialetológicos sobre localidades paulistas como Capivari, Itu, Piracicaba, São Luís do Paraitinga e Franca. Em segundo lugar, observando o âmbito estrutural, verifica que o “r caipira” não altera a composição do paradigma de oposições fonológicas, já que sua ocorrência é mais comum em posições em que o /r/ forte e o /r/ brando se neutralizam, e, se ocorre em posição intervocálica, corresponde ao /r/ brando. O ambiente fonológico determina que, na posição final de sílaba interna e final de palavra, aparece em todas as localidades, inclusive na Bahia; já em posição intervocálica, apenas em Capivari e Piracicaba e, como segundo membro do grupo de consoantes, somente em Piracicaba. Num terceiro momento, Head (1978, p. 26) propõe determinar quais outras realizações fonéticas alternam com /r/ retroflexo em cada posição e qual a relativa freqüência dessa variante e das outras. Compara para isso as informações de três localidades: Piracicaba, São Luís do Paraitinga, ambas cidades do Estado de São Paulo, e o Estado da Bahia. Sobre essas localidades, o autor afirma que a diferença na freqüência de realização do /r/ retroflexo é grande –

em São Paulo é muito maior que na Bahia e, além disso, diferem-se também, entre as localidades, nas posições e ambientes (final de sílaba interna, final de palavra, intervocálica, segundo membro do grupo de consoantes), bem como as variantes com que esta alterna (vibrante simples sonora, fricativa laríngea – aspiração – sonora, zero fonético, etc.). Head também verifica o /r/ em posição final, e mostra que a presença de /r/ retroflexo é mais comum que O (zero fonético) nas demais classes de palavras do que no infinitivo do verbo, já que no infinitivo ocorre mais O que /r/ retroflexo. Por outro lado, nos registros das cartas geolingüísticas desse Atlas, são escassas as palavras com /r/ no final.

Em conclusão, Head (1978) ressalta a importância de um Atlas para melhor se conhecer a extensão geográfica de uma variedade. No caso do /r/ retroflexo, afirma que o APFB estabelece uma fronteira, definida por obstáculos naturais, delimitando uma área que vai até o Norte de Minas. Porém, assim como os Atlas em geral, oferece dados insuficientes para um estudo complementar à perspectiva geográfica. Além da questão geográfica, o autor destaca a importância de se verificarem fatores de outras ordens: condições estruturais, sociais, históricas e estilísticas.

Diferente de Head (1973; 1978), que busca apreender todos os contextos fonológicos do /r/, Votre (1979) analisa, sob o suporte teórico da Teoria da Variação, a tendência à supressão dos segmentos travadores de sílaba, entre os quais o /r/ aparece: a) -r (amor); b) -r (cerveja); c) -m (viagem); d) i, u (queijo, couve). Nesse trabalho, propõe mostrar as evidências da variação fonológica no Rio de Janeiro, bem como medir o grau de variação no uso dessas regras em função de fatores lingüísticos e extralingüísticos.

No que se refere ao /r/ final, a análise de Votre (1979) indica que esse segmento fônico é mais suscetível à supressão em verbos que em nomes (classe morfológica) e, nestes últimos (adjetivos e substantivos), se o /r/ pertencer a unidades mono-morfêmicas (*lar*) sua probabilidade de retenção é maior do que em unidades em que seja marca mórfica (*professor*). Nos verbos, se a vibrante for marca redundante, a supressão é quase categórica (exemplo: infinitivos), já nos subjuntivos é menor. O autor afirma ter se surpreendido com a descoberta de que consoante e pausa favorecem a manutenção da vibrante, enquanto a vogal

desfavorece, eliminando-se assim uma crença de que a vogal seria elemento favorecedor, por tornar a sílaba aberta.

Os fatores extralingüísticos (sexo, escolaridade, faixa etária) não se mostraram muito significativos: apenas a escolaridade tem uma polarização maior, mas isso para o autor é muito mais um sintoma que uma causa. Desse modo, os resultados levam o autor a acreditar que se trata de uma variação estável.

A respeito da vibrante não final, Votre (1979) atesta que os fatores que favorecem a retenção do fonema diferem daqueles da vibrante em posição final: sua frequência é menor que daquela; sua retenção é categórica entre os universitários e quase categórica entre os alfabetizados. Por fim, Votre (1979) conclui que as variáveis lingüísticas são mais salientes que as extralingüísticas.

Em 1987, Head, numa nova pesquisa sobre o /r/, propõe apresentar um maior aprofundamento a respeito das propriedades fonéticas do fonema e esclarecer a natureza de sua origem. Quanto às propriedades fonéticas, questiona as características que comumente têm-se atribuído ao “r-caipira”, a saber: o caráter retroflexo; o caráter vibrante; o caráter guturalizado; o caráter fricativo.

O caráter “retroflexo” do /r/, segundo Head (1987), foi apontado por todos os trabalhos que tratam do dialeto caipira, a ponto de se tornar referência básica dessa variedade lingüística os termos “r retroflexo” e “r caipira”. Todavia, questiona o autor: “Mas será que o termo ‘retroflexo’ é adequado para caracterizar todas (grifo do autor) as realizações diversas do ‘r’ típico do dialeto caipira?” (HEAD, 1987, p. 7). Quanto ao caráter vibrante, o autor pauta-se nas contraditórias nomeações desse fonema, dizendo que uns o chamam de vibrante retroflexa, outros negam seu caráter vibrante. O autor, então, questiona: “serão compatíveis, ou não, as propriedades de retroflexo e de vibrante na caracterização de um mesmo tipo de som?” (HEAD, 1987, p. 7). Com base na fonética articulatória, para ele, a resposta é não, pois não são possíveis os dois processos articulatórios: para produzir o “r retroflexo” exige-se controle neuromuscular, resultando num estado de tensão que impede a oscilação vibratória. Por sua vez, o caráter guturalizado, isto é, na garganta, é atribuído a um determinado tipo de “r” que adquire uma articulação posterior, realizada pelo dorso da língua e isso conduz à pergunta: “Qual será a relação entre essa articulação ‘na garganta’ e a articulação ‘retroflexa’ atribuída comumente ao ‘r caipira’?” (HEAD, 1987, p. 9). Embora articulatoriamente sejam

diferentes, pois na realização retroflexa é a ponta da língua que se desloca e na gutural é o dorso, seus correlatos acústicos são bem parecidos, destaca o autor. As duas variantes principais deste tipo de /r/, consoante líquida não lateral retroflexa e consoante líquida não lateral dita gutural, são ambas rebaixadas ou bemolizadas e acusam velarização, ou seja, articulação num sentido posterior, em direção ao véu palatino. Há ainda, conforme Head (1987), uma terceira variante do “r caipira”, que possui a propriedade de uma líquida não lateral velar retroflexa e fricativa, derivada de uma articulação que produz uma turbulência no sopro fônico típica das fricativas, assemelhando-se, dessa forma, a algumas formas de realização do /r/ forte, tais como a fricativa velar. Porém, possui a propriedade de ser rebaixada ou bemolizada, sendo auditivamente percebida como retroflexa. Dessa forma, Head (1987), nesta parte do trabalho, discute as propriedades fonéticas do /r/ e, pelo que podemos depreender, entre as três variantes do /r/, há duas principais e outra de menor destaque e, a despeito de possuírem diferentes articulações, todas apresentam a característica de bemolizada, por isso são percebidas pelo ouvido como semelhantes e todas vem recebendo o mesmo nome: retroflexa.

Quanto à origem dessa variante retroflexa, o autor descarta as hipóteses de que esse fonema seria resultado do contato com outras línguas, entre elas as indígenas e as estrangeiras, ou ainda reflexo do meio geográfico. Para ele, o “r-caipira” (retroflexo, gutural, fricativo) seria o resultado da evolução das líquidas, ou seja, haveria uma explicação interna. Na busca da origem, Head (1987) afirma não encontrar dados semelhantes nem no português europeu nem nas evoluções da língua latina e das línguas românicas. Provavelmente, a explicação de sua origem se dê por meio dos processos e propriedades da língua que não incidem só sobre o /r/, mas envolvem outro elemento, o /l/. Os dois fonemas possuem propriedades comuns, pois ambas são líquidas apicais; são os fonemas que mais ocorrem como segundo membro de grupo de consoantes em posição inicial de sílaba, isto é, são os mais recorrentes, próprios da língua portuguesa; fazem parte de um pequeno grupo de consoantes que ocorrem em final de sílaba interna e final de palavra; na linguagem rural, são os únicos fonemas que podem sofrer, em alguns contextos “queda” em final de palavra; alternam-se como segundo membro do conjunto de consoantes ou posição de final de sílaba (Head, 1987, p.14-15). Dadas essas informações, Head (1987, p. 15) afirma que, em termos gerais, a origem da

pronúncia típica do ‘r caipira’: “seria a participação de /r/, junto com /l/, de algum processo de alternância e evolução com esse resultado dentro da respectiva variedade do português do Brasil”. Dessa forma, sob seu ponto de vista, a origem da pronúncia típica do “r caipira” estaria no processo de variação e mudança comum entre esse dois fonemas. As semelhanças fonéticas entre /l/ e /r/, como mostrou Head (1987), permitem a esses fonemas serem permutados em alguns contextos, como no caso dos grupos consonantais.

Mollica e Paiva (1991) estudam quais são as restrições estruturais atuantes na relação [l] → [r] e [r] → [O] em grupos consonantais em português. As autoras investigam, no português falado no Rio de Janeiro, dois processos de variação: a alternância entre /l/ ~ /r/ e a supressão de /r/, ambas em grupos consonantais formados por consoantes oclusivas ou fricativas seguidas de líquidas. Buscam, com isso, saber se constituem fenômenos independentes ou relacionados entre si e também verificar se os resultados de dados sincrônicos convergem com observações diacrônicas sobre mudanças ocorridas nos grupos consonantais.

As autoras tomam como *corpus* 64 horas de gravação de falantes de três faixas etárias, três níveis de escolaridade e de ambos os sexos. Os resultados mostraram restrições lingüísticas semelhantes para os dois fenômenos. Uma delas se refere à presença ou ausência de outro segmento líquido nas palavras, ocorrendo, nesse caso, processo de assimilação (ex. *flora* –*frora*) ou dissimilação (r → O: a autora não exemplifica). De acordo com o que as autoras constataram, nas palavras em que ocorre um outro segmento líquido, seja /l/ ou /r/, há maior chance de alteração (l → r / r → O), e esse fenômeno, segundo elas, é constatado por meio de estudos diacrônicos sobre o português. Ao verificar o modo de articulação e a sonoridade da consoante base do grupo consonantal, dado que alguns estudos têm mostrado que segmentos mais fortes (obstruintes surdas) tendem a enfraquecer foneticamente segmentos circunvizinhos, as autoras detectaram que os segmentos oclusivos e os surdos favorecem o enfraquecimento das líquidas, enquanto os fricativos e sonoros o inibem.

Na década de 90, profícua em estudos sobre o /r/, surgiram trabalhos que abordam diversos aspectos desse fonema instigante. Em 1992, por exemplo, Monaretto apresenta sua dissertação de mestrado tratando do seguinte tema: “*A vibrante: representação e análise sociolingüística*”, em que analisa a

vibrante nos dialetos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (Sul do Brasil). Em artigo publicado posteriormente – O *status* fonológico da vibrante –, Monaretto (1994) chama a atenção para a controvérsia existente sobre o *status* fonológico da vibrante, indagando: há duas vibrantes no português – a forte e a fraca – ou há apenas uma vibrante, e, se assim for, qual delas?

No mencionado artigo, a estudiosa argumenta em prol da tese de que há apenas a vibrante simples no sistema fonológico do português e que sua realização na posição de contraste (entre vogais) seria a ocorrência de uma vibrante simples versus duas vibrantes, ou geminadas. Seus argumentos baseiam-se no fato de que ocorre só a vibrante simples: em posição final de palavra; em grupos consonantais; em zonas de colonização européia, alemã e italiana, os falantes não diferenciam vibrante forte e fraca. Por esses indícios, a autora se filia à corrente daqueles que defendem a hipótese de o sistema fonológico do português possuir apenas uma vibrante, no caso, o /r/ fraco. Na posição intervocálica, ambiente passível de contraste, quando surge /r/ forte, este é o resultado da união de dois /r/ fracos.

Brandão (1995) atesta que os estudos das muitas realizações da vibrante podem contribuir para o real conhecimento e delimitação das áreas dialetais brasileiras. Apresenta, portanto, um breve panorama das pesquisas já realizadas sobre o /r/ que mostra, entre outras discussões, os processos de mudança no plano fonológico, como a posteriorização e o apagamento, bem como a definição de normas regionais de pronúncia. Seu objetivo no referido trabalho é mostrar os resultados da investigação sobre o /r/ implosivo na fala de comunidades pesqueiras do Norte do Estado do Rio de Janeiro. Ao todo, são 13 pontos de inquérito, formando um total de 78 informantes, seis em cada localidade, distribuídos em três faixas etárias e ambos os sexos.

Para efeito de análise, conforme a Teoria da Variação e o auxílio do programa VARBRUL, naquele estudo, foram considerados dois fatores extralingüísticos (área geográfica e faixa etária) e seis lingüísticos (posição no vocábulo; contexto fonológico antecedente, contexto fonológico subsequente; intensidade da sílaba; dimensão do vocábulo; classe gramatical do vocábulo). Foi necessário analisar separadamente o /r/ em posição final e medial.

Na posição final, afirma a autora, a regra de apagamento é quase categórica (78%). A baixíssima frequência de vibrantes nessa posição está dividida entre as seguintes variantes: ápico-alveolares simples (6%), motivada pela presença da vogal no contexto subsequente; vibrantes retroflexas (1%), principalmente diante de vocábulos iniciados por oclusivas; fricativa velar (2%) e fricativa laríngea (12%). Os fatores extralingüísticos não se mostraram significativos. Os fatores lingüísticos mais relevantes apontaram que o cancelamento é maior em verbos e que o contexto lingüístico vogal anterior e central deve ser considerado. De outro modo, a inibição do apagamento se dá em vocábulos monossilábicos.

O /r/ em posição medial apresenta outra realidade. Nesse contexto aparecem, de acordo com Brandão (1995), as seguintes variantes: vibrante ápico-alveolar simples; vibrante ápico-alveolar múltipla; vibrante retroflexa; fricativa velar; fricativa laríngea e cancelamento. Dentre essas, a autora busca os fatores que determinam o uso de vibrantes em oposição às fricativas, para os quais se destacam a idade do informante e a área geográfica. A faixa etária que compreende sujeitos com mais de 55 anos apresenta índices bem mais altos de realização das variantes vibrantes que as das outras faixas. Em relação à área geográfica, Brandão (1995) atribui a manutenção de traços conservadores de pronúncia ao maior isolamento das comunidades.

Callou e Moraes (1995) expandiram a investigação do /r/ para outros contextos além da trava de sílaba e para outras localidades além do Rio de Janeiro. Tomam como *corpus* os dados do Projeto NURC sobre cinco capitais: Porto Alegre (região Sul), São Paulo e Rio de Janeiro (Sudeste), Salvador e Recife (Nordeste). Seguindo a metodologia de análise da sociolingüística laboviana, os autores acima referidos pretendem delimitar áreas dialetais de acordo com as cinco capitais escolhidas; detectar prováveis mudanças através das diferentes faixas etárias e, ainda, mostrar possíveis distinções entre a fala masculina e feminina. Para isso, os pesquisadores consideram sete variantes do fonema /r/: vibrante apical múltipla, vibrante uvular, fricativa velar, fricativa laríngea (aspiração), vibrante apical simples, aproximante retroflexa, zero fonético (não realização).

Num primeiro momento, mostram uma distribuição dessas variantes por região, sem levar em conta a posição do /r/ no vocábulo. Callou e Moraes (1995) demonstram, com isso, uma igualdade de distribuição das variantes entre São Paulo

e Porto Alegre. O mesmo se pode afirmar em se tratando do uso das variantes fricativas velar e aspirada entre as capitais Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Em segundo lugar, tratam da distribuição considerando quatro contextos diferentes: pós-vocálico final (amaR); pós-vocálico medial (MaRta); pré-vocálico inicial de vocábulo (Rato); intervocálico (caRRo). Os resultados vêm reforçar aquilo que a distribuição por região já havia apontado, isto é, uma oposição entre o Norte e o Sul em relação às diferentes variantes do /r/. No que se refere à distribuição por sexo e faixa etária, Callou e Moraes (1995) mostram que as mulheres apresentam um índice maior de aspiração em contexto inicial do que os homens. Já em relação à idade, a aspiração é mais produtiva em informantes mais jovens, principalmente do sexo masculino. Nesse estudo de Callou e Moraes (1995) ficam demonstradas, principalmente, as diferenças entre duas grandes áreas do país: região Norte, de Recife ao Rio de Janeiro, e região Sul, de São Paulo a Porto Alegre.

Um pouco mais sobre o /r/ no Brasil sabemos por meio de Skeete (1997), que o investiga na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, nordeste do Brasil. Nesse estudo também encontramos uma avaliação do papel condicionador que os fatores extralingüísticos – como faixa etária, sexo, escolaridade – e lingüísticos – contexto fonológico, classe morfológica, dimensão do vocábulo – exercem sobre a realização do fonema /r/ em posição pós-vocálica interna no interior do vocábulo. Após fazer um breve estudo histórico da vibrante e tecer comentários de caráter teórico-metodológicos, Skeete (1997) analisa 9.859 ocorrências de /r/ pós-vocálico. Desse *corpus*, a autora depreende o predomínio do uso das fricativas velar [x] e glotal (uvular) [h], com 7.225 realizações, enquanto a retroflexa [ɣ] detém apenas 360, a vibrante simples [P] aparece 67 vezes, 33 foram vocalizações em [i] ou [u], e o zero fonético [Ø] surge com 2.174 casos.

Em se tratando da variável faixa etária, constata-se uma produtividade menor das fricativas velar [x] e glotal (uvular) [h] entre a geração com mais de 50 anos, e um aumento gradativo pelas faixas etárias mais jovens. As variantes vibrantes, retroflexas e vocalizações percorrem, porém, um caminho inverso, isto é, seu maior índice está entre a geração mais velha, diminuindo progressivamente, chegando a zero, na faixa etária entre 15 a 25 anos. O apagamento, no entanto, permanece estável nas três faixas etárias. O sexo como variável, afirma Skeete (1997), aponta para o *status* das variantes, dado que as

mulheres favorecem o uso da forma lingüística mais prestigiada, no caso, as fricativas [x] e [h], incidindo a fala desprestigiada sobre os homens [P], [♦] e [i] [u]. O apagamento mantém-se estável entre os dois sexos.

Skeete (1997) afirma que, em relação ao apagamento [O], o condicionamento é apenas lingüístico. Dentre as variáveis lingüísticas que a autora levantou, três delas foram desprezadas na análise por não apresentarem resultados significativos: a dimensão do vocábulo, a classe morfológica e a tonicidade. Revelou-se como variável lingüística mais importante no condicionamento dessa variante o contexto fonológico seguinte. Segundo ela, as consoantes com traço [-contínuo] (oclusivas e nasais) inibem o apagamento e favorecem o uso de fricativas. No entanto, as consoantes com traço [+ contínuo], por exemplo, /f/, /v/, /Σ/ etc., contribuem bastante para o apagamento da vibrante.

Com essa pesquisa, Skeete (1997) traça um panorama geral do comportamento variável da vibrante pós-vocálica em João Pessoa. Mostra as relações implícitas entre as diferentes realizações do /r/ e as variantes sociais sexo e faixa etária, além de indicar os condicionamentos lingüísticos que podem atuar no emprego das variantes.

Na mesma linha de Skeete (1997), Monaretto (1997) destaca quais variantes da vibrante são mais freqüentes e examina seus condicionadores nas três capitais dos Estados do Sul do Brasil. Seguindo o modelo de análise variacionista, a autora estabelece quatro variantes: duas delas para os sons do /r/ forte, anterior e posterior; para o /r/ fraco temos a denominação tepe; e, para os sons produzidos pela elevação e encurvamento da língua em sentido à região palato alveolar, o termo retroflexo é reservado.

O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir do banco de dados do projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil). Por meio desse estudo, Monaretto (1997) mostra o uso mais freqüente do tepe em Porto Alegre e Curitiba e da vibrante posterior em Florianópolis. Considera, nesse estudo, cinco variáveis lingüísticas e quatro sociais. Quanto às primeiras, aponta que a posição em que está o /r/ na sílaba tem papel fundamental para as suas diferentes manifestações, pois prefere-se o emprego de variantes do /r/ forte para posições pré-vocálicas e o /r/ fraco e retroflexo para posições pós-vocálicas. Em relação às outras quatro variáveis lingüísticas, a autora faz apenas breves comentários por não

apresentarem informações relevantes. Dentre as variáveis sociais abordadas, Monaretto (1997) chama a atenção para o grupo geográfico, pois esta se revelou a variável social mais expressiva entre as demais – sexo, idade e escolaridade. De acordo com os seus resultados, em Porto Alegre e Curitiba os falantes empregam as quatro variantes, mas na capital paranaense destaca-se o uso da vibrante anterior e da retroflexa. Já em Florianópolis ocorrem altos índices de realizações da vibrante posterior, e, em segundo lugar, o tepe.

Embora também trate da vibrante nos moldes da Teoria da Variação, o trabalho de Gomes (1997) é de caráter monográfico, sem muito aprofundamento, e tem por objetivo investigar a variante /r/ no falar paraibano do interior – cidades de Lagoa Seca, Campina Grande, Brejo e Agreste da Paraíba. O *corpus* é restrito a cinco informantes das quatro cidades investigadas, todos acima de 46 anos, de ambos os sexos e nível de instrução variando entre analfabeto e 3º grau completo. Na análise dos resultados, a autora aponta duas variantes [h] e [♦]. O que chama a atenção, todavia, é a elevada realização de variante retroflexa, 67%, em relação a outra. A partir daí, ela passa a verificar os fatores que parecem favorecer a incidência da pronúncia de /r/ como retroflexa. O primeiro deles, o sexo do informante, revelou que as mulheres empregam mais a variante retroflexa que os homens. O nível de escolaridade mostrou que há uma grande diferença de realização entre os não-alfabetizados, 86%, e aqueles com alguma escolaridade, 7%. Verificando as variáveis lingüísticas, a autora constatou que a consoante retroflexa ocorre diante de consoante, 99%, nunca diante de vogal, raramente diante de pausa, 1%. A autora observa que o traço surdo no contexto seguinte à vibrante favorece mais a variante retroflexa que as sonoras.

Monaretto (1997a) continua na busca de novos argumentos sobre a existência de um único fonema no português – o /r/ fraco. A autora cita que, apesar das muitas variantes do /r/ forte, o fonema que em mais contextos aparece é o tepe, haja vista algumas análises sociolingüísticas nos dialetos do sul que apontam, em posição pós-vocálica, a predominância do tepe. Outro argumento lançado pela autora é o fato de que os falantes das zonas bilíngües no Rio Grande do Sul usam o tepe em qualquer posição, pois interpretam a vibrante como um só fonema. Além disso, assinala Monaretto, é estranho pensar que o tepe ocupa só a posição de coda e nunca aparece no ataque sendo que outras consoantes aparecem nessas duas

posições. Também é difícil entender, afirma ela, porque o /r/ só contrasta em posição intervocálica e não em outras posições (ex. início de palavra) como as demais consoantes. Argumenta ainda, que também a criança em fase de aquisição de linguagem substitui tanto o /r/ forte quanto /r/ fraco pelo glide (caro/carro = [kayo]), evidência de que interpreta as duas variantes como um só fonema. Portanto, para Monaretto “a vibrante no sistema subjacente é um tepe e o contraste intervocálico faz-se entre um tepe, ligado por uma só linha de associação (caro) versus dois tepes com estruturas duplamente ligadas (carro).” (1997a, p. 781).

É válido para compreender melhor o fonema /r/ saber como se dá sua aquisição na linguagem infantil. Nesse sentido, muito contribui o trabalho de Miranda (1998), que é sintetizado em artigo, tendo por base a dissertação de mestrado da autora, cujo tema foi *A aquisição do ‘r’: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. A pesquisa enfocou a aquisição do /r/ fraco e do /r/ forte pelas crianças brasileiras e, com isso, pretendeu acrescentar argumentos à discussão teórica sobre o *status* da líquida não-lateral no sistema fonológico do português brasileiro. Os estudos sobre aquisição têm mostrado que as líquidas não-laterais são mais tardiamente adquiridas que outros fonemas. No entanto, de acordo com Miranda (1998), não existia até então uma descrição aprofundada sobre o tema, e também ainda se debate sobre o *status* fonológico do /r/ – trata-se de um ou dois fonemas. Segundo a autora, Câmara Jr., em 1953, defendia a tese de que existia apenas o /r/ forte. Porém, esse mesmo autor, na segunda edição, 1977, reviu sua posição e passou a defender a existência de dois fonemas róticos. Todavia, a autora afirma que os trabalhos que se têm feito a fim de elucidar a questão se baseiam em dados da diacronia ou da variação. Por isso, Miranda pretende contribuir de outra forma, buscando evidências em dados de aquisição da linguagem.

A autora toma como *corpus* parte dos dados do projeto AQUIFONO. São transcrições fonéticas da fala de 55 meninos e meninas, distribuídos em 11 faixas etárias – de dois anos a três anos e nove meses, todos residentes em Pelotas ou Porto Alegre. A autora codifica os itens lexicais nos quais a rótica foi ou deveria ter sido produzida. Percorrem, porém, um caminho contrário pelas crianças e submete-os ao programa probabilístico VARBRUL.

Entre diferentes abordagens teóricas, a autora julgou mais adequado analisar os dados a partir das noções provenientes da Teoria da Sílabas, baseada na

proposta de Selkirk (1982). Observando as faixas etárias e a produção das consoantes róticas, percebe-se que as crianças aos dois anos já produzem uma certa quantidade de /r/ forte, cujo índice só será atingido pelo /r/ fraco aos três anos e dois meses. Também se depreende que na faixa etária 4 (a autora não especifica a idade) o /r/ forte está adquirido; e isso, com o /r/ fraco, só se dará na faixa etária 11. Num segundo momento, analisando a posição silábica das róticas, descobriu que predominou a omissão do segmento na posição de onset complexo (ex. prato) e de coda medial (ex. porta).

A verificação referente à coda final (ex. tambor) mostrou que a produção da rótica branda é mais precoce nessa posição, com índices até mais altos que aqueles da posição de *onset* simples (ex. caro). O que chama a atenção, porém, é que mesmo que as omissões em *onset* simples não cheguem a 10%, a produção da rótica /r/ fraco não atinge 50%, ou seja, em seu lugar é produzida na maioria das vezes uma consoante líquida alveolar lateral, que compartilha todos os traços com o /r/ fraco, exceto o de modo de articulação. O /r/ forte, por outro lado, tem uma produção de 77% do total dos dados examinados. Porém, é interessante ressaltar, de acordo com Miranda (1998), a substituição da rótica por plosiva velar, que apresenta grau zero de soância. Isso para Miranda indica que a troca não é motivada pela semelhança fonética, mas algo que se relaciona com a representação fonológica das crianças.

Destaca-se, ao final do artigo, a declaração contundente de Miranda de que os resultados obtidos, entre outras coisas, “permitem afirmar a existência de dois fonemas róticos no sistema fonológico das crianças brasileiras, e, por extensão, no sistema do português do Brasil” (MIRANDA, 1998, p. 130).

A pesquisa de Bertani (1998), cujo *corpus* faz parte do banco de dados do projeto VARSUL, verifica, na fala de 12 informantes monolíngues e residentes em Porto Alegre a variação entre o apagamento ou a retenção da vibrante final dos verbos no infinitivo impessoal da língua portuguesa. A autora considera que essa alternância ocorre de maneira ordenada e direcionada e sob condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos. O trabalho, portanto, segue os moldes da Teoria da Variação, tal como formulados por Labov.

As indagações acerca do fenômeno eram as seguintes: saber quais fatores favoreciam ou desfavoreciam o apagamento da vibrante final e se o /r/ final

nos verbos infinitivos era ou não pronunciado pelos falantes. Compõem as variáveis lingüísticas: número de sílabas do verbo (monossílabo ou não-monossílabo); contexto fonológico seguinte (pausa, vogal, consoante); estrutura sintática na qual o infinitivo estaria inserido (locução verbal ou fazendo parte de outras estruturas quaisquer da linguagem); presença da vogal temática do verbo. As variáveis sociais são o sexo; escolaridade (primário, ginásio, 2º Grau) e idade (25 a 49 anos e mais de 50)

A autora explica os passos da codificação, inclusive apresenta os códigos utilizados. Estabelece algumas restrições como a de que os verbos teriam que estar na forma infinitiva; pertencer à 1ª, 2ª ou 3ª conjugações; excluem-se formas verbais no subjuntivo. Na fundamentação teórica, justifica, com base na literatura existente, a escolha das variáveis lingüísticas e sociais. Nos resultados encontrados por Bertani (1998), é nítida a regra de apagamento, 97% das 2.368 ocorrências. O fato de ser monossilábico (.43) ou não-monossilábico (.52), variável lingüística em questão, não interfere muito no processo, pois os pesos relativos não estão polarizados. O mesmo ocorre com a variável que concentra a estrutura sintática. A vogal temática do verbo demonstrou que sua presença no infinitivo disponibiliza o apagamento do /r/. Para aprofundar essa questão, a autora procurou nos dados o verbo *pôr*, cuja vogal temática não aparece no infinitivo, e verificou que neste verbo e em seus derivados não ocorreu nenhuma vez o apagamento. De outro modo, o contexto fonológico seguinte revela que, se for representado por vogal, a tendência à supressão do /r/ é (.59), bem maior que se ocorrer pausa (.43) ou consoante (.46). Isso, de certa forma, contraria a expectativa de reestruturação silábica por meio da junção da consoante com a vogal seguinte, corroborando os resultados encontrados no falar do Rio de Janeiro por Votre (1979). Demonstra, por outro lado, que essa reestruturação se dá de outra forma, por meio da supressão do segmento travador. Todavia, frisa Bertani (1998), nenhuma das variáveis lingüísticas apresenta dados polarizados, o que conduz à reflexão de que o apagamento esteja de tal modo instalado na língua que não se pode mais buscar explicações na própria língua.

Por outro lado, dentre as três variáveis sociais consideradas, a que mais se destaca é a faixa etária, pois os informantes mais jovens apagam bem mais (.67) que os mais velhos (.24). Em segundo grau de relevância, aparece a

escolaridade, apontando implicações entre nível de escolarização e apagamento, pois os informantes com 2º grau (.64) apagam mais que os com ginásio (.57), e estes mais que aqueles com primário (.31). Em terceiro, surge a diferença entre homens e mulheres, eles apagam .44, elas, .55.

Bertani (1998) conclui, com vistas ao conjunto, que o apagamento é uma mudança em fase final, pois é adotado pelos mais jovens e, além disso, o fato de ser utilizado pelas mulheres e pelos mais escolarizados denota que não é forma estigmatizada.

Fenômeno antigo no português brasileiro, o apagamento também é foco de estudo em Callou, Moraes e Leite (1998). Antes considerado próprio de falares incultos, o apagamento do /r/ em final de palavra hoje, atestam os autores, é comum na fala dos vários estratos sociais. Por isso, nesse artigo, esses autores focalizam a queda do /r/ nessa posição na fala culta do Rio de Janeiro. Por meio da metodologia da sociolingüística quantitativa laboviana e da análise em tempo aparente e em tempo real, de curta duração, buscam verificar se o processo representa uma variação estável ou se há mudança.

Os dados, que proporcionaram essa análise em tempo real (observação feita em dois ou mais períodos discretos de tempo) e em tempo aparente (captar mudanças em progresso por meio da análise distribucional-quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias), estão assim distribuídos: 2.723 ocorrências de /r/ final nas entrevistas coletadas nos anos 70; nos anos 90, têm-se 506 para o estudo do recontato com os informantes dos anos 70 e 817 para o estudo da nova amostra.

Utilizando o programa estatístico VARBRUL, foram examinados fatores estruturais e sociais. Os autores apresentam uma análise em tempo aparente e em tempo real, os meios utilizados para isso são o estudo em painel (panel study) e estudo de tendências (trend study), tal qual a metodologia proposta por Labov. A análise em tempo aparente e a análise em tempo real se complementam, pois só a primeira não dá conta de explicar se há ou não mudança lingüística, pois o recorte em diferentes faixas etárias pode revelar simplesmente uma gradação etária, que se repete cada geração. A certeza na interpretação dos dados só pode vir das observações feitas em tempo real, ou seja, na observação do confronto de dois ou mais períodos de tempo.

Os resultados mostraram que a perda do /r/ é mais freqüente nos verbos, pois o infinitivo e a 1ª e 3ª pessoas do futuro do subjuntivo são marcados redundantemente pela presença do /r/ final e pela tonicidade da sílaba final. Isso contraria, segundo os autores, as afirmações correntes de que material fonológico que tenha informação morfológica tende a ser preenchido. Nos nomes, a extensão do vocábulo é significativa, pois a perda do /r/ é bloqueada em vocábulos monossilábicos. Frente a isso, e assim tem sido feito em todos os trabalhos, verbos e nomes devem ser verificados separadamente, assim como a variável gênero: homem e mulher.

Em tempo aparente, ao comparar as duas amostragens, os autores vêem que a distribuição do apagamento de /r/ nos verbos indica para os homens uma variação estável. Já não ocorre o mesmo para os não-verbos, pois os dados mostram uma mudança em curso. Para as mulheres, nos dois casos parece haver mudança em progresso. Em tempo real, o estudo mostra, comparando dos mesmos informantes do sexo masculino em períodos distintos – 70 e 90 –, que não há estabilidade, pois o comportamento difere ao longo da vida do indivíduo. O apagamento do /r/ continua a avançar em verbos e não-verbos.

Monaretto (2000) também estuda o processo de apagamento que, afirma ela, parece ter se estabelecido e expandido por todas as classes de palavras e estratos sociais em fases posteriores ao português arcaico. Tal fenômeno tem sido alvo de estudos desde final da década de 70. A autora examina, sob a perspectiva da sociolingüística laboviana, o apagamento da vibrante posvocálica na fala do Sul do Brasil. Seu objetivo é averiguar que fatores lingüísticos e sociais estão envolvidos no cancelamento do /r/ em final de sílaba. O *corpus* constitui-se de 36 entrevistas, considerando-se as seguintes variáveis: doze em cada capital do sul do país, divididos entre os dois sexos, três faixas etárias, e a escolaridade abrange 1º e 2º grau. As variáveis lingüísticas são: posição da vibrante na palavra; contexto precedente; contexto seguinte; classe morfológica; função do /r/; dimensão da palavra; acento lexical e ritmo.

Os resultados revelaram que no Sul do país há mais casos de não-apagamento que de apagamento. Isso significa que a região Sul preserva mais a estrutura silábica em final de palavra do que no dialeto do Rio de Janeiro, por exemplo, conforme demonstraram Callou, Moraes e Leite (1998). A classe

morfológica revelou-se a variável mais significativa, evidenciando uma polarização entre verbos e não-verbos. Isso, afirma Monaretto, era esperado, pois nos verbos o infinitivo e primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são redundantemente marcados tanto pela presença do /r/ final quanto pela tonicidade da sílaba que contém o /r/. A variável função do /r/, isto é, constituir-se ou não morfema, é reveladora. Se este segmento for ou constituir parte de morfema, é mais provável seu apagamento, 87% de frequência, do que quando não for morfema, apenas 10%. A localidade, variável mais significativa em não-verbos que em verbos, mostrou a seguinte hierarquia: Florianópolis > Porto Alegre > Curitiba, demonstrando que a primeira se encontra em estágio mais avançado no processo de enfraquecimento da vibrante, ou seja, entre as três capitais investigadas têm-se que o apagamento é maior em Florianópolis, seguido por Porto Alegre e Curitiba. Ficou confirmado também que o maior índice de apagamento de /r/ ocorre em posição final do que em posição medial, privilegia verbos em detrimento de outras palavras, ocorre principalmente quando tem função morfêmica, é mais freqüente entre os jovens, baixa em monossílabos e figura bastante em posição não-acentuada.

Como vimos anteriormente, Miranda (1998) focaliza a aquisição da líquida não lateral na linguagem oral infantil. Já Varela (2001) enfoca a linguagem escrita das crianças e a aquisição das líquidas não-laterais. A autora e outras alunas do Curso de Pós-Graduação – Especialização em Alfabetização e Ação Supervisora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) – coletam a escrita de 64 crianças, numa quantidade de 266 textos produzidos no 2º semestre de 1999. Seguindo os mesmos moldes de Miranda (1998), Varela (2001) considera as seguintes variáveis: produção ou não do segmento; o que foi produzido; posição na sílaba; posição na palavra.

Os resultados a que chegou Varela (2001), tomando como referência a escrita, divergem daqueles mostrados por Miranda na fala. Na escrita, conforme a autora, há, em início de sílaba interna, poucas substituições do /r/ fraco por outra consoante. Com o segmento em final de sílaba dentro da palavra, a autora aponta um decréscimo de erros, conforme aumenta a escolaridade (1ª a 4ª séries). Já na fala, Miranda (1998) constata um alto índice de omissões em todos os níveis. Varela (2001) também observou a produção do /r/ em final de palavra e, nisso, não encontrou diferenças daquilo que todos os estudos anteriores apontaram: a

tendência da língua a apagar esse segmento nessa posição. Com o /r/ forte não há desvios na posição de início de sílaba, início de palavra. Por outro lado, quando se trata de início de sílaba interna é alto o índice de erros, reflexo da relação biunívoca entre sons e letras (cada som corresponde a uma letra) criada pelo aprendiz, por isso usam apenas um r na escrita. Quando descobrem o dígrafo passam a fazer hiper-generalizações, demonstrando a capacidade gerativa das crianças. Por fim, a autora evidencia que a aquisição dos dois segmentos (/r/ forte e /r/ fraco) estende-se ao longo da escolarização. Além disso, parece que a aquisição do /r/ fraco precede à do /r/ forte e que há influência do nível sociocultural do aprendiz.

Como pudemos observar nos estudos acima, o /r/ oferece caminhos diversos para pesquisa. Head preocupa-se com esse fonema em sílaba implosiva e com a variante retroflexa que surge, em alguns lugares do Brasil, nessa posição. Busca entender suas realizações e sua origem, bem como sua extensão geográfica, conforme mostrou nos três trabalhos que apresentamos acima (1972, 1978 e 1987). Já Votre (1979) não tem as mesmas preocupações de Head, todavia parece ter sido um dos primeiros a investigar por meio de pesquisa quantitativa, a queda desse fonema em final de palavra e em sílaba interna. Mollica e Paiva (1991) estudam o fonema e suas restrições como segundo elemento de grupo consonantal. Monaretto (1994) toma outro rumo e questiona o *status* fonológico da vibrante, procurando averiguar se se trata de dois ou apenas um fonema, já que só há oposição em posição intervocálica. Brandão (1995) chama a atenção para a distinção dialetal que o /r/ causa, detectada nos Atlas publicados e em outros trabalhos e estuda, como Votre, o /r/ em sílaba implosiva no Rio de Janeiro. Callou e Morais (1995) observam o /r/ também em outros contextos como em posição inicial e vislumbram uma delimitação regional. Skeete (1997) também estuda o /r/ em trava de sílaba somente. Monaretto (1997), desta vez, preocupa-se com as configurações dialetais do Sul do Brasil e não em discutir sobre a questão do *status* fonológico da vibrante. O trabalho de Gomes (1997) chama a atenção pelo elevado número de realizações retroflexas encontradas no *corpus*. Monaretto (1997a) reforça os argumentos em prol da existência de um único fonema /r/, a vibrante simples. O /r/ também é investigado quanto à sua aquisição pelas crianças, tanto na fala (Miranda 1998) como na escrita (Varela 2001). Bertani (1998) realiza no Sul o que outros já fizeram na fala do Rio de Janeiro, isto é, estuda como anda o apagamento do /r/ em trava de sílaba. O mesmo

fenômeno também é estudado por Callou, Moraes e Leite (1998) em tempo real e em tempo aparente.

Em suma, nesses trabalhos, resultados de pesquisadores diversos, há muito em comum. Primeiramente todos objetivam apreender as particularidades do controvertido fonema /r/. Em segundo lugar, a maioria deles segue a linha de pesquisa iniciada por Labov, principalmente no que se refere em mostrar a regularidade no aparente caos. Além disso, os estudos se concentram com maior freqüência nas mesmas localidades, destacando-se o Rio de Janeiro e o Sul do País. Pelo que expomos acima em relação aos estudos da vibrante, percebe-se que os pesquisadores têm se preocupado em investigar as variações do /r/ no português do Brasil. Porém, muito ainda há para ser feito, pois os estudos das variações lingüísticas são inesgotáveis porque a língua, assim como a sociedade está em constante transformação.

4 A VIBRANTE NO PARANÁ: O QUE JÁ SABEMOS

O capítulo anterior deixou claro que a vibrante tem recebido a atenção de vários lingüistas e, conseqüentemente, suas múltiplas realizações tem sido investigada em várias partes do Brasil, mostrando que difere regiões nesse imenso território. Sobre suas características no falar do Rio de Janeiro temos vários estudos. A título de exemplo, podemos mencionar Antenor Nascentes (1953); Callou (1979); Callou e Moraes (1995); Callou, Moraes e Leite (1998), Votre (1979), Brandão (1995), entre outros. E quanto ao Paraná, o que sabemos sobre a vibrante? Ainda que esse Estado apareça em trabalhos de Monaretto (1997; 2000), os resultados apresentados se referem apenas à capital, Curitiba, ou seja, é preciso ir além e mostrar quais as realizações do /r/ aparecem quando se consideram outras localidades do Paraná.

Em nossa investigação, o trabalho mais remoto em que nos deparamos com algumas linhas descritivas sobre o /r/ no falar paranaense é o de Serafina Traub Borges do Amaral – *Contribuição para um inquérito lingüístico no litoral do Paraná*, no qual afirma:

“A pronúncia dos rr chama atenção pela acentuada diferença dos rr do planalto. O r medeirano é um r líquido, paulista, bem diferente do r bem nítido, linguo-dental do curitibano.” (AMARAL, 1956, p. 159)

Como se vê, pouco acrescenta de específico, pois o que a autora quis dizer com “r líquido, paulista” não é possível depreender no seu trabalho, afinal a vibrante é comumente classificada como fazendo parte do grupo das líquidas. A única informação clara é de que o /r/ de Curitiba é linguo-dental e que o /r/ medeirano se assemelha à realização do fonema pelos paulistas.

Mais informações sobre a realização do /r/, agora sobre outra localidade paranaense, encontramos em Therezinha Andreetta – *Algumas particularidades lingüísticas de Laranjeiras do Sul*, cujas linhas trazem a seguinte informação:

“Nas localidades de Pôrto Sant’Ana e Nova Laranjeiras, onde há interferência italiana: (...)

c) O r intervocálico é uma vibrante múltipla: arreja, corração, verrõ.

d) O rr, vibrante múltipla, é pronunciado simples: coria (corria), tera (terra), guera (guerra) (ANDRETTA, 1969, p. 180)

Neste trabalho, conforme descreve a autora, há uma confusão entre as vibrantes na pronúncia dos descendentes italianos, porém, é uma permuta ‘organizada’, pois a troca segue uma regra. Os informantes usam vibrante múltipla nas palavras em que esperaríamos vibrante simples e vice-versa. Em nossos dados, deparamo-nos com algo similar, pois a informante 54F (ponto 54 – Curitiba –, sexo feminino) realizou [amaɣhEla], [aheIɣe]taʃ] e [aɣreIa], ou seja, também realizou /r/ forte em palavras cuja pronúncia privilegia /r/ fraco, contudo essa regra não é geral entre os informantes; pelo contrário, é raro. Por outro lado, Monaretto (1994, p.156) releva como resultado de uma pesquisa em zona de colonização européia (italiana e alemã), no Rio Grande do Sul, que não existe distribuição entre as duas variantes, ou seja, esses falantes pronunciam um só fonema, no caso o tepe.

Mercer, professor dedicado ao estudo do falar paranaense, também traz algumas informações sobre a vibrante em *Notas dialetológicas sobre Guaraqueçaba*.

“V. Realização do fonema /r/

Este fonema manifesta-se por três alofones, todos colidentes apicais, que se distinguem apenas pelo grau de retroflexão. A sua distribuição é a seguinte:

(r₁): colidente pouco ou nada retroflexo, em início de sílaba (CV), como em [ɣve.rA] beira;

(r₂): colidente claramente retroflexo, entre consoante e vogal (CCV), como em [kõ.ɣpra] comprar;

(r₃): colidente fortemente retroflexo, em trava de sílaba (VC), como em [ɣpar] par. A realização deste terceiro alofone é instável; em razão da grande energia articulatória que despende, muitas vezes cede lugar à vocalização em [y]: [ɣkoy.po] corpo, [ɣkɔy.tA] corta.” (MERCER, 1977, p. 39-40)

O autor discrimina na fala de Guaraqueçaba três graus de retroflexão, conforme a posição do segmento na palavra. Em início de sílaba (intervocálico), a retroflexão é menor; cresce quando se encontra na posição CCV;

têm seu mais alto grau de retroflexão em trava silábica. O contexto CCV (encontro consonantal) não será objeto de estudo em nossa pesquisa; ao contrário dos outros dois, e podemos antecipar, com base na análise do trabalho das transcrições fonéticas, que se configura da mesma maneira, isto é, a retroflexão em posição intervocálica é menor que em trava de sílaba.

Na década de 80, em Palmeira, em 1983 especificamente, a professora Glacy Camargo Sêcco coordena um estudo da fala dos habitantes daquela localidade, cujos resultados são divulgados no artigo *Aspectos lingüísticos palmeirenses: pesquisa dialectológica*. Entre as observações, a autora afirma que:

“Observou-se um /-r/ grasseyer em um dos informantes: carnaval, pôr-do-sol, carne, armário.” (...)

“O percentual de 66,6% marca - o /-r/ retroflexo (cacuminal), distribuído entre os informantes de todos os sexos, deste ou daquele nível de escolaridade, nesta ou naquela faixa etária.” (SÊCCO, 1983, p. 16)

Como se nota, é alta a percentagem de /r/ retroflexo encontrado pela autora na fala local, todavia não faz referência aos contextos lingüísticos. A autora observa ainda que apareceu um tipo de /r/ que pode ser uma idiosincrasia, um /r/ *grasseyer*, isto é, “Prononcer les r du fond de la gorge” (ROBERT, 1971).

O primeiro trabalho a registrar de forma abrangente as vibrantes no Paraná é o de Aguilera (1994). A autora realizou pesquisa de campo em 65 pontos do Estado e, dentre as 325 questões que compunham o questionário aplicado pela equipe do Atlas Lingüístico do Paraná, muitas elicitaram item lexical contendo o /r/. Parte de seu trabalho são 70 cartas fonéticas; das quais 25 apresentam itens lexicais com o fonema em questão. Esse material possibilita entrever algumas características do /r/ no Estado e, principalmente, a distribuição diatópica desse fonema nas cartas 186 e 187 – Isófonas do -/R/- em *verruqa* e isófonas do -/r/- em travamento silábico, em *parteira*, respectivamente. Por se tratar de trabalho geolingüístico, Aguilera (1994) definiu objetivos diferentes dos nossos, ou seja, em seu trabalho não procura responder por que ocorre essa ou aquela realização de /r/ ou que fatores extralingüísticos e lingüísticos podem estar envolvidos nas diversas

realizações desse fonema, mas como se distribuem diatopicamente as variantes fônicas de /r/.

Outro trabalho no qual podemos encontrar informações pertinentes sobre a vibrante no Paraná é o de Mercer (1992). Por meio dos dados coletados para a elaboração do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), o autor realiza um estudo semelhante ao de Aguilera (1994), porém aquele se concentra apenas na parte fonética, enquanto esta abrange também o léxico. Com o trabalho, Mercer propôs “delimitar áreas fonéticas do Paraná e explicar suas configurações à luz da história da ocupação do Estado” (MERCER, 1992, p. 1). Toma como *corpus* os dados recolhidos em 107 localidades para a organização do ALERS (2002) e elabora 52 cartas fonéticas, dentre as quais 10 registram o /r/ e permitem, assim como Aguilera (1994), entrever a oposição entre o Norte e o Sul do Estado. Naquele predomina a vibrante velar e neste a vibrante apicoalveolar, conforme as cartas 21 (MERCER, 1992) e 186 (AGUILERA, 1994).

Seguindo os parâmetros da Geolingüística, Babler e Aguilera (1999) investigam preliminarmente o /r/ em Cândido de Abreu, Centro-Sul do Estado, e mostram as variantes do /r/ lá registradas. O *corpus* desse estudo compõe-se de onze itens lexicais nos quais aparecem o /r/ forte intervocálico e em início de palavra, cujas realizações são: vibrante múltipla alveolar, vibrante simples e vibrante múltipla velar. As autoras consideram na pesquisa a questão étnica, a localização do informante entre os pontos lingüísticos e a posição da localidade dentro do município. Dentre as 88 ocorrências, depreende-se uso categórico da vibrante múltipla velar em todos os vocábulos pelos nacionais⁷, indiferentemente da posição do fonema no vocábulo. Os descendentes de poloneses realizam também uma única forma: vibrante simples. Os descendentes de alemães alternam entre vibrante múltipla alveolar, vibrante simples e vibrante velar. Os de descendência ucraniana, empregam mais freqüentemente a vibrante múltipla velar, mas apresentam também as outras duas.

Para sua dissertação de mestrado, Lino (2000) também investiga a fala dos habitantes de Cândido de Abreu, que se destaca pela presença de três

⁷ Refiro-me àqueles informantes presentes no município que não são de origem ucraniana, polonesa, francesa ou alemã. Lino (2000) os denomina *caboclos*.

etnias na origem de sua população: a alemã, a polonesa e a ucraniana, além de poucos remanescentes de franceses.

A fim de abranger a distribuição diatópica e as várias etnias, a pesquisadora estabeleceu no município oito pontos de investigação, em cada um dos quais foram entrevistados quatro informantes, dois de cada sexo, com no máximo quatro anos de escolaridade, de duas faixas etárias: 18 a 35 anos e de 45 a 70. Para o presente estudo, a autora selecionou apenas dez itens lexicais, os quais contêm o /r/ em início de vocábulo e em trava de sílaba. Trata-se, portanto, de análise sucinta de um *corpus* restrito, cujo objetivo era entrever algumas tendências da fala candidoabreuense em referência ao /r/. A autora documentou em início de sílaba a preferência pela vibrante alveolar sonora pelos alemães, e pelos caboclos uma outra variante. Porém não podemos saber que variante por que não há em nenhuma parte do trabalho uma descrição do símbolo empregado. Como em trabalho anterior estudamos o mesmo fonema sob as mesmas condições (Babler e Aguilera, 1999), nessa mesma localidade, acreditamos que se trate da vibrante velar. Em trava silábica, registrou a forte presença de /r/ vibrante retroflexo pré-palatal ou caipira.

O primeiro trabalho de cunho variacionista sobre a vibrante no Paraná é o de Gusmão (2000), que estuda mais profundamente o /r/ em Cândido de Abreu em sua monografia de especialização – *Realizações do /R/ na variedade lingüística falada em Cândido de Abreu – Paraná*. Esse estudo sociolingüístico aborda as diferentes formas de realização do fonema /r/ na língua falada por descendentes de ucranianos, poloneses, alemães e portugueses. O *corpus* compõe-se de 590 ocorrências da vibrante em diversos contextos lingüísticos (31 itens lexicais) realizadas por 17 informantes de duas faixas etárias. Os resultados mostram a existência de um combate entre as variantes, a expansão da vibrante múltipla velar [r] no município em detrimento da vibrante múltipla alveolar e o uso quase categórico da vibrante retroflexa.

A fala dos habitantes de Cândido de Abreu é estudada também por Gusmão e Pontes (2001). O interesse por essa localidade justifica-se por encontrar-se numa área de transição das realizações do fonema /r/, tal como apontaram Mercer (1992) e Aguilera (1994). Adota-se a perspectiva variacionista, buscando depreender a distribuição diatópica das variantes no município estudado e

estabelecer fatores fonético-sociais condicionantes do uso dessas variantes. Embora em nossa pesquisa apareçam cinco variantes, exploraram-se, nos limites desse artigo, apenas as vibrantes múltiplas. Para estas verificou-se uma distribuição diatópica no município, pois, se há pontos em que há um equilíbrio (Três Bicos) entre as duas variantes, em outros ora prevalece a vibrante velar (Rio do Tigre e Sede) ora a vibrante alveolar (Ubazinho II e Teresa Cristina), conforme mostram os cálculos probabilísticos realizados pelo programa VARBRUL. Isso indica que o município, por estar em zona de transição, reflete características da variedade lingüística norte paranaense e da sulista. A variável idade também é pertinente em nossa análise, pois a faixa etária 45-70 anos favorece a variante alveolar, já a 18-35 anos apresenta tendência ao uso da variante velar. Portanto, em uma análise em tempo aparente, depreendemos que a vibrante velar apresenta uma tendência à expansão no município, uma vez que é empregada pela geração mais jovem. Uma análise em tempo real poderia esclarecer se se trata de mudança em curso ou de uma gradação etária.

Ao cruzar as duas variáveis mais significativas – ponto lingüístico e faixa etária – observamos que as vibrantes múltiplas são empregadas diferentemente de acordo com as gerações de falantes, desde que o ponto lingüístico não apresente características sócio-histórico-culturais bem marcadas.

Um estudo preliminar da vibrante, em trava silábica, no Paraná, foi realizado por Gusmão (2002) com os dados disponíveis nas cartas do ALPR. Seguiram-se os pressupostos teórico-metodológicos da sociolingüística quantitativa, que considera fatores lingüísticos e sociais, acrescentou-se ainda o âmbito diatópico.

O *corpus* alcança 1.192 ocorrências provenientes das cartas fonéticas, total de dez⁸, nas quais podemos depreender o emprego do /r/ em posição de trava de sílaba interna. Esse *corpus* fornece algumas pistas relevantes sobre os fenômenos lingüísticos e extralingüísticos envolvidos nas diversas realizações da vibrante em trava de sílaba.

Para essa investigação, as variáveis lingüísticas consideradas são a tonicidade da sílaba em que ocorre o /r/ (tônica ou átona); o número da sílaba (monossílaba, dissílaba, trissílaba e polissílaba); o traço da consoante seguinte (

⁸ As cartas fonéticas utilizadas foram: 102 (terça-feira), 104 (árvore), 109 (pernilongo), 111 (hortelã), 112 (borboleta), 156 (arco-íris), 157 (lagarto), 158 (parteira) e 160 (tuberculose).

[+contínuo] e [-contínuo]), a altura da vogal precedente (baixa, média e alta); o ponto de articulação da consoante seguinte (alveolares, labiais, palatais e velares) e a própria palavra foi considerada como variável independente. As variáveis extralingüísticas englobam a escolaridade (analfabeto, mobral, primário incompleto, primário completo); a faixa etária (até 30, de 31 a 40, de 41 a 50 e mais de 50 anos) e o gênero do informante (masculino e feminino); também são considerados como variáveis os 65 pontos geográficos do Estado.

Há uma distribuição do /r/ em posição de trava de sílaba interna, entre a vibrante simples, a retroflexa pré-palatal e a retroflexa médio-palatal sonora, conforme tabela 1.

Tabela 1: Número total de ocorrências de [P], [♦] e [◎]

	[P]	[♦]	[◎]
Ocorrências	200	797	58
%	17	70	05 ⁹

Gusmão (2002)

As vibrantes retroflexas, pré e médio palatal, predominam em trava silábica no Paraná, seguidas da vibrante simples. Isso, no entanto, não representa novidade, pois Aguilera (1994) na carta 187 – isófono de /r/, em travamento silábico, em *parteira* – já evidenciou tal fato: vê-se claramente nessa carta o predomínio da variante retroflexa em vasto território do Estado e, em outro menor, há a concorrência entre vibrante simples e retroflexa. Todavia, não se explorou nem a distribuição entre a retroflexa pré e médio palatal que pode existir, tampouco os fatores lingüísticos e sociais envolvidos no fenômeno.

⁹ 08% estão distribuídos entre as outras variantes que são: [w] valor de u assilábico, [r#] vibrante alveolar sonora, [T] zero fonético e [Ɂ] lateral alveolar em trava silábica.

Tabela 2: Número de ocorrências de [P], [♦] e [©] conforme o item lexical

	[P]		[♦]		[©]	
	N	%	N	%	N	%
Terça	16	12	113	87	00	00
Árvore	17	12	97	72	12	08
Pernilongo	21	16	94	72	01	00
Hortelã	37	28	90	70	00	00
Borboleta	20	15	99	76	00	00
Arco-íris	27	21	70	56	03	02
Lagarto	09	06	72	55	42	32
Parteira	29	23	86	69	00	00
Tuberculose	24	22	76	71	00	00
Total	200	17	797	70	58	05

Gusmão (2002)

Conferindo os números da tabela 2, depreendemos que a vibrante simples apresenta menores percentuais de ocorrência, entre 06% e 12%, quando se encontra em posição tônica – *terça*, *árvore*, *lagarto*. Por outro lado, a retroflexa médio-palatal apresenta distribuição peculiar, pois só ocorre em palavras cujo contexto lingüístico precedente é uma vogal baixa aberta não arredondada, haja vista que em *lagarto* ocorrem 42 realizações e em *árvore* 12. Nas palavras em que a vogal precedente é média – *terça*, *tuberculose*, *borboleta* e *hortelã* – não ocorre, ou esporadicamente como em *pernilongo*. Mas como explicar a baixa ocorrência de retroflexa médio-palatal em *arco-íris*, apenas 03, e nenhuma em *parteira*, se também são palavras com vogal baixa precedendo o /r/? Neste ponto, devemos repensar a regra de realização da vibrante médio-palatal. Por meio da tabela 3 podemos elucidar essa questão.

Tabela 3: Realizações de [P], [♦] e [©] conforme a tonicidade da sílaba

	[P]		[♦]		[©]	
	N	%	N	%	N	%
Tônica	40	11	255	70	54	14
Átona	160	20	542	70	04	00
Total	200	17	797	70	58	05

Gusmão (2002)

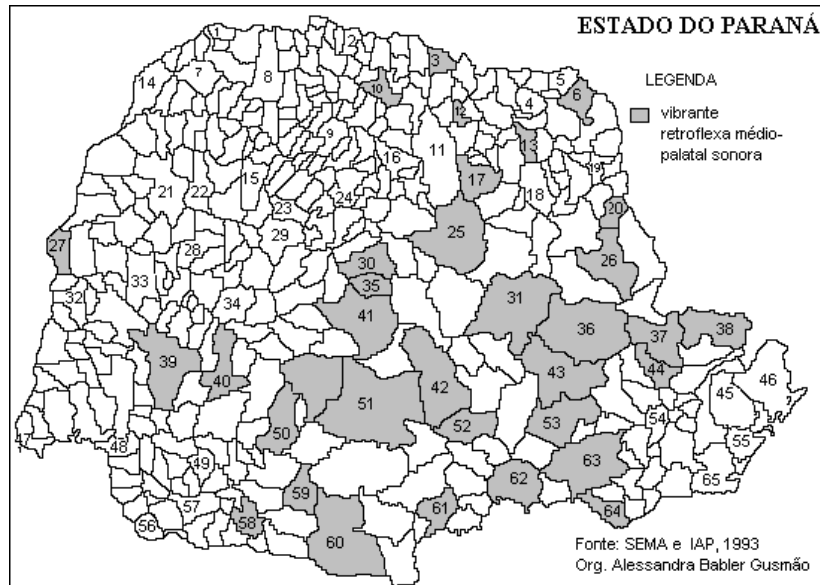
Como observamos na tabela 3, a ocorrência de vibrante médio-palatal está condicionada à tonicidade da sílaba, pois existem somente 04 realizações em posição átona e 54 em posição tônica. Diante disso, podemos definir que o seu surgimento é condicionado pela tonicidade: assim podemos afirmar que [ç] ocorre sob as seguintes condições: encontrar-se em sílaba tônica e possuir uma vogal [+baixa] como contexto lingüístico precedente. Para confirmar tal hipótese, recorreremos à palavra *parteira*; nesta, o [ç] está precedido de vogal baixa, mas não se encontra em sílaba tônica, portanto não ocorre [ç]. Converte também com tal argumento o item *arco-íris*, nele aparece três vezes a realização médio-palatal porque, nesse caso, o [ç] está em sílaba subtônica, devido ao caráter de substantivo composto da palavra em questão.

Tabela 4: Realização de [P], [ɲ] e [ç] conforme a tonicidade da sílaba e o contexto lingüístico precedente

	[P]		[ɲ]		[ç]	
Tonicidade da sílaba	Átona	Tônica	Átona	Tônica	Átona	Tônica
	.56	.36	.59	.30	.21	.93
Contexto lingüístico precedente	Vogal +baixa	Vogal -baixa	Vogal +baixa	Vogal -baixa	Vogal +baixa	Vogal -baixa
	.45	.54	.47	.53	.82	.14

Gusmão (2002)

A análise feita por meio de números de ocorrências e porcentagens é reafirmada com o peso relativo, exibidos na tabela 4. Nela vemos claramente a diferença probabilística de ocorrência de vibrante retroflexa médio-palatal em relação à tonicidade da sílaba, enquanto em sílaba tônica é de .93, em átona reduz-se para .21, e isso também se aplica ao contexto lingüístico precedente, .82 para vogal baixa e .14 para as demais.



Gusmão (2002)

Figura 1: Pontos lingüísticos em que ocorrem vibrante retroflexa médio-palatal sonora

Como percebemos na figura 1, os pontos lingüísticos, 65 no total, também apresentam uma distribuição diatópica para a ocorrência da vibrante retroflexa médio-palatal. Destaca-se a coincidência dessa distribuição com os núcleos de povoamento dos períodos do século XVII, XVIII e XIX, Paraná tradicional, conforme mostrado em Aguilera (1994, p. 408). No século 17, segundo a autora, a ocupação ficou restrita ao litoral e a Curitiba, no primeiro Planalto, e, como vemos na figura 1, não há vibrante retroflexa médio-palatal nesse espaço, cujos pontos lingüísticos são Guaraqueçaba, Antonina, Paranaguá e Curitiba. Entretanto, os pontos que se localizam na área ocupada durante os séculos XVIII e XIX, com exceção apenas do ponto 17, 18 e 65, apresentam realizações médio-palatal.

Com essa análise preliminar podemos levantar alguns aspectos pertinentes ao entendimento do chamado *r-caipira*, denominação que parece ter sido primeiramente dada por Amadeu Amaral (1920) e perdura até hoje. Pelo exposto acima, evidencia-se, principalmente, uma forte implicação entre tonicidade e uso de vibrante simples e retroflexa, pré e médio palatal. A vibrante simples aparece mais se sua posição for em sílaba átona; as retroflexas têm seu caráter maior ou menor de retroflexão definido também pela tonicidade da sílaba e também do contexto lingüístico precedente, no caso, a presença de vogal central baixa. Por outro lado, os

pontos lingüísticos revelaram uma distribuição diatópica para a vibrante retroflexa médio-palatal, mostrando suas relações com a colonização do solo paranaense.

Sumariando o capítulo, podemos afirmar que, embora o /r/ tenha sido abordado em alguns trabalhos, muitas vezes não houve profundidade (AMARAL, 1956; ANDREETTA, 1969; MERCER, 1977) ou concentrava-se a investigação em apenas um município (BABLER e AGUILERA, 1999; LINO, 2000; GUSMÃO, 2000; GUSMÃO E PONTES, 2001). De outro modo, há estudos que abarcam todo o Estado (AGUILERA 1994; MERCER, 1992; ALERS, 2002), porém apresentam um número reduzido de contextos lingüísticos, isto é, o uso do /r/ é apresentado em cada item lexical isoladamente. Falta, portanto, um aprofundamento quantitativo e qualitativo, já que a maior parte dos trabalhos não leva em conta o fator social como uma das determinantes do uso das variantes, dando a entender que essa variação é apenas de caráter regional. Entretanto, como apontou Babler (2000), em Cândido de Abreu – PR, não há apenas questões fonéticas, mas também sociais, determinando o uso das variantes do /r/.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na realização deste trabalho. Discorreremos sobre a organização do *corpus* a ser analisado, desde sua procedência até a codificação e quantificação das palavras transcritas. Também expomos a caracterização dos informantes, uma vez que escolaridade, gênero e faixa etária são considerados na análise. Estabelecemos as variáveis lingüísticas, sociais e diatópica. Em seguida, abordamos os procedimentos empregados na organização e transcrição dos dados fonéticos. Por último, tratamos da metodologia utilizada na codificação e quantificação dos dados.

5.1 OS PONTOS LINGÜÍSTICOS

O *corpus* dessa pesquisa constitui-se de dados retirados do banco de dados sonoros sobre o falar rural do Paraná, coletado e organizado por Aguilera (1994) para elaboração do Atlas Lingüístico do Paraná. Ela estabeleceu dentro do Estado 65 pontos lingüísticos, conforme mostra a figura 2.



Figura 2: Mapa do Paraná e os 65 pontos lingüísticos¹⁰

Entretanto, antecipadamente, já sabíamos que não conseguiríamos transcrever todo o material sonoro coletado, pois são duas entrevistas de 1h30 a 2h em cada ponto, um homem e uma mulher. Devido a isso, o primeiro recorte que fizemos foi reduzir a investigação a 38 pontos, porém tentamos selecionar a mesma quantidade de pontos em todas as mesorregiões, conforme figura 3.

¹⁰ Os números que identificam os pontos lingüísticos foram atribuídos pela autora do ALPR. O nome dos 38 municípios investigados nesta pesquisa consta do anexo A e B.



Figura 3: Os 38 pontos selecionados para essa pesquisa

Noroeste Paranaense: Loanda (07), Querência do Norte (14), Cianorte (15), Umuarama (21);

Centro-Occidental Paranaense: Campo Mourão (29), Campina da Lagoa (34);

Norte-Central Paranaense: Santo Inácio (02), Primeiro de Maio (03), Maringá (09), Apucarana (16), São Pedro do Ivaí (24);

Norte-Pioneiro Paranaense: Jacarezinho (06), Jataizinho (12), São Jerônimo da Serra (17), Siqueira Campos (19);

Centro-Oriental Paranaense: Ortigueira (25), Jaguariaíva (26), Castro (36), Palmeira (53);

Oeste Paranaense: Marechal Cândido Rondon (32), Cascavel (39), Guaraniaçu (40), Foz do Iguaçu (47);

Sudoeste Paranaense: Capanema (48), Francisco Beltrão (57);

Centro-Sul Paranaense: Pitanga (41), Laranjeiras do Sul (50), Guarapuava (51), Mangueirinha (59), Palmas (60);

Sudeste Paranaense: Irati (52), União da Vitória (61);

Metropolitana de Curitiba: Cerro Azul (37), Antonina (45), Curitiba (54), Paranaguá (55), Lapa (63).

5.2 A EDIÇÃO DO *CORPUS* SONORO

O segundo recorte foi quanto ao número de palavras, pois nosso objetivo era obter de todos os informantes a pronúncia para um mesmo item lexical, para assim melhor verificar as semelhantes ou diferentes realizações da vibrante. Além disso, é consensual que, em fonética, é possível obter resultados significativos em pequeno *corpus*, por isso a nossa intenção foi selecionar um *corpus* relevante com restrito número de palavras, pois sabíamos da impossibilidade de transcrever, codificar, quantificar e analisar uma grande extensão de vocábulos, no exíguo prazo de dois anos.

Recorremos, então, ao *ALPR: apresentação* e verificamos quais, dentre as 325 questões do questionário usado por Aguilera (1994), elicitavam respostas com um item lexical contendo a vibrante (Anexo C). Feito isso, tomamos as fitas e, em um aparelho de som doméstico de duplo tape, (Gradiente modelo NS 607) as pré-editamos, ou seja, ouvíamos e regravávamos as palavras que continham /r/, buscadas nas perguntas previamente estabelecidas.

A próxima etapa foi gravar no computador, tarefa esta realizada da seguinte maneira: as fitas eram tocadas no aparelho de som que, por meio de um cabo de condução, ligava-se ao PC, que, aberto no programa *Sound Forge* no modo de gravação, recebia as ondas sonoras. Depois de transferir para o computador os trechos requeridos, passamos a trabalhar numa nova edição. Nesta fase eliminamos todas as palavras ou parte de palavras que não interessavam, pois no programa citado é possível visualizar as palavras por meio das “waves” (ondas), e dessa forma obtém-se uma edição perfeita, algo praticamente impossível de ser efetuado num gravador comum.

5.3 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS FITAS K7

Nem todas as fitas magnéticas, gravadas em sua maioria entre 1985 e 1989, estavam em boas condições, e, devido a isso, alguns itens lexicais não

foram obtidos. Neste subcapítulo, apresentamos um quadro sintetizador das observações acerca das fitas que registram as gravações em cada um dos 38 pontos.

Entrevistas completas e nítidas	Entrevistas incompletas, com partes inaudíveis
2AB, 3B, 6AB, 7B, 12AB, 14B, 15AB, 16AB, 17B, 19AB, 21AB, 24AB, 25B, 26AB, 28B, 29AB, 32A, 34AB, 36AB, 37AB, 41A, 45AB, 47AB, 48AB, 51B, 53AB, 54AB, 55AB, 57AB, 59AB, 60AB, 61A, 63B	3A, 9AB, 14A, 17A, 25A, 26A, 32B, 39AB, 40AB, 50B, 51A, 52A, 61B, 63A

Quadro 1: Relação das entrevistas e sua qualidade sonora¹¹

Entre as 72 entrevistas usadas neste trabalho, 55 estavam completas e nítidas, possibilitando a transcrição fonética de praticamente todos os itens lexicais buscados. Contudo, em 17, havia problemas como partes completamente inaudíveis, outras em que a gravação estava muito baixa, com chiados. Já as fitas em que foram gravadas as entrevistas dos informantes 7A, 41B, 50A e 52B não foram localizadas, portanto, em tais pontos temos a entrevista de apenas um informante.

5.4 AS VARIANTES

Conforme já mencionamos, em cada localidade foi aplicado por Aguilera, durante os anos de 1985 a 1989, um questionário contendo 325 questões que abrangiam dois grandes campos semânticos: Terra e Homem. Ao todo são 130 entrevistas, duas (um homem e uma mulher) em cada ponto, com duração entre 1h30 minutos a 2h30, dependendo do informante. De todo esse material sonoro, cujas gravações originais e cópias encontram-se num arquivo na sala 118 da UEL, como já apontamos, tomamos algumas partes.

Dentre a extensão e riqueza de dados que podem ser investigados, delimitamos para este estudo somente o fonema /r/ que, como já foi dito

¹¹ Conforme Aguilera, 1994: apresentação. A = informante feminino, B = informante masculino.

anteriormente, efetiva-se por meio de variantes que marcam os diversos dialetos e falares de nosso país, como, por exemplo, o sulista, nortista, carioca, nordestino, paulista, gaúcho e *caipira*. Na presente pesquisa, foram consideradas, em conformidade com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), as seguintes realizações do fonema: vibrante alveolar sonora [r]; tepe (ou flepe) alveolar sonora [P]; tepe (ou flepe) retroflexa sonora [ʃ]; aproximante alveolar sonora [ɹ]; aproximante retroflexa sonora [ɻ]¹²; fricativa velar surda [X]; fricativa velar sonora [χ]; fricativa glotal surda [h] e fricativa glotal sonora [ɦ]. Todos os símbolos usados nesta dissertação pertencem à fonte SILDoulosIPA, captadas no site <http://www2.arts.gla.ac.uk/IPA/ipa.html>.

Conforme Taralo (1986) *variável* denomina o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (o fonema /r/, por exemplo) e *variante* designa cada uma das formas de realizar a mesma coisa, em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. Assim sendo, neste trabalho a variável é o fonema /r/ e as variantes são todas as realizações desse fonema encontradas no *corpus*.

Cabe explicar ainda, que estudaremos o fonema em três contextos: intervocálico (/r/ forte –carreta– e /r/ fraco – careta), início de palavra (rato) e como segmento travador de sílaba no interior de palavra (perna), e desse modo, a variável dependente mudará em cada contexto, visto que as variantes não são as mesmas em cada um deles, a saber:

- a) Contexto intervocálico (/r/ fraco): a variável dependente é [P];
- b) Contexto intervocálico (/r/ forte): a variável dependente é [h];
- c) Contexto de início de palavra: a variável dependente é [h];
- d) Contexto de trava de sílaba: a variável dependente é [ɹ].

O tepe alveolar [P] também se torna variável dependente na seção 6.3, em que é investigado em oposição às variantes [h] e [r] em contexto intervocálico (/r/ forte) e de início de palavra.

¹² [ʃ], [ɹ] e [ɻ] representam, neste trabalho, 3 diferentes graus de retroflexão: pouco, médio, muito, respectivamente.

5.5 Os INFORMANTES

Abaixo apresentamos um quadro com os dados característicos dos informantes utilizados neste trabalho, observando gênero, escolaridade e faixa etária, variáveis sociais consideradas na pesquisa.

		INFORMANTES
Escolaridade	Analfabeto	6AB, 12A, 16B, 17AB, 21AB, 24AB, 25AB, 29A, 34A, 36A, 37AB, 39A, 40AB, 41A, 45AB, 48AB, 50B, 51A, 52A, 53AB, 55A, 57AB, 60AB, 61B, 63B TOTAL: 37
	Mobral	2A, 3AB, 14A, 28AB, 34B, 36B, 54B, 59A TOTAL: 10
	Primário Incompleto	2B, 7B, 9AB, 12B, 14B, 15AB, 16A, 19AB, 26A, 29B, 32AB, 39B, 47AB, 51B, 54A, 59B, 61A, 63A TOTAL: 23
	Primário completo	26B, 55B TOTAL: 02
Faixa etária	Até 30 anos	14AB, 28B, 29A, 32A TOTAL: 05
	De 31 a 40	2AB, 3A, 6A, 7B, 9A, 12A, 15B, 16B, 21B, 25B, 28A, 29B, 34B, 37AB, 39AB, 40B, 47A, 48A, 51B, 57AB TOTAL: 24
	De 41 a 50	3B, 6B, 9B, 12B, 15A, 17AB, 21A, 24AB, 25A, 26AB, 32B, 34A, 36A, 40A, 41A, 47B, 48B, 51A, 52A, 54A, 55AB, 63AB TOTAL: 27
	Mais de 50	16A, 19AB, 36B, 45AB, 50B, 53AB, 54B, 59AB, 60AB, 61AB, TOTAL: 16
		Total geral: 72

Quadro 2: Informantes, pontos lingüísticos, escolaridade e faixa etária

Como se vê, a maioria dos informantes são analfabetos (37). Em segundo lugar, numa ordem decrescente, aparecem os que cursaram um pouco do ensino básico (25). Alguns informantes tiveram a oportunidade de cursar o MOBREAL (10), enquanto o número daqueles que tiveram a oportunidade de completar o curso primário completo é bem pouco expressivo: apenas dois.

Sobre a faixa etária, vemos que predominam informantes entre 41 e 50 anos – 27 deles. Todavia, a diferença é pequena em relação à quantidade de

informantes entre 31 a 40 anos – 24. Com mais de 50 anos são apenas 16. Os mais jovens, até 30 anos, somam apenas 5. Os quadros abaixo sintetizam melhor as informações acima.

Escolaridade	Analfabeto		Mobral		Primário incompleto		Primário completo			
	M	F	M	F	M	F	M	F		
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	17	24	20	28	5	7	5	7	13	18
	10	14	02	2	00	0				

Quadro 3: Distribuição dos informantes por escolaridade e gênero

Faixa etária	Até 30		31 a 40		41 a 50		Mais de 50			
	M	F	M	F	M	F	M	F		
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
	02	3	03	4	13	18	11	15	13	18
	14	19	9	13	7	10				

Quadro 4: Distribuição dos informantes por faixa etária e gênero

Escolaridade	Analfabeto		Mobral		Primário incompleto		Primário completo		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Até 30 anos	01	3	02	20	02	8	00	0	05	7
31 a 40	12	32	04	40	08	35	00	0	24	33
41 a 50	16	43	01	10	08	35	02	100	27	38
Mais de 50	08	22	03	30	05	22	00	0	16	22
total	37	51	10	14	23	32	02	3	72	100

Quadro 5: Distribuição dos informantes por faixa etária e escolaridade

Por meio desses quadros, que mostram as variáveis extralingüísticas dessa pesquisa, pretendemos clarificar as características daqueles que são a peça fundamental de qualquer trabalho sobre a linguagem: os falantes de uma determinada língua.

5. 6 AS TRANSCRIÇÕES

Transcrever foneticamente demanda analisar os sons com base em sua identidade articulatória/auditiva, portanto, quanto mais nítido for esse som mais fácil será para identificar seus traços. Por isso, para uma melhor qualidade de audição, e conseqüentemente das transcrições, empregamos, como recurso auxiliar,

um programa de computador denominado “*Sound Forge*”, que, entre outros expedientes, permite repetir incessantemente a mesma palavra, sem necessidade de clicar botão algum. Dessa forma, pode-se abrir esse programa, a janela do Word ao mesmo tempo e, assim, ficar ouvindo a mesma palavra continuamente até decidir-se pela sua melhor transcrição. Outra possibilidade do *Sound Forge* é tornar a pronúncia mais lenta, por meio de um recurso denominado *Sonic Foundry ExpressFX Time Stretch*, porém, há alteração do som. Outro recurso do programa é poder selecionar no arquivo somente as palavras que nos interessam. Por exemplo, se estivermos em dúvida se é mais retroflexo o “r” de *terça*, que se encontra no começo do arquivo ou o de *verde*, final do arquivo, podemos ouvir consecutivamente estas duas palavras e ignorar as demais¹³.

Outra observação pertinente se refere ao fato de que, se o informante registra a mesma palavra de modos diferentes, transcrevemos todas as realizações. Por outro lado, não foi codificada duas vezes a mesma palavra dita do mesmo modo; por exemplo, se o informante dizia três vezes a palavra *terra* da mesma maneira, optamos por codificar apenas uma vez. Também não codificamos palavras em que a realização fonética do /r/ não se apresentou bastante clara a ponto de não suscitar dúvidas na sua classificação.

De modo geral, esses foram os passos principais para a realização desse trabalho. Contudo, no decorrer da análise, outras adequações serão necessárias para melhor explicar o uso das diversas realizações da vibrante no falar rural paranaense.

5.7 CODIFICAÇÃO, DIGITAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS

O programa estatístico empregado nesta pesquisa é o VARBRUL, programa bastante utilizado por diversos pesquisadores para auxiliar as análises;

¹³ O procedimento é: selecionamos a palavra, em seguida, no menu *View*, escolhemos a opção *Regions List*. Abre-se, então, uma janela, sobre a qual clicamos com o botão direito do mouse e *Add*. Nomeamos aquele trecho e repetimos o mesmo processo com a outra palavra. Feito isso, podemos ouvir somente as duas sem ter que ficar procurando na extensão do *corpus* sonoro, e assim poder comparar melhor a pronúncia das mesmas.

contudo, pioneiramente, optamos por utilizar a mais recente versão desse programa o GOLDVARB 2001 (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001) que é uma aplicação para análise multivariacional baseado no programa previamente circulado GOLDVARB 2.0 (RAND & SANKOFF, 1990). Esse era processado nos computadores Macintosh enquanto aquele pode ser operado como qualquer programa para Windows.

Todos os passos fundamentais para a análise que são: preparação dos dados para serem submetido à análises diversas, tabulação cruzada de duas variáveis independentes, análise de regra variável, podem ser obtidos usando-se somente as janelas TOKEN e RESULTS e seus respectivos menus, ganhando-se, por tanto, em rapidez e facilidade.

Como trabalhamos com o programa VARBRUL, tivemos que transformar em códigos identificáveis por esse programa as variáveis que queríamos quantificar. Os códigos criados foram os seguintes:

CÓDIGOS¹⁴

1 Variantes da variável dependente /r/

- a – tepe ou flepe alveolar sonoro [P]
- b- tepe ou flepe retroflexa sonora [ʃ] (levemente retroflexo)
- c – vibrante alveolar sonora [r]
- d – aproximante alveolar sonora [ɻ] (medianamente retroflexo)
- e – aproximante retroflexa sonora [ʁ] (fortemente retroflexo)
- f – fricativa glotal surda [h]
- g – fricativa velar sonora [ʁ]
- h – fricativa uvular sonora [ʁ]
- o - uau, valor de u assilábico [w]
- p - zero fonético [Ø]
- q - lateral alveolar velarizada em trava silábica [ɣ]
- s – semivogal anterior alta não-arredondada em trava silábica [ɪ]

¹⁴ As descrições fonéticas foram baseadas em Silva (2001).

2 Posição da vibrante na sílaba

- # – inicial absoluta (rato)
- \$ – trava de sílaba medial (verde)
- % – intervocálico 1: /r/ fraco (careca)
- * – intervocálico 2: /r/ forte (cerração)

3 Tonicidade da sílaba

- ! – sílaba tônica (verde)
- ? – sílaba pretônica (correnteza)
- = – sílaba antepretônica (carreador)
- % – sílaba anterior a antepretônica (carreadorzinho)
- # – sílaba postônica (terra)
- + – sílaba pospostônica (árvore)

4 Número de sílabas

- 1 – uma sílaba (rio)
- 2 – duas sílabas (perna)
- 3 – três sílabas (carrapato)
- 4 – quatro ou mais sílabas (direiteiro)

5 Contexto lingüístico precedente

- A – vogal central baixa [a] (cara)
- B – vogal central média-baixa [↔] (não ocorreu no *corpus*)
- C – vogal anterior média alta não-arredondada [e] (verde)
- D – vogal anterior média baixa não-arredondada [E] (perna)
- E – vogal anterior alta não-arredondada [i] (arco-iris)
- F – vogal posterior média alta arredondada [o] (coorenteza)
- G – vogal posterior média baixa arredondada [□] (torta)
- H – vogal posterior alta arredondada [u] (urubu)

- I – vogal central baixa nasal [ã] (não ocorreu no *corpus*)
- J – vogal anterior média não-arredondada nasal [e] (não ocorreu no *corpus*)
- K – vogal anterior alta não-arredondada nasal [i] (não ocorreu no *corpus*)
- L – vogal posterior média arredondada nasal [o] (não ocorreu no *corpus*)
- M – vogal posterior alta arredondada nasal [u] (não ocorreu no *corpus*)
- N - inicial absoluta (rato)

6 Contexto lingüístico subsequente

- a – vogal central baixa [a] (arado)
- b – vogal central média-baixa [↔] [ma↔de}↔]
- c – vogal anterior média alta não-arredondada [e] (relâmpago)
- d – vogal anterior média baixa não-arredondada [E] (perna)
- e – vogal anterior alta não-arredondada [i] (sucuri)
- f – vogal posterior média alta arredondada [o] (rosto)
- g – vogal posterior média baixa arredondada [□] [h□da↔mu)u]
- h – vogal posterior alta arredondada [u] (ruga)
- i – vogal central baixa nasal [ã] [↔hã)u]
- j – vogal anterior média não-arredondada nasal [e] (correnteza)
- k – vogal anterior alta não-arredondada nasal [i] (farinha)
- l – vogal posterior média arredondada nasal [o] (marrom)
- m – vogal posterior alta arredondada nasal [u] (não ocorre no *corpus*)
- n – consoantes bilabiais [p, b, m] (borboleta, farmmácia)
- o – consoantes labiodentais [f, v] (orvalho)
- p – consoantes dental ou alveolar [t, d, s, z, n, l, ɔ] (terça)
- q – consoantes alveopalatais [tʃ, dʒ, ʃ, ʒ] (verde [↔ve♦dʒi])
- r – consoantes palatais [ʃ, x, lʝ] (não ocorre no *corpus*)
- s – consoantes velares [k, g] (arço-íris)

7 Modo de articulação da consoante seguinte

- o – oclusiva [p, b, t, d, k, g] (verde)

f – fricativa [f, v, s, z, Σ, Z] (terça)

n – nasal [m, n, Ń] farmácia

a – africada [tΣ, dZ] [ʃve ♦ dZi]

l – laterais [l, lʁ, x, ɔ] (não ocorreu no *corpus*)

* - sem consoante seguinte

8 Sonoridade da consoante seguinte

0 – surda [p, t, k, tΣ, f, s Σ]

1 – sonora [b, d, g, dZ, v, z, Z, m, n, Ń, l, ɔ, x, lʁ]

* – sem consoante seguinte

9 Escolaridade do informante

A – analfabeto

M – mobral

I – primário incompleto

C – primário completo

10 Faixa etária do informante

1 – até 30 anos

2 – de 31 a 40 anos

3 – de 41 a 50 anos

4 – mais de 50 anos

11 Gênero do informante

F – feminino

M – masculino

12 Ponto lingüístico

B - 2

C - 3

F - 6

G - 7

I - 9

L - 12

N - 14

O - 15

P - 16

Q - 17

S - 19

U - 21

X - 24

Y - 25

Z - 26

b - 28

c - 29

f - 32

h - 34

j - 36

k - 37

m - 39

n - 40

o - 41

s - 45

u - 47

v - 48

x - 50

y - 51

z - 52

! - 53

@ - 54

- 55

% - 57

* - 59

+ - 60

= - 61

;- 63

Gostaríamos de ressaltar que transcrevemos todos os vocábulos do *corpus* que editamos, todavia alguns deixaram de ser codificados porque, apesar de diversas revisões, não chegamos a ter certeza absoluta da transcrição das palavras abaixo.

02F – barranco, ferrão e ruga.

02M – traíra e coração

03F – rato e saracura

03M – pernilongo e farmácia

06M – areia e urubu

07M – gangorra

09M – joão-de-barro e pernilongo

12M – coração e espirro

14M – lagartixa, coral, piranha, arroz

15M – terra, morro, aranha, relâmpago

21F – calor

21M – terra, orvalho, lagartixa

24F – carpa e catarro

24M – morro

25F – arroz e gangorra

25M – orvalho, besouro, ranho e ferro

26M – ciroula e cural

28F – carrapato, rato, catarro e rio

29F – besouro

32F – correnteza

32M – árvore

34M – espirrada

36F – corvo

37F – morro

37M – raio, besouro, rato, berruga

40M – terra, roxa, arroz, barranco, rato, ferrão

45F – morro, berruga, terça, raiz, João de barro, lagarto, lagartixa, besouro e

rato

45M – barranco, raiz

48F – raiz, rato

51M – João-de-barro, besouro, ferrão

54F – amarela, areenta, areia, cerração

54M – rio

57M – raiz

59M – besouro, rosto, ranho

60M – cerração, João-de-barro, ruga, espirro, remédio, rastolho

61F – João-de-barro

61M – cerração, urubu

63F – raio, enxurrada, cerração, João-de-barro, ferrão, rosto.

63M – correntosa, correnteza, barranceira, barranca, rio, carrapateira, João-de-barro, rato, berruga.

6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo, analisamos as diversas realizações da vibrante em três contextos: início de palavra, intervocálico e trava silábica. O *corpus* estabelecido para esta pesquisa constitui-se de 5.633 ocorrências da vibrante levantadas de 72 informantes, inquiridos na pesquisa de campo do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR – (Aguilera, 1994 e Arquivo Sonoro Inédito). Tais informantes, de ambos os sexos, representam todas as regiões paranaenses e estão distribuídos em quatro faixas etárias.

Um primeiro olhar sobre os dados indicou que os índices de realizações de cada uma das variantes refletem as características dos itens lexicais estudados. Dentre as palavras selecionadas aleatoriamente, são em maior número aquelas em que o emprego da vibrante simples é o esperado, aproximadamente metade delas, pois essa vibrante é muito produtiva em língua portuguesa, a ponto de encontrarmos autores defendendo a hipótese de que o sistema fonológico do português possui apenas esse fonema vibrante, como por exemplo, Monaretto (1994), já referida no capítulo 2. A aproximante alveolar sonora [♦] está em segundo lugar em número de realizações no *corpus*, e em terceiro, a fricativa glotal surda [h]. O mesmo ocorreu com os dados de Gusmão (2000), em que essas três variantes também se alinham nas mesmas posições, sugerindo suas profícuas realizações no falar paranaense.

Tabela 5: Número de ocorrências das variantes da vibrante no corpus em geral

Var.	[P]	[β]	[♦]	[©]	[r]	[h]	[⊗]	[Ⓢ]	[w]	[O]	[ɔ]	[I]	TO-TAL
Oco.	2.358	505	1.055	43	655	929	40	06	15	13	12	02	5.633
Perc.	41,85	8,96	18,74	0,76	11,62	16,48	0,70	0,10	0,26	0,23	0,21	0,03	100%

Entre os três contextos considerados nesta pesquisa, o tepe (vibrante simples) [P] realiza-se 2.358 vezes; em segundo aparece a aproximante alveolar sonora [♦] com 1.055 realizações; em terceiro, temos a fricativa glotal surda

[h] com 929; a vibrante alveolar sonora [r] ocorre 655 vezes e o tepe retroflexo sonoro [ʁ] aparece 505 vezes. Há também outras oito variantes que aparecem esporadicamente no *corpus* como a aproximante retroflexa sonora [ʁ̥]; a fricativa velar sonora [ʁ̥], a fricativa uvular sonora [ʁ̥], o uau – valor de *u* assilábico – [w], o zero fonético [O], a lateral sonora velarizada [ɹ] e vogal anterior alta não-arredondada (postônica ou semivogal) [ɪ] (ver tabela 5).

Os resultados apresentados na tabela 5 dão apenas uma visão parcial do uso das vibrantes no falar rural paranaense, pois nosso interesse é estabelecer os fatores lingüísticos e sociais que determinam o uso de uma ou de outra variante em cada contexto, bem como as implicações entre tais fatores e a possível distribuição diatópica da vibrante. Também, como já vimos em outras pesquisas (BRANDÃO, 1995; BABLER e AGUILERA, 1999; GUSMÃO 2000; GUSMÃO e PONTES, 2001), os diferentes contextos devem ser tratados separadamente, ou seja, a vibrante apresenta diferentes particularidades, caso localize-se em início de palavra, em trava silábica, posição intervocálica, como segundo membro de encontro consonantal, ou em final de palavra. Aliás, os dois últimos contextos não serão cuidados neste trabalho, visto que no *corpus* não há dados para isso. Portanto, conforme já justificamos, a vibrante será estudada em três contextos: intervocálico, início de palavra e trava silábica (Ver tabela 6).

Tabela 6: Número de realizações da vibrante conforme o contexto

Contextos	Realizações	Percentuais
Intervocálico	3.182	56,48
Início de palavra	747	13,26
Trava silábica	1.704	30,25
Total	5.633	100%

Como se vê na tabela 6, entre as três posições em que estudaremos a vibrante, não há distribuição eqüitativa das ocorrências, o contexto intervocálico detém 56,48% das realizações. Em trava de sílaba, esse índice decresce até atingir 30,25% e em início de palavra há 13,26%. Isso, no entanto, não traz nenhum problema para a análise, visto que os diferentes contextos serão abordados separadamente.

6.1 A VIBRANTE EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA

Principiamos nossa análise pela posição intervocálica, que, como se sabe, é o único contexto em que há oposição fonológica entre a vibrante simples e múltipla¹⁵, isto é, distinguem vocábulos como *carro/caro*, *muro/murro*, *foro/forro*, *careta/carreta*, por isso trataremos separadamente o contexto em que ocorrem variantes do /r/ fraco daquele em que surgem variantes do /r/ forte. Os dois concentram mais da metade das realizações da vibrante em todo o *corpus*, 56,48%, distribuídas entre oito variantes (ver tabela 7), que possuem diferentes percentuais de ocorrência. No contexto aqui denominado de /r/ fraco intervocálico, avulta-se o uso do tepe alveolar (2.000 ocorrências); já para o contexto chamado de /r/ forte intervocálico destaca-se a fricativa glotal surda (499 ocorrências).

Tabela 7: Número de ocorrências das variantes da vibrante em posição intervocálica

		[P]	[ʃ]	[ç]	[r]	[h]	[ʔ]	[ʀ]	[Ɂ]	total
/r/ forte	Oco.	125	0	09	371	509	23	02	0	1.039
	Perc.	12		0,9	36	49	2	0,3		32
/r/ fraco	Oco.	1.999	116	16	04	03	0	01	04	2.143
	Perc.	93	5	1	0,2	0,1	0	0,04	0,2	68
Total	Oco.	2.124	116	25	375	511	23	03	04	3.182
	Perc.	66	5	0,8	12	16	0,7	0,1	0,1	100

Como se observa na tabela 7, nem todas as variantes apresentam um número razoável de realizações no *corpus*. Isso exige que se realizem alguns ajustes na organização das mesmas, pois, para uma análise em pesos relativos é preciso eliminar os nocautes, isto é, a situação em que uma variante aplica-se categoricamente ou não se aplica. Desse modo, realizamos as alterações subseqüentes.

¹⁵ As denominações vibrante simples/múltipla no decorrer do trabalho poderão ser retomados pelos termos /r/ fraco e /r/ forte, respectivamente.

6.1.1 A Vibrante em Posição Intervocálica: /r/ fraco

Para /r/ fraco, devido à elevada ocorrência do tepe alveolar (93%) e à baixa ocorrência das demais variantes e, conseqüentemente, a uma série de nocautes gerados, o que impossibilitava a análise em peso relativo, decidimos considerar apenas as variantes [P] e [r]. Mesmo assim, precisamos realizar alguns ajustes: a) amalgamar na variável *tonicidade da sílaba* as posições *antepretônica e anterior à antepretônica* à *pretônica*. Consideramos para isso o fato de que na posição *antepretônica e anterior à antepretônica* havia apenas duas palavras no *corpus* que continham a vibrante nessa posição [paPanapa ↗ nema e ZaPaPaku ↗ su) e, também, devido ao número pequeno de ocorrências, doze, ainda que consideradas as duas posições. Embora não ocorresse nocaute, optamos por juntar também a posição *pospostônica* à *postônica*, porque o número de ocorrências era muito baixo em comparação às outras e essa junção proporcionava uma maior simetria, visto que passamos a ter a vibrante em sílaba *pretônica, tônica e postônica*. b) Juntar também na variável *contexto lingüístico precedente e contexto lingüístico subsequente* as vogais de acordo com a altura, dessa forma temos: *vogal alta* [i, i), u, u)], *vogal média baixa e média alta* [e, e), E, o, o), □] e *baixa* [a, ↔, ã], dessa forma eliminavam-se nocautes e obtínhamos um maior equilíbrio entre os fatores da variável com relação à quantidade de ocorrências. c) Além disso, eliminar os *pontos lingüísticos* nos quais uma ou outra variante apresentasse 100% ou 0% de freqüência. Esses ajustamentos permitiram realizar o cálculo estatístico dos dados em peso relativo. Ressaltamos que, com a eliminação dos pontos categóricos, diminuiriam as ocorrências do tepe alveolar.

Após essas adequações, efetivamos a primeira rodada no programa VARBRUL e, ao sondar os resultados, julgamos conveniente redistribuir as variáveis independentes *faixa etária* e *escolaridade*. Se a princípio tínhamos quatro faixas etárias e quatro níveis de escolaridade, conforme mostramos no capítulo referente à metodologia (Quadro 1), optamos por juntar em um só grupo os informantes de até 30 anos e aqueles entre 31 e 40 (*Faixa etária 1*), e em outro, os que tinham entre 41 e 50 e mais de 50 anos (*Faixa etária 2*). Com a *escolarização* fizemos o mesmo: passamos a ter o grupo dos *analfabetos* e o dos informantes com alguma

escolarização (MOBRAL, primário incompleto e primário completo). Desse modo, obtivemos um equilíbrio maior entre o número de informantes e as respectivas faixas etárias (até 40 anos = 29 informantes; mais de 40 anos = 43) e também da escolaridade (37 analfabetos; 35 com alguma escolarização). Segundo Brescancini (2002), é comum ocorrer à necessidade de se realizarem modificações no sistema de codificação, amalgamar, como fizemos, ou desmembrar um fator em vários outros durante a análise, inclusive para propiciarmos uma maior ortogonalidade aos dados, isto é, distribuição equilibrada de dados em todas as células quando cruzadas as variáveis *faixa etária* e *escolaridade*.

A comprovação de que esse era o melhor tratamento a ser dado a essas duas variáveis sociais obtivemos por meio do cruzamento entre os fatores de ambas. Quando cruzávamos as variáveis sem as amalgamações, percebíamos a existência de várias células vazias, o que não é o ideal para o cálculo do peso relativo. Essa não ocorrência de dados se dava principalmente quando se conjugava o fator *primário completo* e *MOBRAL* da variável *escolaridade* com todos os outros fatores da variável *faixa etária* (ver tabela 8).

Tabela 8: Distribuição de dados da variante [}] entre as variáveis escolaridade e faixa etária (sem amálgamas)¹⁶

	Analfabeto	Mobral	Incompleto	Completo
Até 30 anos	1	0	0	0
Entre 31 e 40 anos	27	0	6	0
Entre 41 e 50 anos	40	1	5	1
Mais de 50 anos	16	0	16	0

Esse problema surgiu devido a dois motivos: primeiramente porque não trabalhamos com uma amostra aleatória estratificada; segundo porque temos apenas um informante com primário completo e ambos têm entre 41 e 50 anos, portanto, mesmo com o tepe alveolar, variante que apresenta 1.108 (91%) ocorrências, temos células vazias quando cruzamos as faixa etárias com a escolaridade. Já em relação ao *MOBRAL*, há um maior número de informantes e com o tepe alveolar não há tantas células vazias, mas com o tepe retroflexo, devido ao baixo número de ocorrência dessa variante, apenas uma, surgem células

¹⁶ Esse cruzamento das células é realizada pelo aplicativo CROSS TABULATION, presente no GOLDVARB.

desprovidas de dados. Por outro lado, se efetuadas amalgamações nas variáveis *escolaridade* e *faixa etária*, de forma a ter dois fatores em cada uma, ocorriam dados em todas as células (ver tabela 9). Por isso resolvemos adotar esse critério.

Tabela 9: Distribuição de dados da variante [ɨ] entre as variáveis *escolaridade* e *faixa etária* (após amálgamas)

	Escolarizados	Analfabetos
Faixa etária 1	6	28
Faixa etária 2	23	56

A variável diatópica, 21 pontos em que ocorre a variação entre [P] e [ɨ], é ainda mais problemática, pois, quando cruzadas a *escolaridade* e o *ponto*, entre as 84 células criadas dessa combinação, 34 eram células vazias (34/84). O mesmo sucedia com a *faixa etária* e *ponto* (28/84). Sabendo então que a variável diatópica não poderia cooptar com as demais variáveis sociais *escolaridade* e *faixa etária*, devido ao grande número de células vazias, o que geraria resultados pouco confiáveis, realizamos três rodadas diferentes: a primeira inclui todas as variáveis lingüísticas, todas as sociais e a diatópica; a segunda inclui as lingüísticas, as sociais e exclui a diatópica; a terceira inclui as lingüísticas, a diatópica e exclui as sociais, menos gênero. Na primeira rodada, o programa selecionou como relevantes para o uso da regra: *gênero*, *escolaridade*, *pontos lingüísticos*, *tonicidade*, *faixa etária* e *contexto lingüístico precedente*. Na segunda, as variáveis selecionadas foram: *gênero*, *escolaridade*, *tonicidade* e *contexto lingüístico precedente*. Na terceira organização das variáveis, as selecionadas foram: *pontos*, *tonicidade* e *contexto lingüístico precedente*.

Vemos, com isso, que realmente as variáveis sociais relevantes para o uso do [ɨ] são *gênero* e *escolaridade* e as lingüísticas são *tonicidade* e *contexto lingüístico precedente*. Contudo, os resultados são mais seguros quando a variável diatópica não se associa às variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade* —, porque, desse modo, não ocorrem tantas células vazias. Optamos, assim, por tomar a segunda e a terceira rodada para analisar os dados, uma vez que para a primeira o programa acusava “No convergence at iteration 20”, ou seja, os dados não convergiam até a vigésima iteração. Segundo Brescancini (2002, p. 37), “Para que

os resultados convirjam, o que sinaliza uma boa adequação do modelo aos dados, a convergência deve ser alcançada antes da vigésima primeira iteração. Quanto antes for atingida, melhores são os resultados”. O programa GOLDVARB 2001, versão do GOLDVARB 2.0 para Windows, considera até a vigésima iteração e os nossos dados, quando incluídos os pontos lingüísticos, não convergiam até a iteração 20, o que significa que não havia uma boa adequação do modelo aos dados. Além disso, verificamos que os pesos relativos atribuídos aos pontos apresentavam distorções quando o programa selecionava e agrupava as variáveis independentes mais relevantes para o uso da variante retroflexa. Por outro lado, quando excluíamos a variável diatópica dos dados, o programa acusava “Convergence at Iteration 9” (segunda e terceira rodadas), ou seja, a convergência acontece até no máximo a nona iteração, indicando que os dados são adequados ao modelo, e as variáveis selecionadas, com exceção da *faixa etária*, eram as mesmas da primeira rodada, a diferença encontra-se nos pesos relativos.

Como mencionamos na introdução deste trabalho, nosso objetivo é explicar a variação na dimensão diatópica/social/lingüística e inferir em que aspectos cada uma das dimensões influencia a outra. Em outras palavras, tomando como base a dimensão diatópica, buscamos investigar se há implicações das variáveis sociais e lingüísticas.

Como se sabe, o tepe alveolar é a articulação esperada da realização da vibrante no contexto denominado de /r/ fraco; porém, no falar rural paranaense ocorre – não obstante o pequeno percentual – o tepe retroflexo nesse contexto em 21 pontos. A variável diatópica apresenta, portanto, três situações diversas: a) pontos em que o tepe retroflexo não ocorre (0%); b) pontos favoráveis a ele, peso relativo acima de 0,500 (favorável); c) pontos em que o peso relativo atribuído ao tepe retroflexo está entre 0,001 a 0,499 (desfavorável). Como mencionamos acima, quando uma variante ocorre 100% ou 0% não há variação e, obviamente, o programa estatístico não pode estimar os pesos relativos. Partindo dessa condição, fizemos as figuras 4 e 5, a fim de mostrar a área em que o tepe é categórico e a área em que há variação.

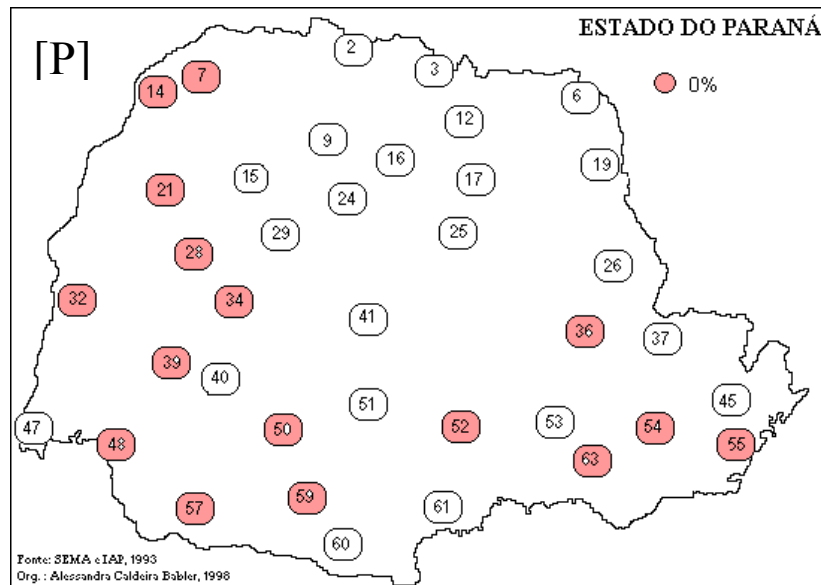


Figura 4: /r/ fraco intervocálico – pontos em que o tepe retroflexo não ocorre

Os pontos em vermelho são aqueles em que o tepe retroflexo não aparece, 0%, sendo, portanto, áreas em que o tepe alveolar ocorre com exclusividade. Entre os 38 pontos que compõem nossa variável diatópica, dezessete pontos estão nessa condição. A despeito das variáveis sociais e lingüísticas, nesses lugares, em todos os itens lexicais ocorre o tepe alveolar sonoro, em posição intervocálica, como realização do /r/ fraco. Portanto, não há variação, não ocorrem duas variantes em combate, não há o que investigar sob a ótica da Teoria da Variação. Dessa forma, podemos dizer que há no Paraná áreas de uso categórico do tepe alveolar [P] e áreas em que outra variante co-ocorre, o tepe retroflexo [ʁ], (Ver figura 5).

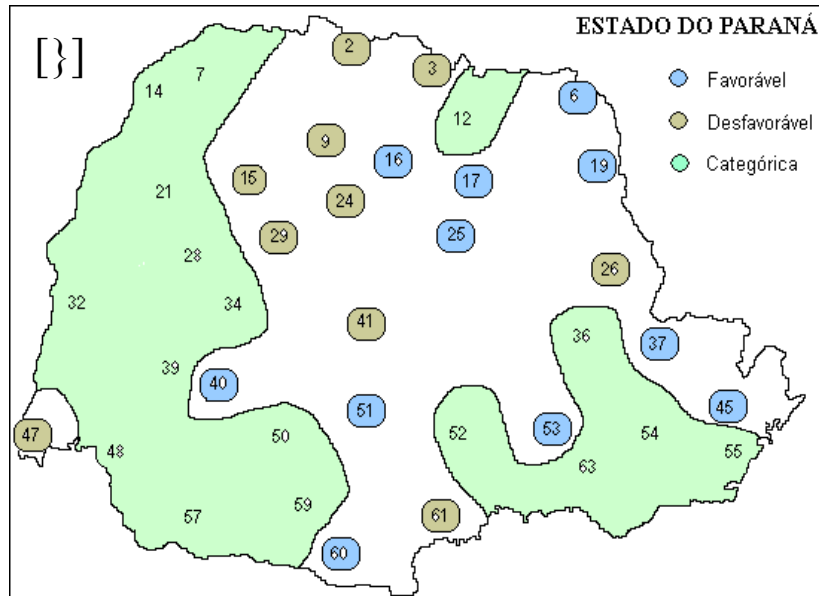


Figura 5: /r/ fraco intervocálico – pontos de variação entre [P] e [ʁ]

Na área verde, como já sabemos, ocorre categoricamente o tepe alveolar sonoro. Na branca, há variação entre ele e o tepe retroflexo, portanto é nela que nos concentraremos, buscando explicações extralingüísticas e lingüísticas para esse fenômeno. Primeiramente temos que pensar sobre as variáveis extralingüísticas *faixa etária*, *gênero* e *escolaridade*. O quadro ajuda, pois apresenta uma distribuição dos informantes entre os pontos, considerando-se *escolaridade*, *faixa etária* e *gênero*.

P	Área de variação						Área categórica		
	[P]			[I]			[P]		
	E	F	G	E	F	G	E	F	G
02	▲	□	♀	▲	□	♂			
03	▲	□	♀	▲	□	♂			
06				□/□	□/□	♀/♂			
07*							▲	□	♂
09	▲	□	♀	▲	□	♂			
12							□/▲	□/□	♀/♂
14							▲/▲	□/□	♀/♂
15	▲	□	♂	▲	□	♀			
16				▲/□	□/□	♀/♂			
17				□/□	□/□	♀/♂			
19				▲/▲	□/□	♀/♂			
21							□/□	□/□	♀/♂
24	□	□	♂	□	□	♀			
25				□/□	□/□	♀/♂			
26	▲	□	♀	▲	□	♂			
28							▲/▲	□/□	♀/♂
29	▲	□	♂	□	□	♀			
32							▲/▲	□/□	♀/♂
34							□/▲	□/□	♀/♂
36							□/▲	□/□	♀/♂
37				□/□	□/□	♀/♂			
39							□/▲	□/□	♀/♂
40				□/□	□/□	♀/♂			
41*				□	□	♀			
45				□/□	□/□	♀/♂			
47	▲	□	♂	▲	□	♂			
48							□/□	□/□	♀/♂
50*							□	□	♂
51	□	□	♂	▲	□	♂			
52*							□	□	♀
53	□	□	♂	□	□	♂			
54							▲/▲	□/□	♀/♂
55							□/▲	□/□	♀/♂
57							□/□	□/□	♀/♂
59							▲/▲	□/□	♀/♂
60	□	□	♀	□	□	♂			
61	▲	□	♀	□	□	♂			
63							▲/□	□/□	♀/♂

Quadro 6: Distribuição dos informantes entre dos pontos (P), considerando a escolaridade (E), a faixa etária (F) e o gênero (G)¹⁷

A *faixa etária*, se excluída a variável diatópica, não era selecionada pelo programa como estatisticamente significativa, porém, o programa a descartou em último lugar e, além disso, se adicionados os pontos lingüísticos, o programa a

¹⁷ ▲ Escolarizado; □ Analfabeto; ♀ feminino; ♂ masculino; □ Faixa etária 1; □ Faixa etária 2; * Só há um informante no ponto.

elencava como relevante, por isso decidimos incluí-la na análise. Dentre os 72 de informantes pesquisados (Ver anexo E), a quantidade deles que se enquadra na *faixa etária 1* é menor que os que pertencem à *faixa etária 2* e não há distribuição homogênea entre as faixas etárias e as duas áreas mostradas na figura 5. Se recorrermos ao quadro 7, veremos que, na área de uso categórico do tepe, 14 (45%) dos informantes têm menos de quarenta anos e 17 (55%) estão acima dessa idade. Por outro lado, na área de combate entre as duas variantes, há 15 (37%) informantes com menos de quarenta anos e 26 (63%) enquadram-se na segunda faixa etária, isto é, mais de quarenta. Como se vê, os 17 informantes da faixa etária mais velha correspondem a 55% do total de informantes da área em que o tepe é categórico, e os 26 representam 63% do total de informantes da área de variação. Esses números referentes à quantidade de informantes de cada faixa etária e o emprego do tepe retroflexo são confirmados pelo número de ocorrências e peso relativo (ver tabela 10).

Tabela 10: /r/ fraco intervocálico – Uso das variantes [ʀ] e [P] e a faixa etária

	[P]			[ʀ]			total	
	Apl.	%	Pes o relat.	Apl.	%	Pes o relat.	Apl.	%
Até 40 anos	430	92	0,560	34	7	0,440	464	38
Mais de 40 anos	678	89	0,463	79	10	0,537	751	61

Como dissemos, a *faixa etária* passou a ter dois fatores e, assim como a variável *gênero*, mostrou por meio dos pesos relativos uma situação de desequilíbrio entre as variáveis. Embora não haja uma grande diferença entre os pesos relativos, podemos dizer que o tepe alveolar é favorecido pelos informantes mais jovens, pois, na *faixa etária 1* o peso relativo dessa variável indica esse favorecimento, 0,560. Por outro lado, quando olhamos a variação que ocorre na segunda faixa etária isso se inverte, pois, enquanto o tepe alveolar tem um peso relativo de 0,463, o tepe retroflexo tem de 0,537, o que mostra o favorecimento do tepe retroflexo por essa faixa etária. Mas por que só ocorre o tepe na outra área, se lá também há informantes da segunda faixa etária? No momento, parece-nos que a

explicação mais plausível está na proporção de informantes, pois, na área de uso do tepe, o número de informantes na faixa etária 2 é menor (55%) que na área onde ocorre a variação (63%). Em outras palavras, se a retroflexa é favorecida pelo informante mais velho, há maior probabilidade de ela aparecer na área onde os informantes são mais velhos, o que aconteceu na área em que detectamos como de variação. Fica-nos a indagação: se houvesse maior quantidade de informantes mais velhos na área de uso categórico do tepe, ele continuaria a ser categórico?

Aguilera (1994) entrevistou em cada ponto um informante feminino e outro masculino, portanto há igualdade de informantes de cada gênero nas duas áreas, o que não ocorreu com a faixa etária, como vimos no parágrafo anterior. Apesar disso, o quadro 6 mostra que, na área de variação, entre os 12 informantes que usaram apenas o tepe, nove eram mulheres (75%) e apenas três, homens (25%). Por sua vez, entre os 29 que usaram também a retroflexa, doze (48%) eram mulheres e dezessete (59%) homens. Esse favorecimento da retroflexa pelos homens é confirmado através dos cálculos apresentados pelo programa, em que o *gênero* foi a primeira variável selecionada como estatisticamente relevante no uso da variante retroflexa

Tabela 11: Uso variável de [ʃ] e [P] e o gênero do informante

	[P]			[ʃ]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Masculino	544	85	0,310	92	14	0,690	636	52
Feminino	564	96	0,704	21	3	0,296	585	47

O *gênero* dos informantes apresentou dados muito expressivos, ao evidenciar claramente que o tepe retroflexo é mais empregado por homens (0,690), enquanto o tepe alveolar o é por mulheres (0,704). Isso vem confirmar os estudos sobre a influência do *gênero* do informante sobre os fenômenos lingüísticos, em que as mulheres não apenas escolhem o tepe aleatoriamente entre duas variantes, mas sim entre uma forma prestigiada [P] e outra des prestigiada [ʃ].

É importante acrescentar que, na área de ocorrência categórica do tepe, há equidade também de faixa etária das mulheres, oito (53%) têm menos de 40 anos e sete (47%), mais de 40. Por outro lado, na área de disputa, dentre as

mulheres entrevistadas, apenas sete (33%) pertencem à primeira faixa etária, as restantes, quatorze (67%), enquadram-se na segunda. Convergem, portanto, as variáveis *faixa etária* e *gênero*, pois a retroflexa é favorecida pelo gênero masculino e pela faixa etária 2, uma vez que na área de variação tanto os informantes masculinos (12 entre 20 – 60%) quanto os femininos (14 entre 21 -67%) possuem mais de 40 anos de idade. As mulheres, em relação aos homens, são favorecedoras do tepe, porém, comparando somente as doze mulheres que usaram a retroflexa, vemos que nove (75%) pertencem à *faixa etária 2* e apenas três (25%) à *faixa etária 1*, confirmando-se a relevância da faixa etária no uso da retroflexa.

A variável extralingüística *escolaridade* apareceu em segunda posição e harmoniza-se muito bem com outras variáveis extralingüísticas para a regra de uso do tepe retroflexo. O quadro 6 indica que, na área de uso categórico do tepe, quanto à escolarização, há mais informantes escolarizados, dezessete (55%), que analfabetos, quatorze (45%). O contrário se dá na área de variação, pois existem 18 (44%) escolarizados e 23 (56%) analfabetos. Por conseguinte, considerando somente a área de variação, confirma-se a hipótese de que a retroflexa é mais empregada por analfabetos, pois ocorre com dezenove (66%) informantes analfabetos e com dez (44%) informantes escolarizados. Já o tepe, na mesma área, é realizado por oito (67%) informantes escolarizados e por quatro (33%) analfabetos. A tabela 12 confirma isso.

Tabela 12: Uso variável de [P] e [ɣ] e a variável social escolaridade

	[P]		[ɣ]		Total			
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Analfabetos	552	86	0,353	84	13	0,647	636	52
Escolarizados	556	95	0,659	29	4	0,341	585	47

A evidência de que os analfabetos empregam mais o tepe retroflexo é grande, pois há uma polarização forte entre 0,647 e 0,353, ambos distanciam-se bem do ponto considerado neutro no cálculo estatístico de dados, 0,500. O inverso se dá com os escolarizados, enquanto para tepe alveolar o peso relativo de 0,659 para o tepe retroflexo diminui para 0,341. Convergem até então os dados, pois, a

retroflexa é usada por informantes mais velhos, do gênero masculino, sem escolarização.

Entre quatro variáveis lingüísticas consideradas – *tonicidade*, *contexto lingüístico precedente*, *número de sílabas* e *contexto lingüístico subsequente* –, apenas as duas primeiras foram selecionadas e, mesmo assim, em penúltimo e último lugar no grau de relevância. Com já dissemos anteriormente, ao analisar a quantidade de ocorrência e percentuais de cada um dos fatores dessas variáveis, vimos que, para a variável *tonicidade*, a melhor maneira de interpretá-la seria reorganizá-la em três grupos: *pretônica*, *tônica* e *postônica*; já a variável *contexto lingüístico precedente* melhor ficaria se agrupada de acordo com a altura vocálica em *baixas*, *médias* e *altas*..

Tabela 13: Uso variável de [P] e [ʃ] e a tonicidade da sílaba

	[P]			[ʃ]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Pretônica	187	91	0,515	17	8	0,485	204	16
Tônica	532	93	0,628	36	6	0,372	568	46
Postônica	389	86	0,334	60	13	0,666	449	36

Essa variável indica que, em posição intervocálica, a sílaba *tônica* favorece o tepe alveolar (0,628) e inibe o tepe retroflexo (0,372). Na posição *pretônica*, há um equilíbrio entre as duas variantes, visto que os pesos relativos estão muito próximos do ponto neutro. A posição *postônica*, por outro lado, favorece o tepe retroflexo e inibe o tepe alveolar.

Tabela 14: Uso variável de [P] e [ʃ] e o contexto lingüístico precedente

	[P]			[ʃ]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Vogal								
Baixa	412	90	0,390	45	9	0,610	457	37
Médias	507	90	0,554	55	9	0,446	562	46
Altas	189	93	0,602	13	6	0,398	202	16

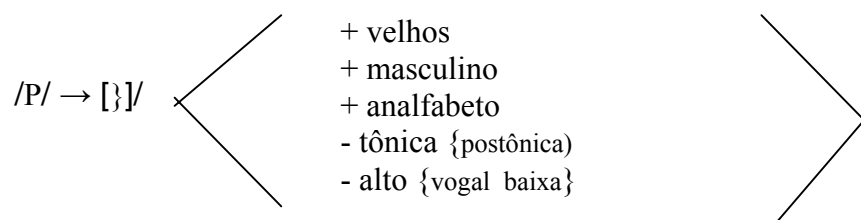
No *contexto lingüístico precedente*, as vogais *altas* e *médias* favorecem o tepe (0,602 e 0,554, respectivamente) e inibem o tepe retroflexo (0,398

e 0,446, respectivamente). Por outro lado, a *vogal baixa* favorece o tepe retroflexo (0,610) e inibe o tepe alveolar (0,390). Considerando a descrição de Amaral

r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um caráter peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico. (AMARAL, 1920, p. 12)

entendemos porque a articulação de *vogal baixa* como *contexto lingüístico precedente* propicia a realização da variante retroflexa. Se, como contexto precedente, temos uma vogal alta, supõe-se que a língua está mais alta. Estando alta deverá abaixar-se para elevar os bordos laterais até os molares e virar a extremidade para cima, tal qual descreve Amaral (1920), processo muito mais difícil do que quando a língua se encontra numa posição mais baixa, ou seja, quando o contexto lingüístico precedente possui uma vogal baixa. Ao buscar no *corpus* quais palavras apresentavam mais ocorrências da variante retroflexa, deparamo-nos com um bom exemplo, em *cara* e *urubu*. Na primeira, a vibrante realiza-se como retroflexa 10 vezes e nela conjugam-se as duas condições lingüísticas que favorecem o uso do tepe retroflexo: a vibrante está em posição *postônica* e precedida de uma *vogal baixa*. Em *urubu*, o tepe retroflexo ocorre apenas duas vezes o tepe retroflexo, porque a vibrante está em posição *pretônica* (contexto que a inibe) e tem uma *vogal alta* antes.

Concluindo essa análise, com base nos dados probabilísticos apontados pelo programa VARBRUL, parece que a retroflexa apresenta a seguinte regra de uso:



De acordo com essa regra, vemos que o tepe realiza-se como retroflexa quando é usada por informantes acima de 40 anos, preferencialmente do gênero masculino, sem nenhuma escolarização. A dimensão lingüística aponta que o tepe tem probabilidade maior de realizar-se como retroflexa em qualquer posição, exceto quando tônico, e precedido de vogal não alta.

Depreende-se também que as variáveis mais relevantes para a realização do tepe retroflexo são as sociais, visto que entre as três estabelecidas – *escolaridade*, *gênero* e *faixa etária* – duas foram selecionadas pelo programa e em primeiro e segundo lugares; entre as variáveis lingüísticas foram selecionadas duas entre quatro e, mesmo assim, em terceiro e último lugares.

De modo geral, poderemos considerar que a variante retroflexa tende a recuar quando na posição intervocálica, conforme indicam as variáveis sociais. Em primeiro lugar, sua ocorrência é maior com informantes com mais de 40 anos, significando que a tendência dos jovens é não usá-la mais. Em segundo, a variável social *escolaridade* mostrou ser mais usada por *analfabetos*, e a tendência atual é a escolarização de todos (ainda que mínima). Por último, ao verificarmos que é mais usada por homens que mulheres, depreendemos que não é a forma prestigiada, uma vez que as mulheres empregam mais a forma que dispõe de prestígio. Quanto à questão da distribuição heterogênea das *faixas etárias* e *escolaridade* entre a área de uso categórico do tepe alveolar e a área de variação entre tepe alveolar e tepe retroflexo, pensamos que, se tivéssemos informantes na mesma situação (*faixa etária* e *escolaridade*) em todos os pontos estudados nesta pesquisa, talvez não depreenderíamos duas áreas distintas, ou seja, uma em que só ocorre tepe alveolar e uma em que há concorrência entre tepe alveolar e tepe retroflexo (ver figura 5).

6.1.2 A vibrante em posição intervocálica: /r/ forte

Embora quase todas as variantes que ocorrem no contexto de /r/ fraco também apareçam no contexto /r/ forte (ver tabela 7), as que se destacam são diferentes em cada contexto. Para /r/ fraco, vimos que se sobressaem as variantes

[P] e [ʃ] e para /r/ forte [h], [r] e [P]. Na análise referente ao /r/ forte foi necessário: a) amalgamar as variantes posteriores [⊗] e [Ⓡ] e [h]; b) eliminar o tepe retroflexo [Ⓢ]; c) deixar sem modificações [P] e [r].

Quanto à junção das posteriores em um único grupo, neste trabalho levou-se em consideração o fato de haver poucas ocorrências de [⊗] e [Ⓢ]. Já Mercer (1992, pág.80), quando escolheu agrupar as variantes em dois grupos: apicais e velares, justificou sua decisão com base na dificuldade em perceber diferenças entre as posteriores, dificuldade que também encontramos.

Tabela 15: /r/ forte intervocálico – variantes amalgamadas

	[P]	[h]	[r]	total
/r/ forte	122/13%	524/51%	370/36%	1016/100

A princípio, consideramos três variantes na análise, como mostra a tabela 15. No decorrer dos cálculos estatísticos, porém, percebemos que o melhor seria estudar as variantes [h] e [r] e, à parte, cuidar do [P]. Embora o tepe apareça no contexto lingüístico em que atuam geralmente variantes do /r/ forte, sabemos que isso não é o mais adequado porque no contexto intervocálico o tepe e as variantes de /r/ forte podem distinguir vocábulos como, por exemplo, *muro/murro*, *careta/carreta*. Apesar disso, nessa posição, deparamo-nos com 122 realizações dessa variante no *corpus*, fato que se justifica através de palavras em que a oposição não atrapalha a comunicação, como por exemplo dizer [ːtEPa] invés de [ːtEra]. Considerando que o mais comum no contexto intervocálico /r/ forte é o uso das variantes [h] e [r], optamos por investigar separadamente essas duas variantes e, em outro subcapítulo, o tepe alveolar sonoro.

Para o uso das variantes de /r/ forte, assim como para /r/ fraco, precisamos eliminar variantes da variável dependente, bem como amalgamar fatores nas variáveis independentes. Essas mudanças ocorreram principalmente devido à baixa ocorrência de algumas das variantes da variável dependente ou de alguns fatores da variável independente. A título de exemplo, podemos citar o caso do fator *antepretônica* da variável *tonicidade* da sílaba, ou ainda, dos fatores do *contexto*

lingüístico precedente e subsequente. A baixa ocorrência, como já dissemos, ocasiona muitas células vazias, o que se verifica quando cruzamos as variáveis por meio do aplicativo *Cross tabulation*. A presença de células vazias, como se sabe, não é a condição ideal para os cálculos efetuados pelo programa VARBRUL.

Com o cruzamento de variáveis no *Cross Tabulation*, portanto, detectamos que não poderíamos rodar junto as variáveis sociais *escolaridade* e *faixa etária* e a *diatópica*. Contudo, efetuamos uma rodada em que essas variáveis aparecem juntas à diatópica para verificarmos os resultados e compararmos com as rodadas seguintes. Nessa primeira rodada, o programa selecionou: *pontos lingüísticos, faixa etária, tonicidade, escolaridade e número de sílabas*. Na segunda, em que descartamos os pontos, a seleção era *gênero, faixa etária e escolaridade*. Na terceira etapa, em que se calculava o efeito das variáveis lingüísticas, do gênero e da diatópica, foram selecionados: *pontos, tonicidade e número de sílabas*. Considerando-se esses cálculos e os números apresentados pelo programa para o *input* e a significância, vimos que o melhor era trabalhar com a segunda e terceira rodadas, uma vez que, com exceção do gênero do informante, as mesmas variáveis selecionadas quando todas são calculadas juntas aparecem na segunda e terceira rodadas.

Ao tratar dos pontos lingüísticos, empregamos os mesmos critérios usados na análise do /r/ fraco intervocálico, ou seja, marcamos na figura 6 os pontos categóricos de realização das variantes (100%). Na figura 7 apresentamos a área de combate entre as duas variantes, destacando: a) os pontos favoráveis às posteriores, peso relativo acima de 0,500 (favorável); b) pontos desfavoráveis às posteriores, 0,001 a 0,500 (desfavorável).

6.1.2.1 /r/ forte intervocálico: as variantes [h] e [r]

A primeira variável selecionada como relevante no uso variável entre [h] e [r] em posição intervocálica é a *diatópica*. A figura 6 apresenta os pontos onde ocorre categoricamente [h] ou [r].

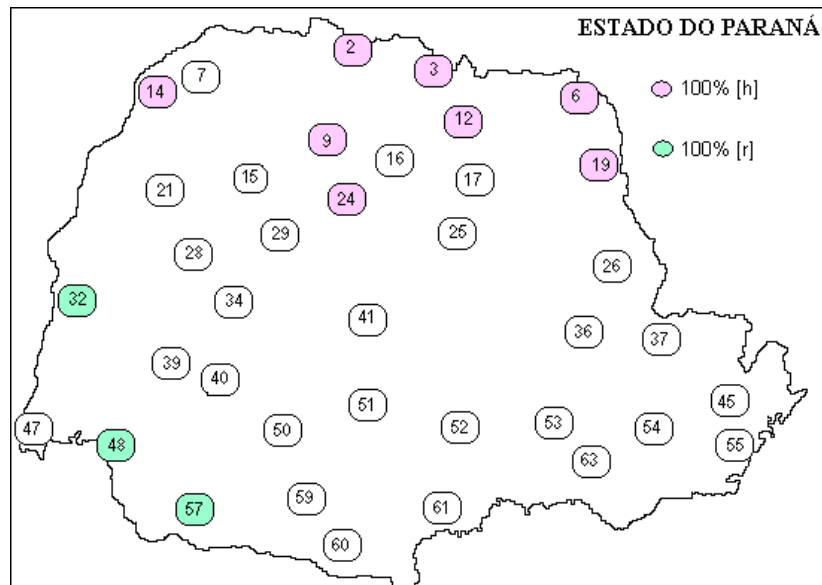


Figura 6: /r/ forte intervocálico – área em que ocorre categoricamente a variante [h] ou a variante [r]

Nessa figura, observamos que na maior parte do território paranaense há variação entre [h] e [r], pois apenas nos pontos localizados no Oeste e Sudoeste Paranaense, 32 (Marechal Cândido Rondon), 48 (Capanema) e 57 (Engenheiro Beltrão), ocorre categoricamente como realização do /r/ forte intervocálico a vibrante múltipla alveolar. Por outro lado, em oito pontos aparece categoricamente, nesse contexto, a fricativa glotal surda. Esses pontos pertencem em sua maioria ao Norte Central (2-Santo Inácio, 3-Primeiro de Maio; 9-Maringá, 24-São Pedro do Ivaí), outros ao Norte Pioneiro (6-Jacarezinho, 12-Jataizinho, 19-Siqueira Campos), e apenas um fica mais isolado, 14-Querência do Norte, no Noroeste.

A figura 7 apresenta os pontos favoráveis e desfavoráveis à fricativa, isto é, pontos em que ocorre com maior frequência a vibrante alveolar.

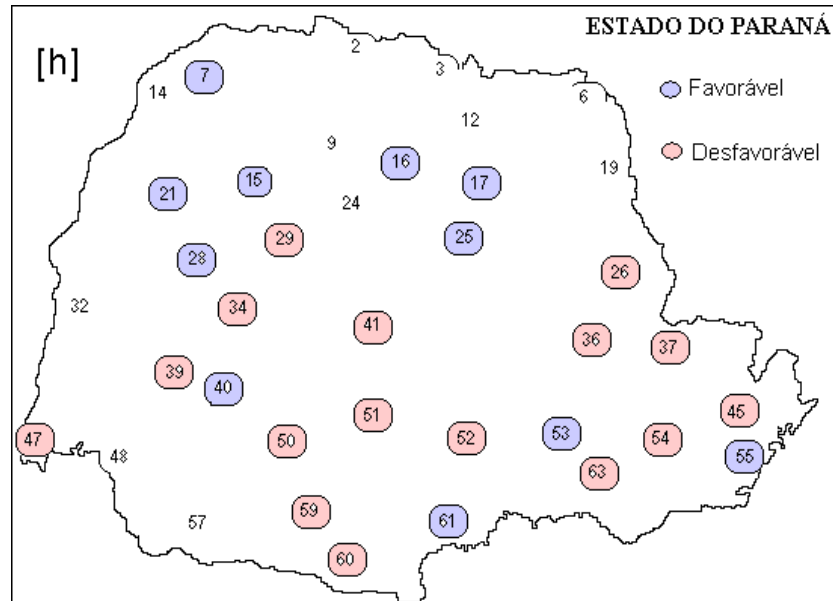


Figura 7: /r/ forte intervocálico – área de disputa entre as variantes [h] e [r]

Retomando a figura 6, é possível verificar que a soma das áreas categóricas de [h] (pontos 3, 6, 9, 12, 14, 19 e 24) e [r] (pontos 32, 48 e 57) é menor que o total da área de variação, ou seja, no falar rural paranaense há muito mais variação entre as duas variantes que uso categórico de uma ou outra variante. Comparando os resultados apresentados nas figuras 6 e 7 com a carta fonética 186 do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR) – Isófonas do -/R/- em VERRRUGA – (Aguilera, 1994), levantamos a hipótese de que, embora para o /r/ forte intervocálico, na carta de *verruca*, exista uma distribuição diatópica, essa não prevalece quando se toma uma variedade maior de itens lexicais, como fazemos nesta pesquisa.

Mais detidamente, é preciso considerar algumas diferenças entre a carta do ALPR e a figura 7 apresentada anteriormente, uma vez que Aguilera toma 65 pontos e o presente trabalho apenas 38 e também porque não estamos considerando no momento, como Aguilera (1994) na Carta 186, o tepe. Por exemplo, o ponto 54 (Curitiba), no ALPR, aparece como lugar de uso do tepe, e realmente o é, pois, se tomadas às três variantes naquele ponto temos: [P] 30/83%, [h] 1/3%, [r] 5/13%. Porém, como por ora, desconsideramos o tepe e o programa calculou em peso relativo, o ponto aparece como favorável ao [r], conforme mostra a figura acima. O mesmo vale para o ponto 52, e todos os outros em que há esse cruzamento das variáveis. Apenas o ponto 40, Guaraniaçu, apresentou dados

divergentes de Aguilera (1994), pois, na carta 186 do ALPR, esse ponto está marcado como área de uso da vibrante alveolar e nos nossos dados como favorável ao [h].

Tabela 16: /r/ forte intervocálico – variantes [h] e [r] e o gênero do informante

	[h]			[r]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Masculino	177	52	0,557	159	47	0,443	336	52
Feminino	126	41	0,437	180	58	0,563	306	47

Apesar de selecionada pelo programa como estatisticamente relevante, o *gênero* do informante não mostra uma grande diferença no uso das variantes entre homens e mulheres, indicando apenas um leve favorecimento das posteriores pelos homens (0,557) e das anteriores pelas mulheres (0,563).

Tabela 17: Uso variável das variantes [h] e [r] e a faixa etária

	[h]			[r]			total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Até 40 anos	113	55	0,573	92	44	0,427	205	31
Mais de 40 anos	190	43	0,466	247	56	0,534	437	68

Entre as variáveis sociais estabelecidas, a *faixa etária* foi selecionada pelo programa. Temos, na área de variação, 16 informantes com menos de 40 anos e 34 acima dessa idade, mais que o dobro. Os pesos relativos dessa variável vêm indicar que a forma posterior tem sido preferida pelos informantes mais jovens (0,573) em detrimento da anterior (0,427) e o inverso acontece com os informantes mais velhos.

Tabela 18: Uso variável das variantes [h] e [r] e a escolaridade do informante

	[h]			[r]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Analfabetos	176	49	0,542	180	50	0,458	356	55
Escolarizados	127	44	0,448	159	55	0,552	286	44

Da mesma forma que o *gênero* do informante, a *escolaridade* não apresenta pesos relativos muito expressivos, mostrando apenas um leve favorecimento do [h] pelos informantes analfabetos, sendo estes 28 informantes e os escolarizados 22.

Entre as variáveis lingüísticas estabelecidas para este estudo, o programa elencou, como favorecedoras da fricativa [h], a *tonicidade* e o *número de sílabas*.

Tabela 19: Tonicidade e o uso das variantes [h] e [r]

	[h]			[r]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Pretônica	63	43	0,367	83	56	0,633	146	22
Tônica	139	52	0,601	127	47	0,399	266	41
Postônica	101	43	0,468	129	56	0,532	230	35

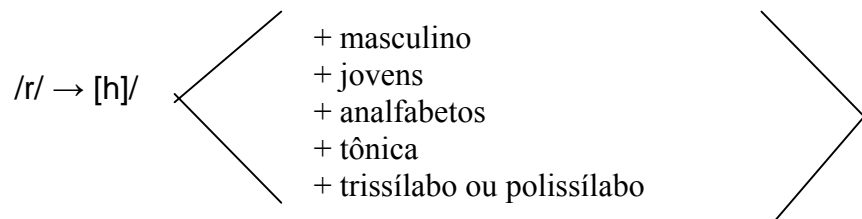
Quanto à *tonicidade*, a posição *pretônica* manifesta-se como muito inibidora da fricativa (0,367) e altamente favorecedora da vibrante múltipla alveolar (0,633). A posição *tônica*, pelo contrário, atua favorecendo a fricativa e inibindo a vibrante. A posição *postônica* se aproxima do ponto neutro, mas mesmo assim favorece um pouco a vibrante.

Tabela 20: Número de sílabas e as variantes [h] e [r]

	[h]			[r]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Duas	88	41	0,371	126	58	0,629	214	33
Três	154	51	0,541	146	48	0,459	300	46
Quatro ou mais	61	47	0,622	67	52	0,378	128	19

O *número de sílabas* da palavra em que se encontra o fonema estudado mostra que, somente nas palavras de *duas sílabas*, há probabilidade de maior uso da vibrante múltipla alveolar. Os pesos relativos indicam ainda uma gradação ascendente no uso da fricativa, pois, em palavras de *duas sílabas* é desfavorecida (0, 371); aumentando-se o número de sílabas cresce também o peso relativo, veja: *três sílabas*, 0,541; *quatro sílabas ou mais*, 0,622.

No contexto /r/ forte intervocálico, a seguinte regra de uso pode ser estabelecida:



Por esta regra fica claro que a fricativa apresenta maior probabilidade de ocorrência caso tenhamos um informante masculino, com menos de 40 anos, analfabeto, pronunciando uma palavra de três ou mais sílabas em que a vibrante esteja em posição tônica.

Para o contexto intervocálico, em geral, podemos notar que para o /r/ fraco (variantes [P]e [ʃ]) não há distribuição diatópica, pois as figuras 4 e 5, com base nos 38 pontos, mostraram que o tepe alveolar predomina em todo o território paranaense, sendo categórico em dezessete pontos e favorecido em dez. Contudo, aparece o tepe retroflexo nesse contexto e os fatores que determinam seu uso são, de acordo com o que apontou o programa estatístico VARBRUL: *a faixa etária*, *o gênero*, *a escolaridade*, *a tonicidade* e *o contexto lingüístico precedente*. Já para o /r/ forte há distribuição diatópica, desde que se considere cada palavra isoladamente, como no caso da Carta 186 (Isófonas de Verruga); porém, se tomarmos um número maior de itens lexicais, veremos que somente em alguns pontos aparece uma ou outra variante categoricamente, o que há predominantemente é co-ocorrência de duas variantes: mesmo que em alguns pontos uma possa ser altamente favorecida, a outra não deixa de existir.

6.2 A VIBRANTE EM POSIÇÃO DE INÍCIO DE PALAVRA

O menor número de realizações da vibrante está na posição inicial, 735, distribuídas em sete variantes (ver tabela 21).

Tabela 21: Número de ocorrências das variantes em início de palavra

[P]		[ʃ]		[ç]		[r]		[h]		[ʔ]		[ʀ]		Total	
Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%
32	4	01	0,1	03	0,4	273	38	406	55	17	2	03	0,4	735	100

Devido à baixa ocorrência de algumas variantes, para realizarmos a análise com pesos relativos, tivemos de operar as mesmas modificações que para /r/ forte intervocálico, isto é, juntar as posteriores num único grupo, de forma a ter [h], [ʔ] e [ʀ] amalgamadas; deixar sozinhas as variantes [r] e [P] e excluir [ʃ] e [ç] devido à baixa produtividade: 1 e 3 realizações, nessa ordem.

Tabela 22: Número de ocorrências das variantes em início de palavras (após amalgamações)

[P]		[r]		[h]		Total	
Oco	%	Oco	%	Oco	%	Oco	%
32	5	273	38	426	57	731	100

Todavia, isso não eliminou todos o nocautes, e então fizemos outras mudanças: a) amalgamamos, devido ao baixo número de ocorrências, na variável *tonicidade da sílaba* a posição *antepretônica* e *anterior à antepretônica* à *pretônica*, devido ao baixo número de ocorrências das mesmas; b) na variável *contexto subsequente*, tendo em vista a pouca ocorrência de alguns fatores dessa variável e as conseqüentes células vazias geradas, optamos por trabalhar com a oposição *vogal baixa, média e alta*; c) nas variáveis sociais – *escolaridade* e *faixa etária* –

seguimos o mesmo critério que nas análises anteriores; d) excluímos da análise pontos em que uma ou outra variante ocorria categoricamente.

Após tais modificações, operamos as primeiras rodadas no programa estatístico e percebemos que não eram as mesmas variáveis que determinavam o uso do tepe alveolar [P], vibrante múltipla [r] ou fricativa glotal surda [h]. Por isso, em início de palavra, decidimos proceder como fizemos no contexto /r/ forte intervocálico, ou seja, primeiramente averiguar as variantes [h] e [r] e, num segundo momento, analisar a variante [P], que apareceu com 31 realizações em início de palavra (exemplo: [ʔPatu] em vez de [ʔhatu] ou [ʔratu]).

6.2.1 /r/ inicial: as variantes [r] e [h]

Em início de palavras, para as duas variantes o programa selecionou as seguintes variáveis, por relevância: *pontos lingüísticos* e *tonicidade*. Os pontos lingüísticos receberam a mesma organização das outras cartas, isto é, categóricos (100%), favoráveis e desfavoráveis.

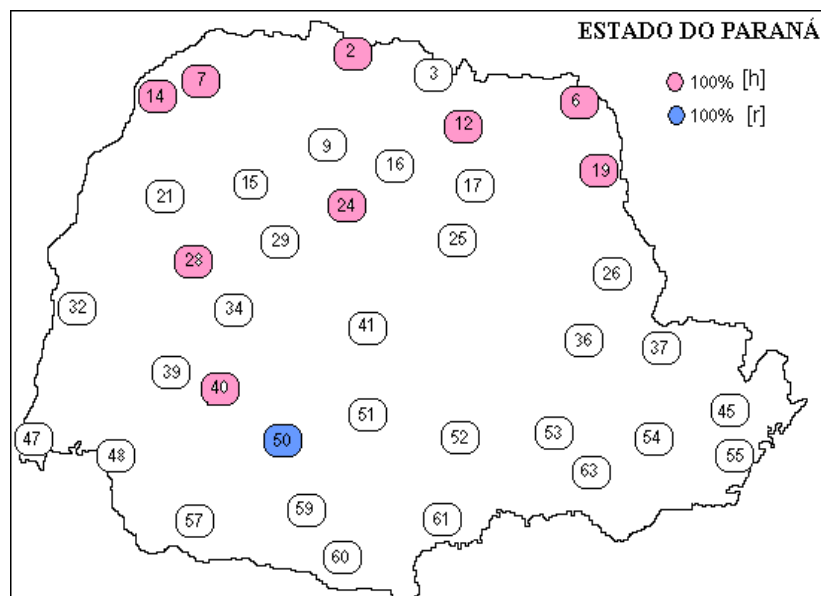


Figura 8: /r/ em início de palavra – pontos em que as variantes [h] e [r] ocorrem categoricamente

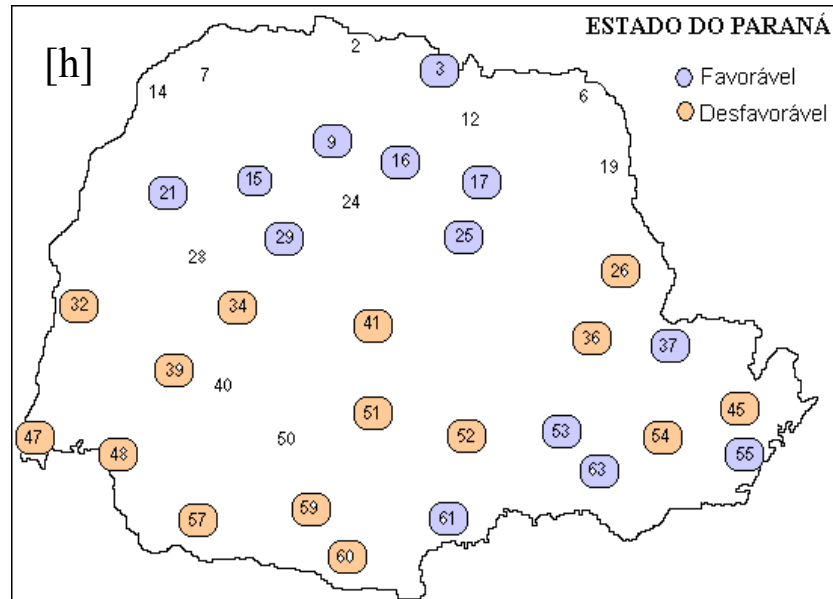


Figura 9: /r/ inicial – pontos em que há variação entre [h] e [r]

Podemos dizer que para /r/ inicial também há uma distribuição diatópica desde que consideremos cada palavra isoladamente, tal como podemos visualizar na carta 132 do ALPR (redemoinho); todavia, quando tomamos várias palavras conjuntamente, o que vemos na maior parte do território é a variação entre [h] e [r], mesmo que em alguns pontos uma ou outra seja altamente favorecida em relação à outra.

A propósito, gostaríamos de abordar o fato de que, mesmo ocorrendo as mesmas variantes em posição intervocálica (/r/ forte) e inicial, há diferenças entre as figuras 7 e 9, as quais são mostradas mais detalhadamente no quadro abaixo.

Pontos	/r/ forte intervocálico (figuras 6 e 7)		/r/ em início de palavra (figuras 8 e 9)	
03	Catagórico	100%	Favorável	0,943
07	Favorável	0,945	Catagórico	100%
09	Catagórico	100%	Favorável	0,950
28	Favorável	0,962	Catagórico	100%
32	Não ocorre	0%	Desfavorável	0,447
40	Favorável	0,867	Catagórico	100%
48	Não ocorre	0%	Desfavorável	0,052
50	Desfavorável	0,075	Não ocorre	0%
57	Não ocorre	0%	Desfavorável	0,097
37	Desfavorável	0,384	Favorável	0,571
63	Desfavorável	0,290	Favorável	0,505

Quadro 7: Comparação das diferenças de uso do [h] entre a posição intervocálica e inicial

As principais diferenças ocorrem quanto ao caráter categórico (100%) ou não ocorrência (0%), situações em que uma ou outra variante ocorre com exclusividade. Desse modo, diferem nos dois contextos, intervocálico e início de palavras, os pontos 3, 7, 9, 28, 32, 40, 48, 50 e 57, pois, em um contexto é categórico ou nunca ocorre a variante [h] e em outro é favorável ou desfavorável.

Temos ainda que, para /r/ forte intervocálico, na zona em que predomina [r], só há quatro pontos favoráveis ao [h] (pontos: 40 – Guaraniaçu; 53 – Palmeira; 55 – Paranaguá; 61 – União da Vitória). Já para /r/ inicial, esse quadro se altera relativamente, pois o ponto 40 passa a categórico no uso [h], os pontos 53, 55 e 61 permanecem como favoráveis e o ponto 63, de desfavorável passa a favorável. O ponto 50 (Laranjeiras do Sul) também se altera: de desfavorável a [h] passa a nulo. Por outro lado, os pontos 32 (Rondon), 48 (Capanema) e 57 (Francisco Beltrão) seguem o caminho inverso, ou seja, no contexto /r/ forte intervocálico nunca ocorre [h], mas em posição inicial revelaram-se apenas desfavoráveis. Mudanças dessa natureza também ocorrem na área de uso da variante [h], isto é, pontos favoráveis passam a categóricos e vice-versa.

A conclusão que podemos tirar desse fato é que, em posição intervocálica e inicial, embora ocorram com maior frequência as variantes [h] e [r], as condições de ocorrência não são as mesmas, isto é, mudam-se, por exemplo, as probabilidades e os pontos categóricos. Portanto, não devemos traçar uma carta isófona tomando os dois contextos como um só simplesmente porque as variantes

identificam-se, como faz Mercer (1992) na carta 21, em que traça Isófonas das realizações de /r/ em *genro* e *revólver*, contexto intervocálico e inicial, respectivamente.

Tabela 23: Tonicidade e o uso das variantes [h] e [r] em início de palavra

	[h]			[r]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Pretônica	140	54	0,612	118	45	0,388	258	49
Tônica	109	42	0,389	150	57	0,611	259	50

O comportamento das variáveis lingüísticas indica que a posição *postônica* não ocorre nos dados no contexto início de palavra porque não há possibilidade na língua de existir um fonema em início de palavra e ser postônico. Entre as variáveis lingüísticas, apenas a *tonicidade* foi a única selecionada e revelou que entre a posição *pretônica* é preferido o emprego do [h] e em posição *tônica*, [r]. Revela-se peculiar o comportamento da tonicidade da sílaba quando comparadas as posições /r/ forte intervocálico e /r/ inicial, pois, quando intervocálico, ocorre o inverso, ou seja, a fricativa passa a ser favorecida na posição *tônica* e a vibrante múltipla na posição *pretônica*.

Finalizando a análise das variantes [h] e [r], vemos que tanto para /r/ forte intervocálico quanto para /r/ inicial há distribuição diatópica entre as duas variantes, desde que considerada cada palavra isoladamente, como mostram as cartas 132 e 186 do ALPR, *redemoinho* e *verruca*, respectivamente. Porém, quando se toma um maior número de palavras e os dois contextos isoladamente, surgem algumas diferenças comprovando que, embora se trate das mesmas variantes, o uso de uma ou outra é determinada por fatores diferentes. Para determinar o uso de [h] ou [r] em posição /r/ forte intervocálico atuam o *gênero*, a *faixa etária*, a *escolaridade*, a *tonicidade* e o *número de sílabas*; para a posição inicial, apenas a *tonicidade* tem influência. Com isso, manifestamos que, apesar da possível distribuição diatópica, há outras variáveis atuando no uso de uma ou outra nos dois contextos abordados.

6.3 O TEPE ALVEOLAR EM POSIÇÃO INTERVOCÁLICA (/r/ FORTE) E EM INÍCIO DE PALAVRA

Nos capítulos precedentes vimos que o tepe alveolar aparece no falar rural paranaense em contextos em que não é esperado, como, por exemplo, nas palavras *terra* [ʔtEPa] e *rato* [ʔPatu] (informante 32F), intervocálico e inicial, respectivamente. Ao analisar as variantes, vimos também que para [h] e [r] o programa VARBRUL selecionou as mesmas variáveis, mas não para o tepe alveolar; por isso, propomos analisá-lo separadamente neste capítulo.

Na posição intervocálica, são 122 ocorrências do tepe, para o qual o programa selecionou como relevantes na aplicação da regra as variáveis: *pontos lingüísticos*, *escolaridade* e *contexto lingüístico precedente*. As ocorrências em posição inicial totalizam 31 e o programa selecionou como relevantes somente as variáveis: *pontos lingüísticos* e *escolaridade*. Em ambas as posições, a variável *pontos lingüísticos*, quando incluída na análise, era a primeira selecionada.

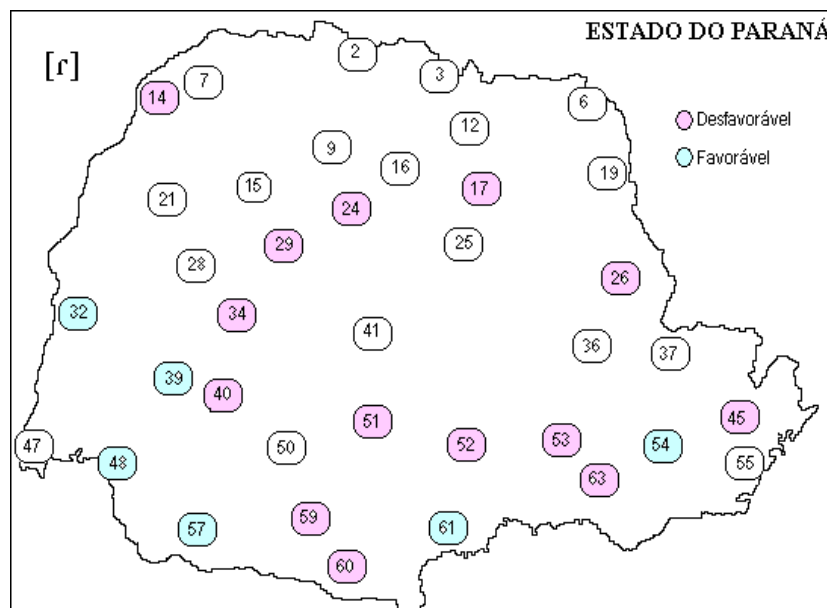


Figura 10: O tepe alveolar em posição intervocálica

A figura mostra que, entre os 20 pontos em que o tepe alveolar aparece, em nenhum é categórico e em apenas seis é favorecido. É interessante notar que apenas em dois pontos categóricos do uso do [h] em posição intervocálica

(figura 6) surge o [P], pontos 14 e 24, três ocorrências em cada um; bem como em dois pontos favoráveis ao [h], 17 e 40. Por outro lado, o tepe aparece em dezesseis pontos nos quais há o desfavorecimento da fricativa em prol da vibrante múltipla alveolar (figura 7), inclusive em três desses pontos [r] é categórico em relação a [h]. Com isso, de acordo com o que mostram os dados, levantamos a hipótese de que o informante que usa a vibrante múltipla alveolar em posição intervocálica apresenta mais probabilidade de usar também o tepe alveolar nessa posição; afinal, a diferença entre os dois fonemas está apenas na quantidade de vibrações da língua. Isso é reiterado na figura 14 (p. 122), pois os pontos, nos quais a retroflexa é desfavorecida em relação ao tepe alveolar, são os mesmos em que a fricativa é desfavorecida em relação à vibrante múltipla (/r/ forte intervocálico – figura 7). Desse modo poderíamos afirmar que [h] está para [♦], assim como [r] está para [P].

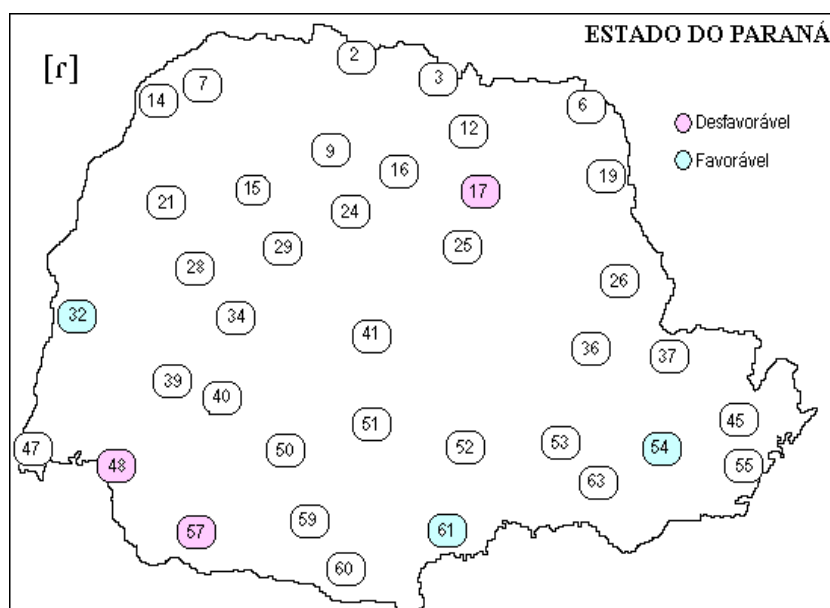


Figura 11: Tepe alveolar em início de palavra

O tepe alveolar em início de palavra detém 31 ocorrências, aproximadamente um quarto do total em posição intervocálica (/r/ forte), 122. Essa diferença se explica porque, na pronúncia do português padrão, o tepe não é a variante esperada em início de vocábulo, tanto que, em livros didáticos de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, não se encontram exercícios pedindo aos alunos que grafem palavras com um r ou dois rr em seu início; já na posição intervocálica esse

tipo de exercício é regular, uma vez que nesse contexto ocorrem as variantes de /r/ forte e o tepe alveolar e esses sons podem distinguir vocábulos.

Os seis pontos, em que o tepe ocorre em início de palavra, são os mesmos que em posição intervocálica e dispensam comentários, pois, o que dissemos sobre essa variante na posição intervocálica aplica-se também para a posição inicial. A única diferença é que no início de palavra, em apenas três pontos o tepe alveolar é favorecido.

Resgatando as informações que já temos sobre a ocorrência das variantes [h] e [r], vimos que há diferença na distribuição caso apareça em posição intervocálica ou inicial. Considerando somente os pontos categóricos (figuras 6 e 8), vemos que é maior o uso de [r] em posição intervocálica do que em posição inicial. O mesmo ocorre em relação ao tepe.

Assim como aconteceu com outras variantes no decorrer do presente estudo, a variável *escolaridade* determina o uso do tepe, tanto em posição intervocálica quanto inicial.

Tabela 24: Uso do [P] em oposição às variantes [r] e [h] em contexto intervocálico (/r/ forte)

	[P]			[r] e [h]			Total	
	Oco.	%	Peso Relat.	Oco.	%	Peso Relat.	Oco.	%
Analfabetos	47	15	0,399	255	84	0,601	302	56
Escolarizados	75	32	0,630	158	67	0,370	233	43

Tabela 25: Uso do [P] em oposição às variantes [r] e [h] em posição inicial

	[P]			[r] e [h]			Total	
	Oco.	%	Peso Relat.	Oco.	%	Peso Relat.	Oco.	%
Analfabetos	6	9	0,261	58	90	0,739	64	59
Escolarizados	25	58	0,825	18	41	0,175	43	40

Em ambas as posições, os escolarizados favorecem o uso do tepe alveolar e os analfabetos, as variantes do /r/ forte.

Tabela 26: Contexto lingüístico precedente e sua influência no uso do [P] em oposição [♦] e [P] no contexto /r/ forte intervocálico

Vogal	[P]			[r] e [h]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Baixa	42	18	0,362	191	81	0,638	233	43
Médias	66	27	0,627	177	72	0,373	243	45
Altas	14	23	0,525	45	76	0,475	59	11

O *contexto lingüístico precedente*, por sua vez, foi selecionado somente para a posição intervocálica e mostrou que o tepe alveolar em posição intervocálica é favorecido pelas *médias* (0,627) e pelas *altas* (0,525).

6.3.1 Uso do tepe e colonização

Quanto ao uso do tepe em contextos de /r/ forte, não podemos ainda ignorar o fato da influência da descendência do informante. Martins (1995, p. 350) afirma que antes da emancipação política apenas três pequenos núcleos de outras etnias que não os descendentes de portugueses se formaram: Rio Negro, alemães (1829); Ivaí, franceses (1847); Guaraqueçaba, suíços e alguns alemães e franceses. Após a instalação da província, num espaço de 13 anos, afirma, foram localizados 20.170 imigrantes distribuídos entre o litoral, o planalto de Curitiba e dos Campos Gerais, principalmente italianos e eslavos. E essa imigração continuou nos anos subseqüentes e só sofreu uma pausa durante a Primeira Guerra, todavia ainda entraram no Estado alguns imigrantes espontâneos. Conclui o autor que de 1829 a 1929 o total de imigrantes vindos para o Estado foi de 128.953.

Frente a essa vertiginosa presença de imigrantes estrangeiros, acreditamos que o uso do tepe em certos pontos do Paraná está vinculado a esse forte contingente imigratório das etnias eslavas e italianas. Ao confrontar os pontos lingüísticos e seu processo de colonização, vemos que essa hipótese é perfeitamente plausível, pois nos pontos de uso do tepe como Rondon (32), Cascavel (39), Francisco Beltrão (57) e União da Vitória (61) os historiadores (Ferreira, 1999; El-Khatib, 1969) apontam colonização teutônica e teuto-gaúcha ou

sulista. Outros pontos, como Capanema, Curitiba, Palmas e Lapa, embora os historiadores pesquisados não explicitem as etnias colonizadoras, deduzimos que também foram influenciados pelas mesmas etnias, afinal esses pontos demarcam uma faixa de uso do tepe no território paranaense. O único ponto mais isolado é São Pedro do Ivaí (24), para o qual os autores pesquisados nada comentam sobre seus colonizadores.

6.4 A VIBRANTE EM CONTEXTO DE TRAVA SILÁBICA

A vibrante em trava silábica tem sido objeto de estudo de um número considerável de pesquisas, como as desenvolvidas por Head (1972; 1978 e 1987), Votre (1979), Brandão (1995), Callou e Moraes (1995), entre outras, já expostas no capítulo 2.

A tabela 27 apresenta as variantes que ocorreram nesse contexto em nossos dados:

Tabela 27: Número de ocorrências de cada variante em trava silábica

	[P]	[ʃ]	[♦]	[©]	[r]	[w]	[O]	[ɬ]	[l]	Total
Oco.	202	388	1.05	15	06	15	13	08	02	1704
%	12	22	5	0,8	0,3	0,8	0,6	0,4	0,1	100

Na posição de trava silábica, durante as transcrições fonéticas, deparamo-nos com nove variantes: [ʃ] tepe retroflexo; [♦] aproximante alveolar; [©] aproximante retroflexa; [P] tepe alveolar; [r] vibrante alveolar sonora; [w] uau, valor de u assilábico; [O] zero fonético; [ɬ] lateral alveolar em trava silábica; [l] em trava silábica. Contudo, nem todas apresentam número razoável de realizações a ponto de possibilitar a análise em peso relativo pelo programa VARBRUL (ver tabela 27). Devido a isso, e conseqüentemente, aos nocautes gerados, foi preciso amalgamar as retroflexas [ʃ], ♦, ©] em oposição ao tepe [P] e descartar as demais variantes. Quanto às retroflexas, essa escolha justifica-se no fato de se diferenciarem apenas

pela menor ou maior intensidade de retroflexão e, sendo assim, para efeito de análise, passamos a considerá-las como uma só.

Apesar dessas alterações, ainda persistiram alguns nocautes e para eliminá-los precisamos de: a) amalgamar na variável *tonicidade da sílaba* o contexto sílaba *antepretônica e anterior à antepretônica à pretônica*; b) excluir da variável *modo de articulação da consoante seguinte* o contexto *consoante lateral* [l, lʁ, x, ɔ], pois só ocorreu [l] e uma única vez em [pe♦liʁlo)gu], informante masculino de Palmas; c) amalgamar as vogais do *contexto lingüístico precedente* em *baixa, média, e alta*; d) excluir os pontos em que ocorre categoricamente a retroflexa.

Após esses ajustes, fizemos as primeiras rodadas e percebemos durante o cruzamento de variáveis que as sociais continham os mesmos problemas apontados nos capítulos precedentes e, portanto, decidimos igualmente criar apenas dois fatores para as variáveis *escolaridade* e *faixa etária*. A variável diatópica dispensa comentários, pois se sabe que não pode cooptar com as sociais estabelecidas para esse trabalho. Por sua vez, as variáveis lingüísticas não apresentavam muitos problemas. Contudo, as variáveis *modo de articulação* e *ponto de articulação da consoante seguinte* revelaram-se complicadas devido à própria restrição dos fonemas da língua portuguesa (ver tabela 28).

Tabela 28: Cruzamento entre as variáveis *modo de articulação da consoante seguinte* e *ponto de articulação da consoante seguinte* – distribuição de ocorrências na variante [♦]

Modo de articulação \ Ponto de articulação	Velares [k, g]	Labiodentais [f, v]	Dental ou alveolar [t, d, s, z, z, n, l, ɔ]	Bilabiais [p, b, m]	Alveopalatais [tʃ, dʒ, ʃ, ʒ]
Oclusiva [p, b, t, d, k, g]	74	0	139	71	0
Fricativas [f, v, s, z, ʃ, ʒ]	0	71	73	0	15
Nasais [n, ɲ, m]	0	0	96	65	0
Africadas [tʃ, dʒ]	0	0	0	0	44

Por meio da tabela, vemos que entre os fonemas da língua portuguesa não ocorrem oclusivas labiodentais ou alveopalatais, uma vez que os

fonemas labiodentais e alveopalatais são fricativos [f, v] ou mesmo africados, caso de [tʃ, dʒ]. Frente a isso, decidimos fazer uma rodada com as duas variáveis e outras rodadas em que aparecesse ora uma ora outra, a fim de verificar o comportamento dessas duas variáveis. Os resultados foram os seguintes: estando as duas presentes, apenas *ponto de articulação* é selecionado como relevante; porém, se são analisadas em rodadas separadas, cada uma, por sua vez, é selecionada. Sendo assim, o melhor seria considerar as duas variáveis, porém em rodadas distintas. Dessa forma, as variáveis relevantes para o uso da aproximante alveolar conforme apontou o programa são: *os pontos lingüísticos, escolaridade, gênero, faixa etária, tonicidade, sonoridade, contexto lingüístico precedente, ponto de articulação da consoante seguinte, modo de articulação*. Como se vê, para o contexto trava silábica, com exceção do número de sílabas, foram selecionadas todas as variáveis como significativas. Da mesma forma que para /r/ forte e /r/ inicial, a variável diatópica, quando incluída, era a primeira a ser selecionada como estatisticamente relevante.

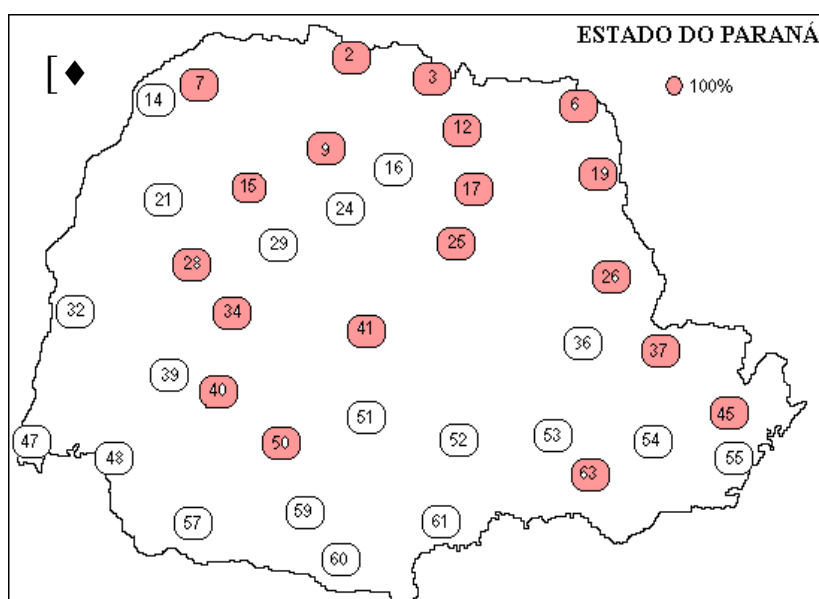


Figura 12: /r/ em trava silábica – ocorrência categórica da retroflexa

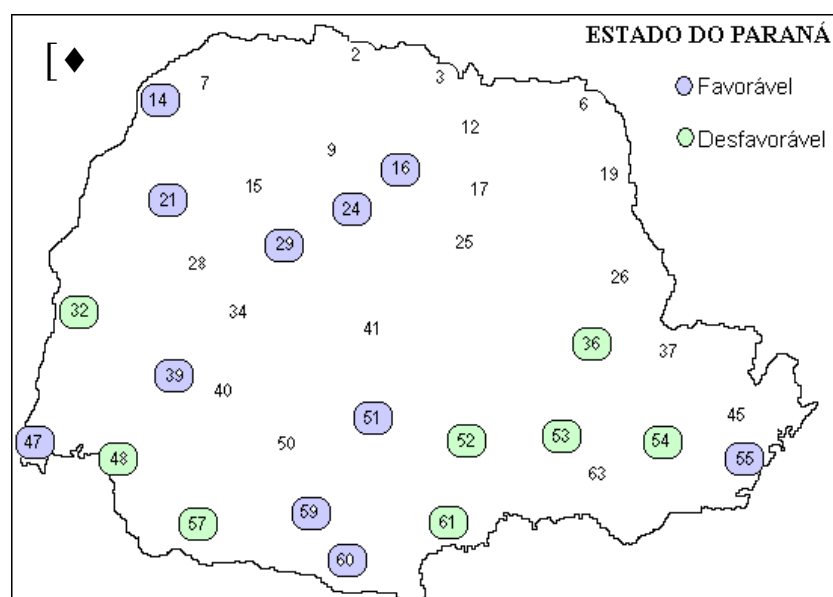


Figura 13: /r/ em trava silábica – área de variação entre [♦] e [P]

As figuras 12 e 13 evidenciam uma distribuição entre as variáveis análoga à carta 187 do ALPR – Isófonas do -/r/- em travamento silábico, em *parteira*. Contudo, ao comparar os resultados apresentados nas figuras com a carta 187 encontramos algumas diferenças. Essas dessemelhanças devem-se a dois motivos: primeiro, porque a Carta 187 de Aguilera considera três variáveis ([P], [r]e [♦]); já a figura baseia-se na oposição [♦] [P], já que a vibrante alveolar múltipla [r] aparece esporadicamente em nossos dados (6 ocorrências) no contexto de trava de sílaba, sendo descartada. Segundo, a carta 187 tem por base apenas o vocábulo *parteira* e nós, como já se sabe, trabalhamos uma quantidade maior de itens lexicais, aproximadamente três dezenas, portanto um número maior de contextos em que pode ocorrer a vibrante, por exemplo:

[ʁte♦sa] – duas sílabas; a vibrante encontra-se em posição tônica; contexto lingüístico precedente: vogal média-alta; contexto lingüístico subsequente: consoante fricativa alveolar surda.

[ʁko♦vu] - duas sílabas; a vibrante se encontra em posição tônica; contexto lingüístico precedente: vogal média-alta; contexto lingüístico subsequente: consoante fricativa labiodental sonora e etc.

[u}ɣtɕiga] – três sílabas; a vibrante se encontra em posição pretônica; contexto lingüístico precedente: vogal alta; contexto lingüístico subsequente: africada alveopalatal.

Além disso, submetemos os dados ao programa estatístico VARBRUL. Devido a tudo isso, há diferenças entre a mencionada carta e as figuras apresentadas neste trabalho. Para melhor entendê-las, sintetizamos em uma as duas figuras anteriores, de modo a ter uma região em que ocorre categoricamente a retroflexa e uma área em que o tepe também aparece, havendo assim variação entre as duas formas.

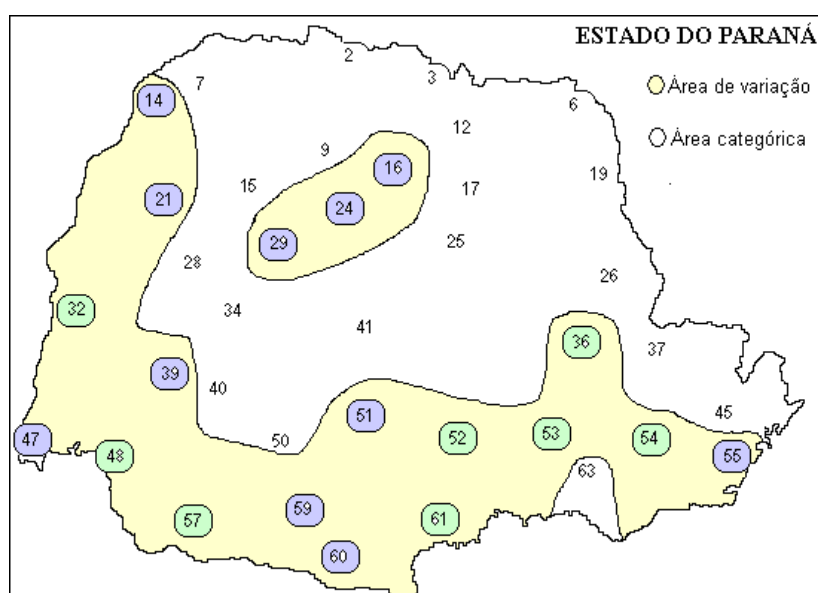


Figura 14: Uso do [ɣ] e do [P] – área categórica da retroflexa e área de variação entre as duas variantes

Como já dissemos, há desigualdades entre a figura 14 e a carta 187 do ALPR. Inicialmente, na área que em nosso trabalho aparece categoricamente a retroflexa, em dois pontos da Carta do ALPR há a co-ocorrência do tepe (6, 15) e nos pontos 28 e 32 apenas o tepe aparece, isto é, em *parteira*, de acordo com a mencionada carta, os informantes do ponto 28 e 32 realizam o tepe em trava de sílaba.

Essas diferenças crescem e se tornam mais complexas na área de variação. Ao olharmos a Carta 187, somos levados a acreditar que os pontos 14,16,

24, 29, 36, 51 e 55 são lugares em que só ocorre a variante retroflexa; entretanto, a figura 14 mostra que, embora a retroflexa seja altamente favorecida nesses pontos, o tepe também aparece em trava de sílaba, inclusive no ponto 36 o uso da retroflexa chega a ser desfavorecido. Outro caso é o dos pontos 21, 39, 59, 52, e 60, pois neles está explícito na Carta 187 que co-ocorrem as duas variantes, porém não fica claro que, embora apareçam as duas, nos pontos 21, 39, 59 e 60 a variante retroflexa seja a favorecida pelos informantes; por outro lado, no ponto 52 o tepe é o favorecido. Por sua vez, o ponto 48 aparece na Carta 187 como área de variação somente entre [♦]/[r], o tepe, no entanto, ocorre igualmente nesses lugares. Por outro lado, o ponto 57 apresenta-se na citada carta como área de variação entre [P] e [r], porém a retroflexa surge também. Dois pontos, 54 e 61, destacam-se na carta como área de uso somente do [r], porém surgem em nossos dados também as variantes [P] e [♦]. Por último, a carta mostra o ponto 32 como local de realização exclusiva do tepe, o que difere da figura 14, em que aparece esse ponto apenas como favorável ao tepe.

Como se vê, mesmo que se usem duas variantes em determinados pontos, isso não significa que ambas estejam em pé de igualdade. Por exemplo, tanto o ponto 21 quanto o ponto 61 usam as variantes [P] e [♦]; todavia, naquele a variante retroflexa é altamente favorecida (0,901), enquanto neste, é inibida (0,156). Portanto, as figuras 12, 13 e 14 acrescentam informações a respeito dessas variantes, indicando não somente a área de uso de uma ou outra, o que de certo modo o ALPR (Aguilera, 1994) já faz, mas também a probabilidade de ocorrência das variantes. Temos de considerar ainda que, provavelmente, as muitas diferenças encontradas entre a Carta 187 e a figura 14 devem-se ao fato de Aguilera (1994) ter considerado apenas o vocábulo *parteira*. Como abarcamos um número maior de contextos, surgem as diferenças mostradas acima. Com isso, acreditamos que somente com uma quantidade maior de contextos de ocorrência da vibrante e da verificação de outras variáveis podemos tecer a regra de uso da retroflexa em trava de sílaba. Quanto à distribuição diatópica, vemos que há duas áreas: uma em que a retroflexa é categórica e outra em que ela co-ocorre com o tepe alveolar.

Prosseguindo, ainda que os dados do ALPR favoreçam a análise de variáveis extralingüísticas (gênero, faixa etária, nível de escolaridade), a autora do ALPR durante a elaboração do mesmo não tinha por prioridade demonstrar o efeito

dessas variáveis no emprego das variantes do /r/. Com isso, na carta 187, como nas outras, é possível ver apenas a dimensão do gênero do informante, isto é, se determinada realização proveio de um homem ou mulher. Por outro lado, nossa análise, empregando o programa estatístico, oferta a possibilidade de averiguarmos as demais variáveis sociais mencionadas acima, bem como a de verificarmos o uso do /r/ em trava silábica num maior número de palavras e desse modo esclarecer sua regra de uso. A primeira a ser analisada é a *escolaridade*:

Tabela 29: Escolaridade e as variantes [♦] e [P] em trava de sílaba

	[♦]			[P]			Total	
	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%
Analfabetos	383	82	0,602	84	17	0,398	467	55
Escolarizados	265	69	0,376	116	30	0,624	381	44

A variável social *escolaridade* nos mostra, com o número de realizações, que a retroflexa é mais usada que o tepe alveolar, tanto entre os analfabetos, quanto entre os escolarizados. Entretanto, a despeito do número de realizações, vemos que o tepe alveolar tem maior probabilidade de realização entre os informantes com alguma escolarização (0,624); já a retroflexa ocorre mais freqüentemente com os analfabetos (0,602). Considerando que há uma diferença pequena entre analfabetos (20) e informantes com alguma escolaridade (17) na área de variação, reafirma-se o fato de que realmente a retroflexa é preferida pelos analfabetos, uma vez que não é a quantidade de informantes que ocasiona essa diferença, mas sim o uso das variantes, pois analfabetos tendem a usar a retroflexa e os escolarizados, o tepe. O mesmo se deu em posição intervocálica (/r/ forte), em que os analfabetos inibem o tepe alveolar e os escolarizados, o tepe retroflexo.

Tabela 30: Gênero e as variantes [♦] e [P] em trava de sílaba

	[♦]			[P]			Total	
	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%
Masc.	337	82	0,650	72	17	0,350	409	48
Fem.	311	70	0,360	128	29	0,640	439	51

O *gênero* do informante aponta claramente para a distinção entre o falar de homens e mulheres. Novamente as mulheres, assim como para /r/ fraco intervocálico, preferem a forma não estigmatizada, isto é, o tepe (0,640). Já os homens empregam a variante estigmatizada (0,650) bem mais freqüentemente que o tepe (0,360).

Tabela 31: Uso das variantes [♦] e [P] em trava silábica e faixa etária

	[♦]			[P]			Total	
	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%
Até 40 anos	239	78	0,566	65	21	0,434	304	35
Mais de 40 anos	409	75	0,463	135	24	0,537	544	64

A *faixa etária* indica que os informantes mais jovens empregam mais a variante retroflexa (0,566) que o tepe alveolar (0,434); por outro lado, há favorecimento do tepe alveolar pelos mais velhos (0,537) e inibição da retroflexa (0,463). Isso de certa forma contraria o que Head (1973) apontou em seu estudo sobre a cidade de Franca (SP), perto da fronteira com o Estado de Minas Gerais, uma vez que em tal pesquisa o autor mostrou que o “r-caipira” (retroflexa) é mais freqüente entre informantes mais velhos. Com isso, Head (1973) levanta a hipótese de que essa variante estaria em vias de desaparecimento, porém isso não é confirmado em nossos dados, pois, como vimos, são os informantes mais jovens que usam mais a retroflexa. Os resultados encontrados em trava silábica também vão de encontro ao que vimos no capítulo referente ao /r/ fraco intervocálico, no qual as probabilidades mostraram que o uso da retroflexa era mais provável em informantes com mais de 40 anos que nos mais jovens. Quanto a essa divergência entre nossos próprios dados, acreditamos que se justifica naquilo que já dissemos em outro capítulo: a necessidade de se estudar cada contexto separadamente, pois a vibrante se comporta de maneira diferente em cada contexto.

É interessante notar que, entre os dezenove pontos, em que há variação temos apenas 14 informantes da *faixa etária 1* e 24 da *faixa etária 2*, indicando, nesse caso, que em trava silábica, a retroflexa é a forma preferida no Paraná, porque mesmo num *corpus* em que há menor número de informantes mais jovens ela se destaca em relação ao tepe alveolar.

Tabela 32: As variantes [♦] e [P] em trava silábica e a sonoridade da consoante seguinte

	[♦]			[P]			Total	
	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%
Surda	267	71	0,326	109	28	0,674	376	44
Sonora	381	80	0,640	91	19	0,360	472	55

Essa variável apontou para o fato de que, se a consoante seguinte for *surda* favorecerá o tepe (0,674) e, se *sonora*, a retroflexa (0,640). Por outro lado, Gomes (1997), observa que, como contexto seguinte, o traço surdo é mais favorecedor das retroflexas. Essa diferença entre nosso trabalho e o de Gomes talvez seja conseqüência do *corpus* utilizado, pois a autora não menciona quais itens lexicais compunham o questionário aplicado na coleta dos dados; portanto, não podemos saber se as palavras levantadas tinham como contexto lingüístico seguinte consoante surda e sonora de maneira equilibrada, como temos em nossos dados: 472 (55%) consoantes sonoras; 376 (45%) consoantes surdas.

Tabela 33: As variantes [♦] e [P] e o ponto de articulação da consoante seguinte

	[♦]			[P]			Total	
	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%
Bilabiais	136	73	0,296	49	26	0,704	185	21
Labiodentais	71	79	0,415	18	20	0,585	89	10
Dental ou alveolar	308	76	0,567	96	23	0,433	404	47
Alveopalatais	59	86	0,869	9	13	0,131	68	8
Velares	74	72	0,388	28	27	0,612	102	12

A retroflexa é favorecida pelas *dentais alveolares* (0,567) e pelas *alveopalatais* (0,869), inibida mais pelas *bilabiais* (0,296), *labiodentais* (0,415) e *velares* (0,388). O inverso disso aplica-se ao tepe.

Tabela 34: As variantes [♦] e [P] em trava de sílaba e o modo de articulação da consoante seguinte

	[♦]			[P]			Total	
	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%
Oclusiva	284	72	0,432	108	27	0,568	392	46
Fricativa	159	75	0,456	53	25	0,544	212	25
Africadas	44	84	0,860	8	15	0,140	52	6
Nasais	161	83	0,565	31	16	0,435	192	22

O modo de articulação, por sua vez, indica que a retroflexa é favorecida pelas *africadas* (0,860) e *nasais* (0,565) e inibida pelas *oclusivas* (0,432) e *fricativas* (0,456).

Tabela 35: As variantes [♦] e [P] em trava de sílaba e a tonicidade da sílaba em que se apresenta

	[♦]			[P]			Oco.	%
	Oco.	%	Peso relat.	Oco.	%	Peso relat.		
Pretônica	275	74	0,417	93	25	0,583	368	43
Tônica	373	77	0,564	107	22	0,436	480	56

A retroflexa tem maior probabilidade de ocorrer em sílaba *tônica* (0,564) e o tepe em posição *pretônica* (0,583).

Tabela 36: Contexto lingüístico precedente e sua influência no uso de [♦] e [P]

	[♦]			[P]			Total	
	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%	Peso relat.	Apl.	%
Vogal								
Baixa	320	76	0,547	101	23	0,453	421	49
Médias	281	77	0,507	82	22	0,493	363	42
Altas	47	73	0,197	17	26	0,803	64	7

Se considerarmos que o ponto neutro estabelecido pelo programa é 0,500, temos que a variante retroflexa é levemente favorecida pela *vogal baixa*, pelas *médias* um pouco menos e nas *vogais altas* têm seu contexto altamente inibidor (0,197). De outro modo, se nos concentrarmos apenas na distância dos pesos relativos, podemos dizer que a *vogal baixa* e a *média* são bastante

favorecedoras da retroflexa, visto que 0,547 e 0,507 são bem distantes de 0,197, que é o peso relativo da *vogal alta*.

Como vimos, embora apareçam nove diferentes realizações do /r/ em trava silábica, podemos afirmar que se destaca no Paraná a oposição [P] [♦], visto que ocorre em metade dos pontos pesquisados. Todavia, apesar da variação existente, a retroflexa predomina em onze pontos e somente em oito, o tepe alveolar. Além disso, ficou claro que a *faixa etária*, a *escolaridade*, o *gênero*, o *contexto lingüístico precedente e subseqüente* influenciam no uso de uma ou outra variante.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se sabe, não há um “objeto natural” delimitado antes de uma opção teórica sobre o estudo da linguagem humana. Cada teoria recorta o “mundo” dos fenômenos de uma forma e assim constitui o seu objeto de estudos. A opção que tomamos foi a que privilegia as relações entre a linguagem e o aspecto social, preocupando-nos com as determinações sociais, além das lingüísticas, na escolha de certas formas utilizadas.

Com isso, queremos afirmar que apresentamos no decorrer da análise uma maneira de entender o uso das variantes do /r/ no Paraná, vendo no uso dessas variantes influências lingüísticas e sociais. Este trabalho, portanto, mostrou os resultados de uma pesquisa geovariacionista desenvolvida sobre o uso das vibrantes no falar rural paranaense. A análise quantitativa dos dados revelou que as diversas formas de /r/ deixam de apresentar distribuição diatópica a partir do momento que se consideram diversos contextos de ocorrência. Além disso, as variantes são também determinadas tanto por fatores lingüísticos quanto extralingüísticos. Em todos os contextos de /r/ estudados, com exceção de /r/ fraco, a primeira variável selecionada foi a diatópica, e entre as demais variáveis lingüísticas e extralingüísticas há maior presença das variáveis extralingüísticas, como a *faixa etária*, a *escolaridade* e o *gênero*.

O contexto de /r/ fraco intervocálico indica, com base no número de ocorrências, que o tepe predomina no falar rural paranaense. Contudo, das poucas realizações da variante retroflexa [ʁ] nesse contexto, pudemos ver que seu uso é determinado pelo *gênero* (masculino), pela *faixa etária* (informantes com mais de 40 anos), pelo *contexto lingüístico precedente* (vogal baixa) e pela *tonicidade*, a variável diatópica revelou que na maioria dos pontos a variante retroflexa é preterida em relação ao tepe alveolar.

Por sua vez, o contexto /r/ forte intervocálico mostrou que, apesar da distribuição diatópica que possa existir quando se considera apenas um vocábulo, há influência de outros fatores no uso de [h] em oposição a [r]. Alguns dos fatores determinantes do uso de uma ou outra variável são a *tonicidade* e o *número de sílabas*; no caso, quando temos a presença da vibrante em sílaba *tônica*, esta

realiza-se como [h], já quando está em posição *pretônica*, realiza-se como [r], a posição *postônica* apresentou-se equilibrada. A *faixa etária* também influencia, de maneira que temos um forte uso da variante posterior [h] pelos informantes mais jovens e da variante [r] pelos informantes com mais de 40 anos.

Em posição de início de palavra vimos que ocorrem as mesmas variantes que em posição intervocálica (/r/ forte); contudo, percebemos que a probabilidade de uso nos dois contextos diverge em vários pontos. Além disso, os fatores lingüísticos que determinam o uso das variantes em /r/ forte intervocálico são a *tonicidade* e o *número de sílabas*; já para /r/ inicial, apenas a *tonicidade*. É preciso comentar também que nesses dois contextos – /r/ forte intervocálico e /r/ inicial – aparecem algumas realizações do tepe alveolar, cuja ocorrência é mais freqüente em contexto intervocálico que inicial e resultam, provavelmente, da influência da língua de origem dos colonizadores desses pontos, pois, como mostrou a história desses lugares, houve imigração teutônica e teuto-gaúcha ou sulista.

O terceiro contexto em que estudamos o fonema /r/, trava silábica, mostrou que há muitas variáveis determinando o uso [♦] em oposição a [P] e que a primeira predomina em quase todo o território, principalmente se considerarmos o número de ocorrências no *corpus* (1480 > 199). A variável diatópica também revelou diferenças em relação à carta 187 – Isófonas do -/r/- em travamento silábico, em *parteira* – (AGUILERA, 1994), diferenças essas que se explicam pelo fato de tomarmos um número maior de contextos de ocorrência do fonema e o tratarmos de forma quantitativa. Seguindo a ordem destacada pelo programa, sobre quais variáveis direcionam o uso da variante retroflexa em trava silábica, vimos que seu emprego é mais de informantes não escolarizados, do gênero masculino. As variáveis lingüísticas determinantes envolvem o caráter surdo/sonoro; no caso, as surdas favorecem o emprego da retroflexa. Também o *ponto de articulação* foi destacado como relevante, mostrando que as alveopalatais têm papel determinante. Por sua vez, as vogais, como *contexto lingüístico precedente*, indicaram que vogais média e baixa favorecem o uso da retroflexa. Por último, a variável *faixa etária* mostrou que a retroflexa em trava silábica é empregada por informantes mais jovens, ou seja, até 40 anos. Isso contrasta com a posição intervocálica (/r/ fraco) em que, ao compararmos as variantes tepe alveolar sonoro e tepe retroflexo sonoro,

depreendemos que, nesse contexto, a variante retroflexa era usada por informantes da segunda faixa etária.

Com esses resultados, concluímos, por enquanto, nossa reflexão sobre as realizações do fonema /r/ no falar rural paranaense, certos de que buscamos explicar os fatores lingüísticos e extralingüísticos que atuam no emprego desse fonema tão variante. Porém, permanecemos na certeza de que não esgotamos o assunto, pelo contrário, quanto mais estudamos um fenômeno mais aspectos surgem para serem investigados. Por exemplo, os resultados a que chegamos por meio desses dados, como mencionamos, coletados há quase 20 anos, seriam os mesmos se fôssemos a campo hoje? E o Brasil? Quantas e quais realizações desse fonema não encontraremos? Muitas. A língua é heterogênea e sofre variações, porém essa variação é passível de sistematização, e até que se prove o contrário, buscaremos essas sistematizações.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Ed. "O Livro", 1920.

_____. *O dialeto caipira*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

AMARAL, Serafina Traub Borges do. Contribuição para um inquérito lingüístico no litoral do Paraná. *Letras*, Curitiba, 5/6, p. 157-166, dez. 1956.

ANDRETTA, Therezinha. Algumas particularidade lingüísticas de Laranjeiras do Sul, Paraná. *Letras*, Curitiba, n. 17, p. 179-185, 1969.

BABLER, Alessandra Caldeira; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Algumas particularidades fonéticas do município de Cândido de Abreu. In: CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 12, 1999. Foz do Iguaçu. *Anais...* Campo Mourão: Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, 1999. (Compact Disc)

BERTANI, Sílvia Renata. Análise fonológica do infinitivo na fala de Porto Alegre. *Revista Língua e Literatura*, ano 1, n. 1, p. 19-40, ago. 1998.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. O /R/ implosivo no norte do estado do Rio de Janeiro. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Orgs.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 49-58.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2s. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.13-75.

CALLOU, Dinah Maria Isensee. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. 1979. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CALLOU, Dinah Maria Isensee; MORAES, João Antônio de. Condicionamento sócio e geolingüístico na realização do /R/ no português do Brasil. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 69-78, jul. 1995.

CALLOU, Dinah Maria Isensee; MORAES, João Antônio de; LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *Delta*, Rio de Janeiro, v.14, p. 61-67, 1998.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

GOMES, Mariza Lima Gomes. Análise e Identificação dos contextos lingüísticos e extralingüística que favorecem a variação /h/ em /r/ no falar paraibano. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 1, 1997, João Pessoa. Anais... João Pessoa: UFPB, 1997. p. 57-65.

GUSMÃO, Alessandra Babler. *Realizações do /R/ na variedade lingüística falada em Cândido de Abreu – Paraná*. 2000 Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

_____. *O /r/ em posição de trava silábica no falar rural paranaense nas cartas do ALPR*. Selesigno, 2002. (No prelo)

GUSMÃO, Alessandra Babler; PONTES, Ismael. As vibrantes múltiplas na fala popular de Cândido de Abreu-PR: uma abordagem geovariacionista. *Signum*, Londrina, n. 4, p. 155-164, dez. 2001.

HEAD, Brian. O Estudo do “r-caipira” no contexto social. *Revista Vozes*, Petrópolis, n. 5, p.644-649, 1973.

_____. Subsídios do Atlas Prévio dos Falares Baianos: para o estudo de uma variante dialetal controvertida. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 1, p. 21-34, 1978.

_____. Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do “r caipira”. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson (Orgs.) Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

LINO, Fádua Maria Moisés. Cândido de Abreu: algumas realizações do arquifonema /R/ na fala de seu povo. *Estudos lingüísticos*, São Paulo, 2000, n. 29, p. 257-263, 2000.

_____. *Aspectos lingüísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolingüístico*. Londrina, 2000a. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MALMBERG, Bertil. *A fonética: no mundo dos sons da linguagem*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MERCER, José Luiz da Veiga. Notas dialetológicas sobre Guaraqueçaba. *Estudos Brasileiros*, vol. 2, n. 3., p. 35-64, jun. 1977.

_____. *Áreas fonéticas do Paraná*. 1992. (Tese/Professor Titular de Lingüística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MIRANDA, A.R.M. A aquisição das líquidas não-laterais no português do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 123-131, jun. 1998.

MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, Maria da Conceição de. Restrições estruturais atuando na relação entre [l] → [r] e [r] → [0] em grupos consonantais em português. *Abralin*, n. 11, p.181-189, jun. 1991.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. O status fonológico da vibrante. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.29, n. 4, p. 153-157, dez. 1994.

_____. Análise sociolingüística da vibrante no sul do Brasil. *Graphos*, João Pessoa, v.2, n.1, p. 25-34, jan. 1997.

_____. A vibrante no sistema do português. In: ENCONTRO DO CELSUL, 1, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: 1997a, v. 2.

_____. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do Sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

RAND, D.; SANKOFF, D. *GoldVarb: a variable rule application for Macintosh*. 1990

ROBERT, Paul et al. *Micro Roberts: dictionnaire du français primordial*. Paris: S.N.L, 1971.

ROBINSON, J. S.; LAWRENCE, H. R.; TAGLIAMONTE, S.A. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. 2001.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SÊCCO, Glacy Camargo. Aspectos lingüísticos palmeirenses: pesquisa dialetológica. *UNILETRAS*, Ponta Grossa, n.5, p. 7-31, dez. 1983.

SELKIRK, E. The Syllabe. In: HULST, H., SMITH, N. (Eds.) *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, 1982. v. 2, p.337-379.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. *O português arcaico: fonologia*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2001

SKEETE, Nadir Arruda. O uso da variável da vibrante na cidade João Pessoa. *Graphos*, João Pessoa, v.2, n.1, p. 77-96, jan. 1997.

TARALO, Fernando. *A sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Ática, 1986.

VARELLA, Noely. Aquisição das líquidas não-laterais na linguagem escrita. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 36, n.3, p. 497-505, set. 2001.

VOTRE, Sebastião José. Aspectos da variação fonológica no Rio de Janeiro: processos de redução de travamento silábico. *Letras de hoje*, Porto Alegre, vol. 12, n. 37, p. 36-52, set. 1979.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*. 2. ed. Rio de Janeiro: I.N.L., 1973.

ANEXOS

ANEXO A: Nome dos Pontos Lingüísticos em Ordem Numérica dos Pontos.

- 02 – Santo Inácio
- 03 – Primeiro de Maio
- 06 – Jacarezinho
- 07 – Loanda
- 09 – Maringá
- 12 – Jataizinho
- 14 – Querência do Norte
- 15 – Cianorte
- 16 – Apucarana
- 17 – São Jerônimo da Serra
- 19 – Siqueira Campos
- 21 – Umuarama
- 24 – São Pedro do Ivaí
- 25 – Ortigueira
- 26 – Jaguariaíva
- 28 – Goio-erê
- 29 – Campo Mourão
- 32 – Marechal Cândido Rondon
- 34 – Campina da Lagoa
- 36 – Castro
- 37 – Cerro Azul
- 39 – Cascavel
- 40 – Guaraniaçu
- 41 – Pitanga
- 45 – Antonina
- 47 – Foz do Iguaçu
- 48 – Capanema
- 50 – Laranjeiras do Sul
- 51 – Guarapuava
- 52 – Irati

- 53 – Palmeira
- 54 – Curitiba
- 55 – Paranaguá
- 57 – Francisco Beltrão
- 59 – Manguueirinha
- 60 – Palmas
- 61 – União da Vitória
- 63 – Lapa

ANEXO B: Nome dos Pontos Lingüísticos em Ordem Alfabética.

- 45 – Antonina
- 16 – Apucarana
- 34 – Campina da Lagoa
- 29 – Campo Mourão
- 48 – Capanema
- 39 – Cascavel
- 36 – Castro
- 37 – Cerro Azul
- 15 – Cianorte
- 54 – Curitiba
- 47 – Foz do Iguaçu
- 57 – Francisco Beltrão
- 28 – Goio-erê
- 40 – Guaraniaçu
- 51 – Guarapuava
- 52 – Irati
- 06 – Jacarezinho
- 26 – Jaguariaíva
- 12 – Jataizinho
- 63 – Lapa
- 50 – Laranjeiras do Sul
- 07 – Loanda
- 59 – Mangueirinha
- 32 – Marechal Cândido Rondon
- 09 – Maringá
- 25 – Ortigueira
- 60 – Palmas
- 53 – Palmeira
- 55 – Paranaguá
- 41 – Pitanga
- 03 – Primeiro de Maio

- 14 – Querência do Norte
- 02 – Santo Inácio
- 17 – São Jerônimo da Serra
- 24 – São Pedro do Ivaí
- 19 – Siqueira Campos
- 21 – Umuarama
- 61 – União da Vitória

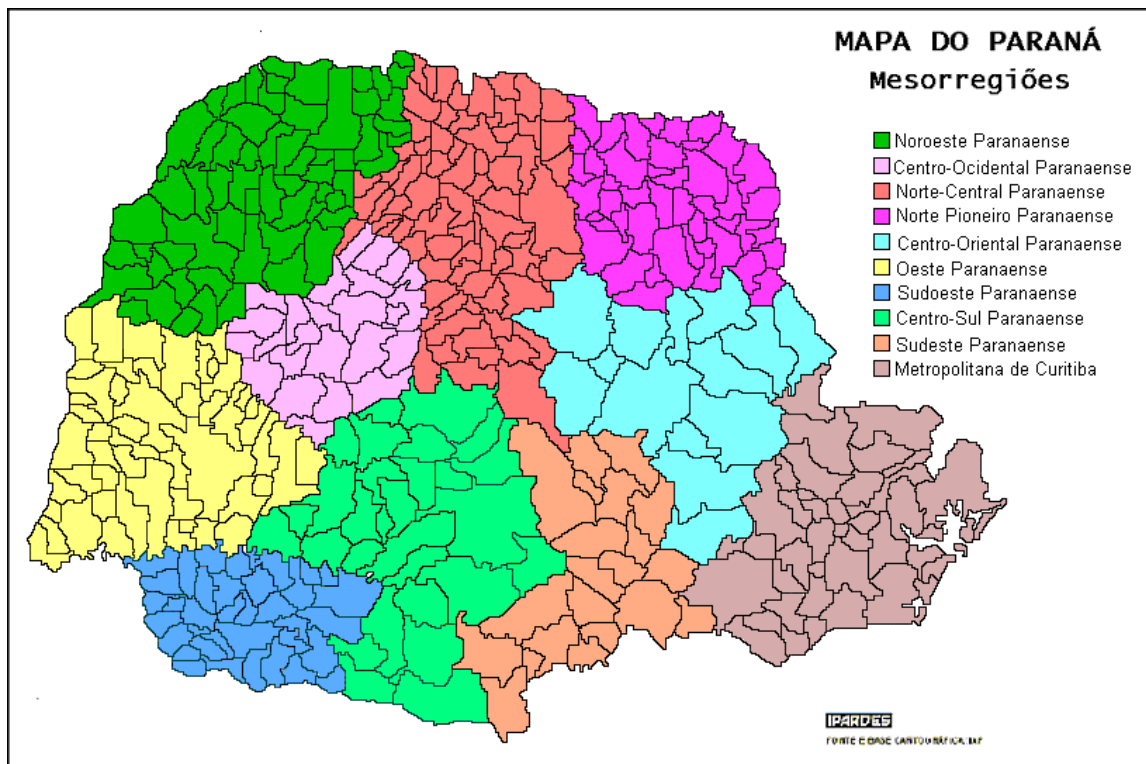
ANEXO C: Tema da Pergunta do Questionário do ALPR (Aguilera, 1994)¹⁸

1. Tipos de terreno
2. Terreno próximo aos rios/vargem
3. Rio pequeno
4. Correnteza/corredera
5. Margem do rio
13. Areia
15. Onda de rio
16. Montanha
18. Parte mais alta de um terreno
19. Margem da estrada/barranco
20. Trilho do gado
34. Arco-íris
35. Chuva miúda e demorada / garoa
41. Redemoinho
43. Relâmpago
44. Raio
45. Corisco
46. Enxurrada
47. Orvalho
48. Cerração
50. Estações do ano
51. Dias da semana
58. Meses do ano
59. Árvore
62. Urtiga
65. Raiz
84. Garapa
104. Urubu
106. João-de-barro

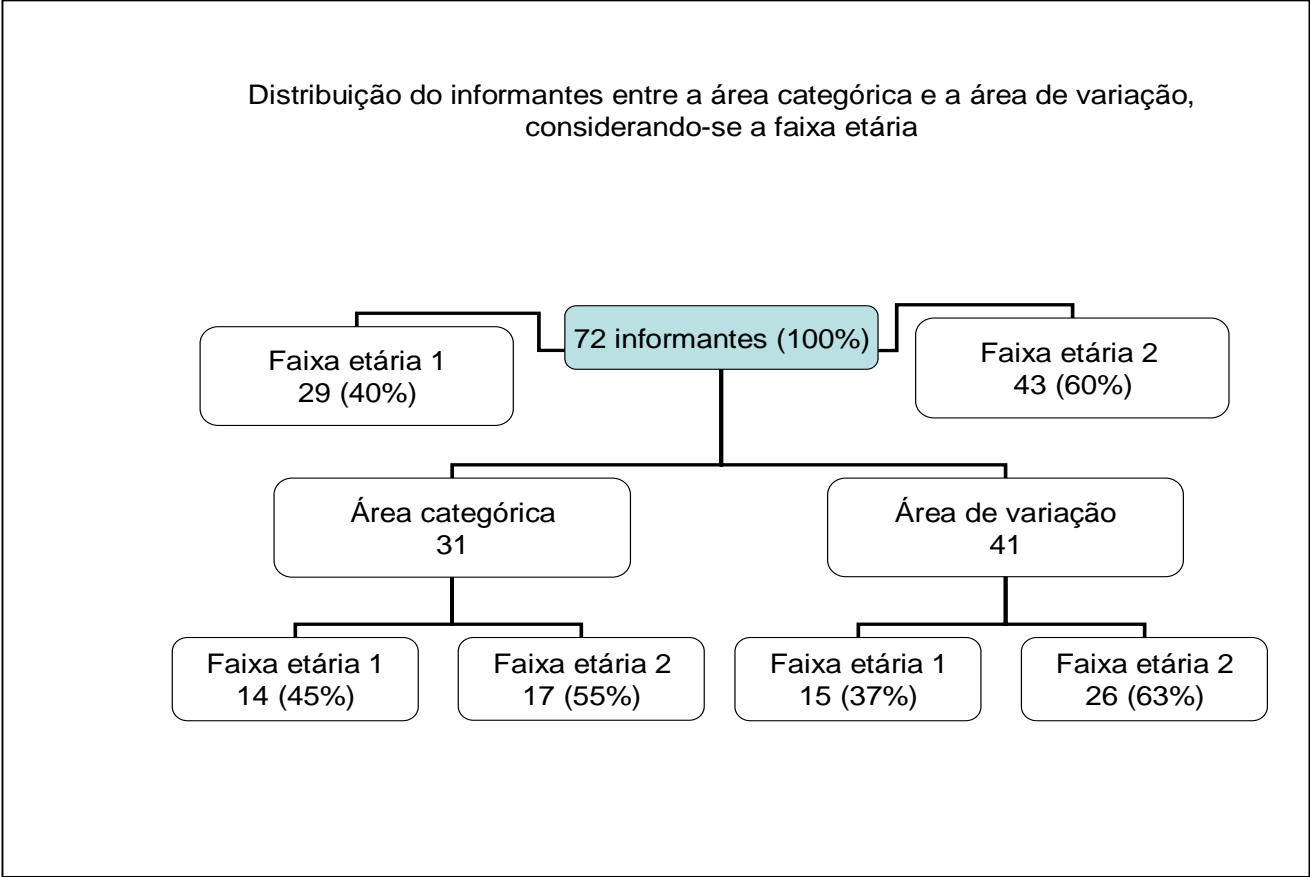
¹⁸ Os números segue a ordem estabelecida por Aguilera (1994), na apresentação do ALPR.

124. Arreio
128. Lagarto
129. Lagartixa
134. Carrapato
136. Besouro
139. Percebejo
143. Pernilongo
144. Borboleta
145. Aranha
149. Peixe (espécies)
151. Ferrão
155. Rato
159. Moleira
161. Careca
164. Cara
165. Ruga
178. Barba
190. Remela
196. Ranho
200. Orelha
202. Surdo
203. Nariz
205. Espirro
208. Xarope
209. Remédio
213. Tuberculose
215. Farmácia
217. Farmacêutico
223. Coração
228. Parteira
229. Aborto
238. Canhoto
246. Perneta

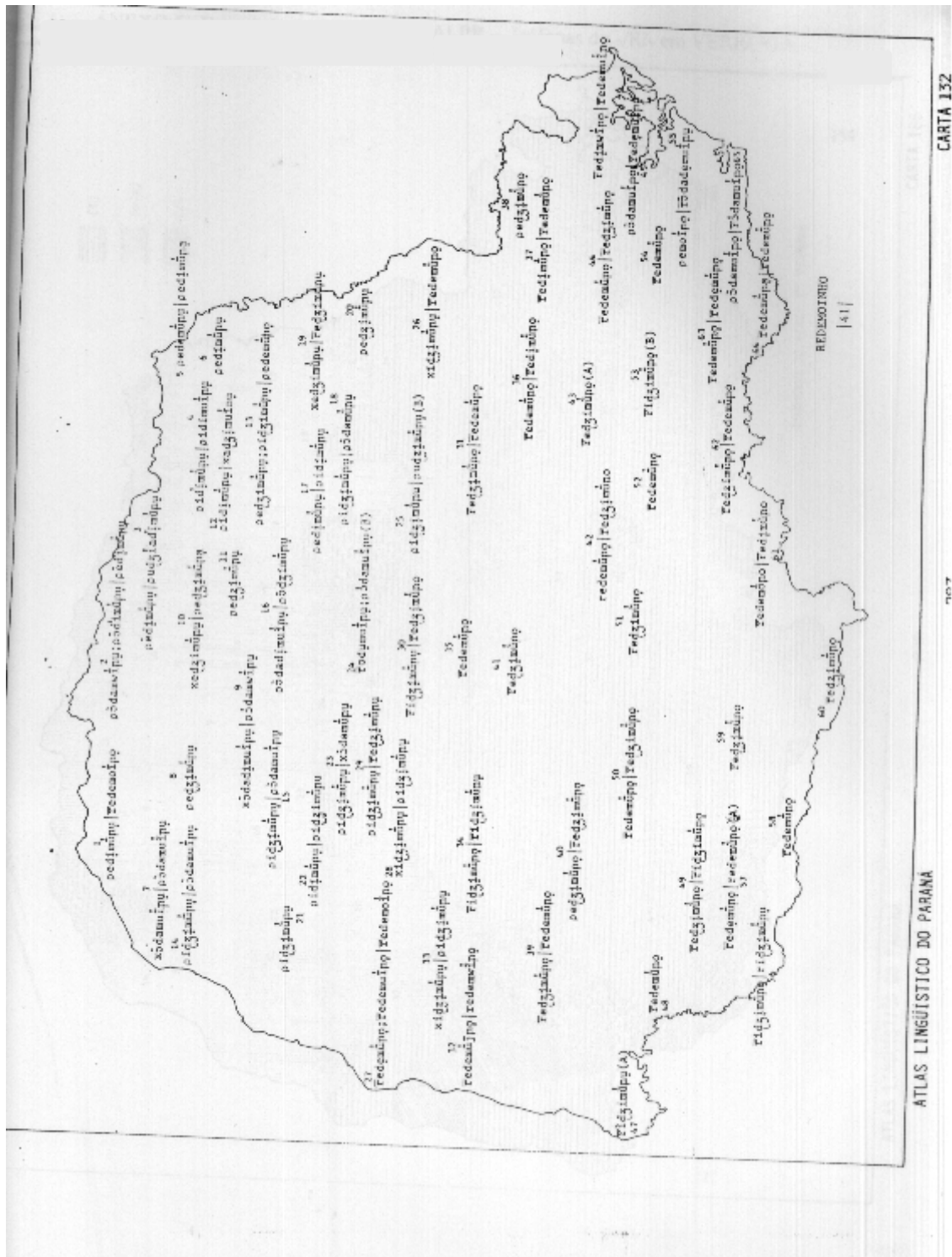
- 258. Verruga
- 259. Sarda
- 260. Sarna
- 265. Cueca
- 277. Arroz
- 280. Instrumento para cortar arroz
- 283. Restolho (espiga com poucos grãos)
- 285. Bandeira
- 288. Curau
- 291. Coador
- 292. Torrador
- 300. Arado
- 316. Gangorra.

ANEXO D: O Paraná e Suas Mesorregiões

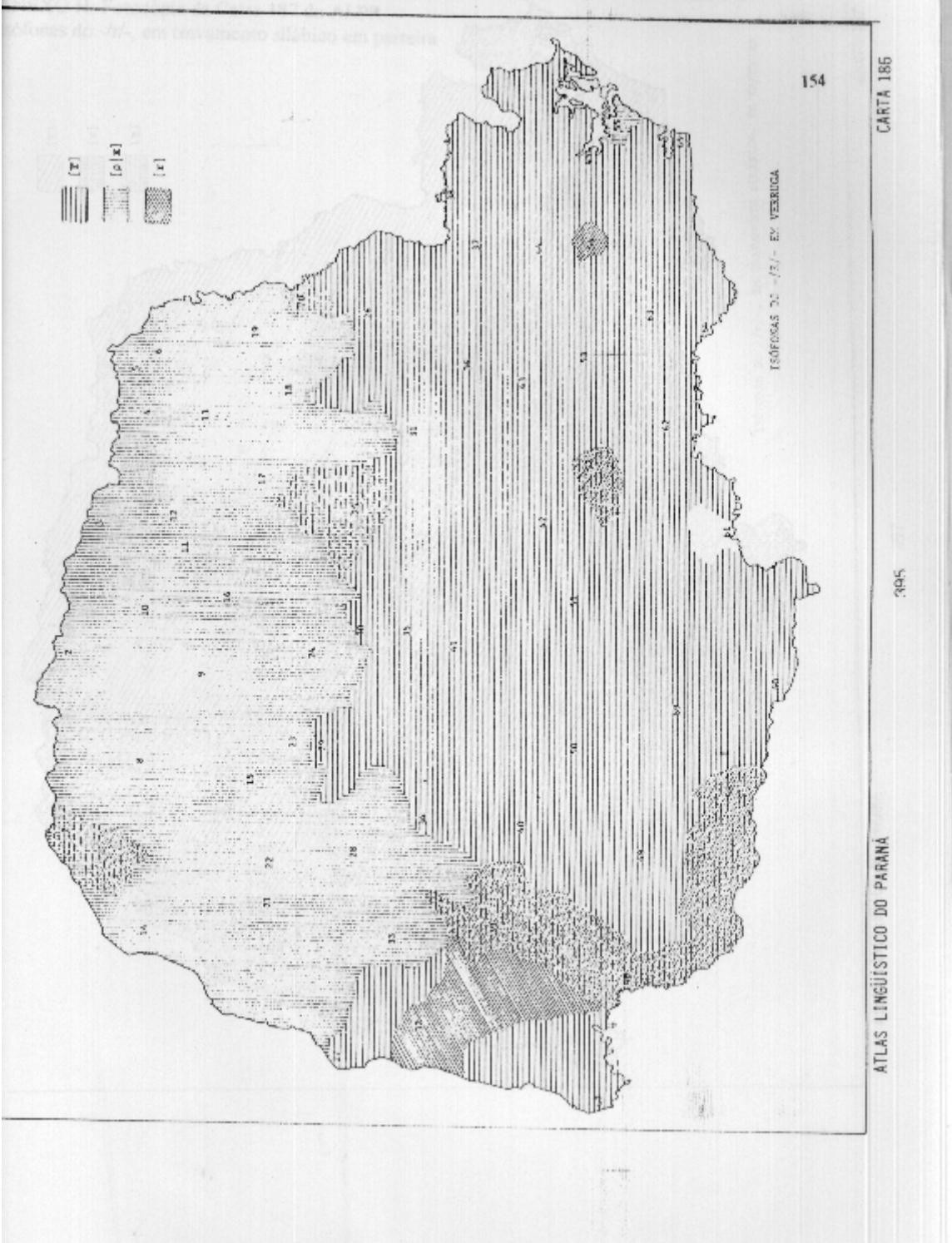
ANEXO E: Distribuição dos informantes entre a área categórica e a área de variação, considerando-se a faixa etária



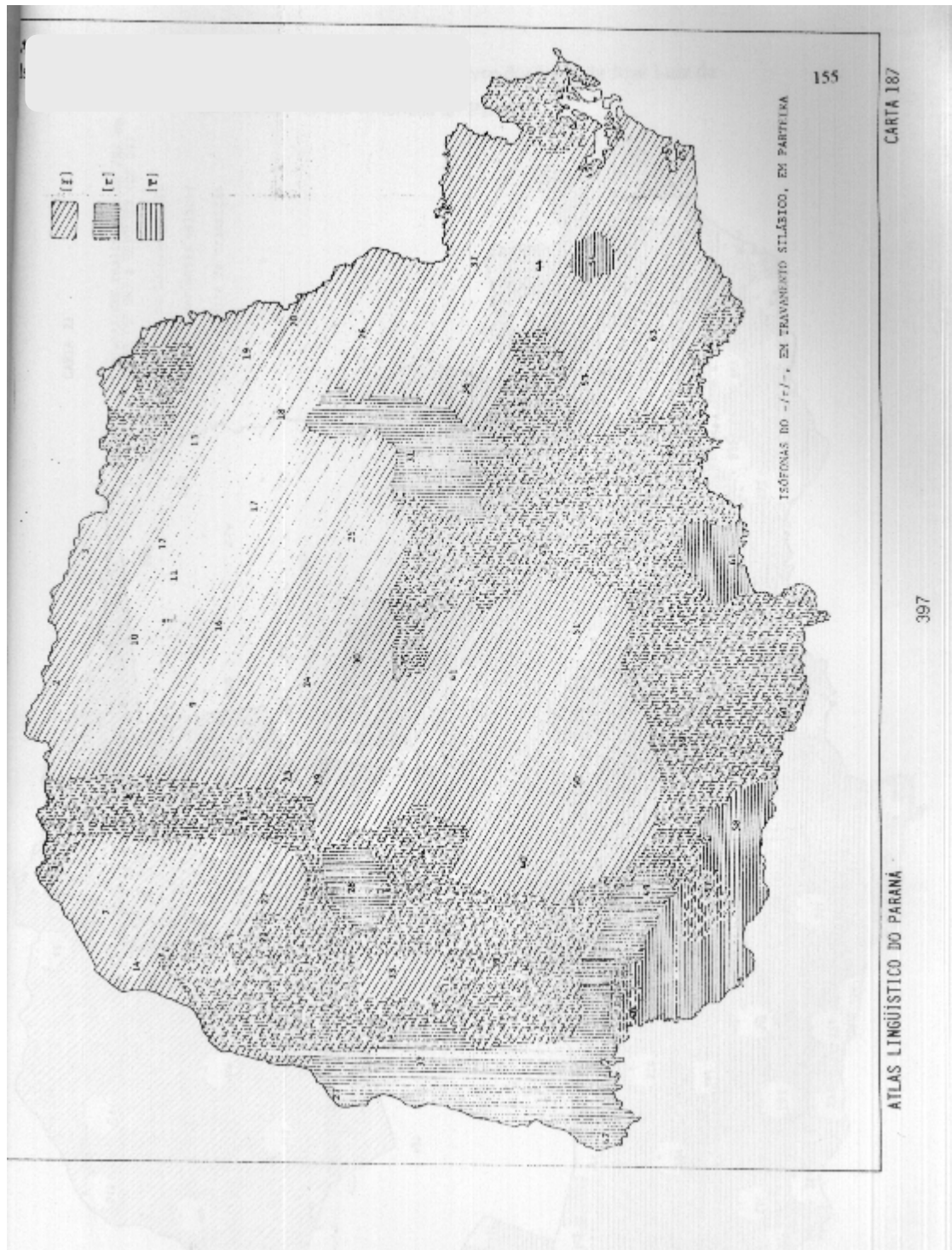
ANEXO F: Fotocópia da Carta 132 do ALPR – Redemoinho



ANEXO G: Fotocópia da Carta 186 do ALPR – Isófonas do -R/- em VERRUGA



ANEXO H: Fotocópia da Carta 187 do ALPR – Isófonas do -r/-, em travamento silábico em parteira



ANEXO I: Fotocópia da Carta 21 da tese de livre docência de José Luiz da Veiga Mercer “Áreas fonéticas do Paraná”

